



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

NÔMADES DIGITAIS: QUEM SÃO ESTES NOVOS TURISTAS?

Nathália Silva Gomes

Orientação | Prof^a Doutora Joana Lima

Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos

Dissertação

Évora, 2019



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

NÔMADES DIGITAIS: QUEM SÃO ESTES NOVOS TURISTAS?

Nathália Silva Gomes

Orientação | Prof^a Doutora Joana Lima

Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos

Dissertação

Évora, 2019



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Para todos que tem coragem de seguir os seus sonhos, para a minha

Avó (in memoriam) e minha mãe que são a minha base.

Agradecimentos

Ao final de mais uma etapa vencida, devo agradecer primeiramente a Deus que me abençoou e me ajudou a manter a força e foco para ultrapassar todos os momentos difíceis até a concretização deste mestrado.

À minha mãe, que sempre me incentivou a estudar e a seguir os meus sonhos, que sempre acreditou em mim e me colocou para cima e, mesmo longe, ela sempre me apoiou e me mandou boas energias.

À Fátima, Jorge e Ruben que me receberam de braço abertos em Portugal e contribuíram para que a minha estadia fosse mais leve e feliz. Sem o apoio, carinho e incentivo deles as coisas seriam muito mais difíceis.

À minha orientadora, professora Joana Lima, por me ajudar na concretização desse sonho, me ajudando na orientação dessa dissertação com muito rigor, profissionalismo e carinho. Pelo apoio e conselhos e pelo incentivo em momentos de menos ânimo.

E por fim, e não menos importante, a todos os entrevistados que se dispuseram a cooperar com a pesquisa respondendo as questões e por contribuir de forma muito valiosa para essa pesquisa. Muito obrigada a todos.



Nômades Digitais: Quem são esses novos turistas?

“A vida é uma viagem a três estações: ação, experiência e recordação.”
Júlio Camargo

Resumo

Os nômades digitais representam um novo estilo de vida, caracterizado principalmente pela liberdade e viagem contante, utilizando a tecnologia como aliado para conciliar o turismo e o trabalho no seu dia a dia. Estas pessoas representam ainda um segmento de mercado novo, emergente e com desafios muito específicos para o setor do turismo, acerca do qual não existem ainda muitos estudos a nível internacional.

Neste contexto, a presente dissertação pretende entender quem são os nômades digitais, particularmente enquanto segmento turístico. A abordagem metodológica escolhida para concretizar este objetivo foi a abordagem qualitativa, com recurso à entrevista semiestruturada para a recolha de dados e à análise de conteúdo para análise dos dados.

Os resultados evidenciam que os nômades digitais são pessoas com habilitações literárias de nível superior, que já não se identificam com uma vida de trabalho considerada “normal” na sociedade atual. Os nômades digitais normalmente viajam acompanhados e procuram seguir, mesmo que minimamente, uma rotina para manter a organização do trabalho. Em cada novo destino começam por ter comportamentos bastante aproximados de alguns turistas alternativos já conhecidos e parecem trazer alguns impactos positivos na economia local, bem como ao nível da preocupação com a preservação e conservação local.

Palavras-Chave: turismo; estilo de vida; nômades digitais; trabalho à distância

DIGITAL NOMADS: WHO ARE THESE NEW TOURISTS?

Abstract

The digital nomads represent a new way of life, characterized mainly by freedom and constant travel, using technology as an ally to combine tourism and work in their daily lives. These people also represent a new market segment, with very specific challenges for the tourism sector, about which there is a gap in scientific literature.

In this context, the present dissertation intends to understand who the digital nomads are, particularly as a tourist segment. The methodological approach chosen to achieve this objective was the qualitative approach, using semi-structured interviews for data collection and content analysis for data analysis.

The results show that digital nomads are people with higher education qualifications, who no longer identify himself with a life considered as “normal” nowadays. Digital nomads usually travel with companion and seek to follow, even minimally, a routine to keep the organization of work. In each new destination they begin to have very close behaviours to some known alternative tourists and seem to bring some positive impacts on the local economy, as well as the level of concern for local preservation and conservation.

Keywords: tourism; Lifestyle; digital nomads; telecommuting

Índice Geral

Índice de Figuras	iii
Índice de Tabelas	iv
Lista de Abreviaturas	v
1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Relevância e objetivos.....	01
1.2 Estrutura da Dissertação.....	04
2 A EVOLUÇÃO DA INTERNET E AS MUDANÇAS NAS ESTRUTURAS DE TRABALHO E DA SOCIEDADE	05
2.1 Introdução.....	05
2.2 Breve nota da evolução da Tecnologia nas últimas décadas	06
2.3 Transformações na Organização da Sociedade e do Trabalho.....	08
2.3.1 Baby Boomers, Geração X, Geração Y e Geração Milenar.....	13
2.4 O surgimento de novos estilos de vida.....	23
2.4.1 Os Nômades digitais.....	30
2.5 Conclusão.....	36
3 TECNOLOGIA, TURISMO E O SURGIMENTO DOS NÔMADES DIGITAIS.....	38
3.1 Introdução.....	38
3.2 Tecnologia e turismo.....	39
3.3 O Nômade Digital enquanto segmento turístico	45
3.4 Conclusão.....	53
4 METODOLOGIA.....	55
4.1 Introdução.....	55
4.2 Metodologia Qualitativa.....	55
4.3 Métodos de recolha de dados.....	61
4.4 Métodos de Análise de dados.....	69
4.5 Conclusão.....	72
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	73

5.1	Introdução.....	73
5.2	Caracterização da amostra.....	73
5.2.1	Caracterização sociodemográfica dos nômades digitais	73
5.2.2	Caracterização referente à viagem.....	76
5.3	O trabalho na vida nômade.....	77
5.4	Caracterização do estilo de vida nômade digital.....	85
5.5	Relação percebida entre o Turismo e o estilo de vida nômade.....	111
5.6	Futuro nômade.....	118
5.7	Conclusão.....	119
6.	CONCLUSÕES	121
6.1	Introdução.....	121
6.2	Principais conclusões e implicações.....	121
6.3	Principais contribuições.....	125
6.4	Principais dificuldades e limitações.....	126
6.5	Sugestões para investigação futura.....	127
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
	APÊNDICE I.....	132
	APÊNDICE II.....	134
	APÊNDICE III.....	141

Índice de Figuras

Figura 5.1: Distribuição etária dos entrevistados	74
Figura 5.2: Distribuição dos entrevistados consoante o seu nível de habilitações literárias.....	75
Figura 5.3: Faixa Etária dos agregados dos entrevistados.....	76
Figura 5.4: Relação com blogs e redes sociais.....	77

Índice de Tabelas

Tabela 2.1: Sistematização das características de cada geração.....	21
Tabela 4.1: Justificação das questões introduzidas no guião de entrevista realizada	67
Tabela 5.1: Os dois lados do nomadismo digital.....	98

Lista de Abreviaturas

TI – Tecnologia da Informação

TIC – Tecnologia da Informação e comunicação

OMT – Organização Mundial do Turismo

Nota: Esta dissertação está escrita em Português do Brasil

1. INTRODUÇÃO

1.1 Relevância e objetivos

O trabalho influencia fortemente a vida das pessoas e a sociedade como um todo. A utilização generalizada das novas tecnologias veio modificar algumas relações e modelos de trabalho, influenciando o surgimento de diferentes estilos de vida. A melhoria significativa na mobilidade e o desenvolvimento dos transportes também foram decisivos para a possibilidade do surgimento de novos estilos de vida (Hannam, Butler e Paris 2013). Reichenberger (2017) sugere que os impactos das novas tecnologias têm mudado a maneira como se faz turismo e o papel das viagens na vida das pessoas. Estes fatores conjugados, originaram novos estilos de vida em que o turismo assume um papel central na vida das pessoas, como é o caso dos nômades digitais.

Kannisto (2016) destaca que os estudos na área do turismo se baseiam no pressuposto de que as pessoas têm casa, uma área de origem à qual regressam sempre no final de uma viagem turística. Nos dias de hoje, muitas pessoas ainda trabalham da forma convencional em um local definido e com funções estabelecidas, porém nas últimas décadas tem crescido o número de pessoas com maior mobilidade espacial e geográfica que podem trabalhar de onde quiser (Reichenberger, 2017). Os nômades digitais surgiram neste contexto da possibilidade de trabalhar remotamente, realizando suas tarefas e atividades a partir de qualquer país ou cidade, de casa, hotéis, restaurantes, cafés, parques, bibliotecas ou onde quiser. Até o momento não existe um conceito único que defina os nômades digitais, existindo poucos estudos científicos sobre este novo segmento turístico.

Neste contexto, os nômades digitais contrariam esse pensamento convencional, porque viajam constantemente sem necessariamente retornar para o seu país de origem ou em qualquer outro que se tenham estabelecido, indo, assim, contra a base de vida cotidiana da sociedade atual diferenciando-se do tipo de turista convencional. Esse tipo de turista tem um estilo de vida que lhes permite trabalhar de forma independente enquanto

viajam. Essas viagens são normalmente longas e permitem que continuem a ter rendimentos enquanto viajam, trabalhando à distância.

Reichenberger (2017) ainda identifica os nômades digitais como pessoas que procuram eliminar a insatisfação com as estruturas percebidas como inibitórias, como a falta de equilíbrio entre trabalho e vida e a alienação de uma vida onde a viagem é uma atividade de lazer ocasional, e temporariamente restrita, e não uma parte constante da vida. Os nômades digitais procuram equilibrar o trabalho e lazer, não deixando que a falta de lazer e várias horas de trabalho os impeçam de ter uma vida mais leve e feliz (Reichenberger, 2017).

A indústria do turismo tem dado conta do crescimento desse novo tipo de turista e muitos já começaram a investir em melhorias e serviços especializados para os nômades digitais, como se consegue observar nos blogs da especialidade. Barbosa e Viegas (S/D) apontam um novo conceito de *hostel* adaptado para receber os nômades digitais, que possui infraestruturas adequada para que os mesmos possam desempenhar melhor suas atividades enquanto ali estejam hospedados.

Tendo em vista que os nômades digitais e seu estilo de vida tem crescido recentemente, ainda não existem muitos estudos sobre o tema, principalmente relacionando-os com o turismo. Da literatura revista, uma série de questões se colocam: Quem são os nômades digitais? Por que escolheram esse estilo de vida? As suas expectativas têm sido correspondidas/superadas? Como é feita a organização da sua vida, em termos de trabalho e lazer? Que implicações este tipo de turistas tem para os destinos? Estas questões demonstram a necessidade de se conhecer o perfil e as motivações dos nômades digitais, como primeiro passo para, futuramente, se poderem adaptar ofertas que satisfaçam este segmento de turistas. Por esse motivo, este trabalho procura conhecer melhor esses turistas, quais são as principais motivações que os levam a praticar esse estilo de vida, qual é o seu modo de vida, as suas expectativas e necessidades, a fim de que própria indústria se possa capacitar para oferecer produtos e serviços adequados a um recente tipo de turista, com características distintivas e que utiliza o turismo como elemento central da sua vida.

Deste modo, a pergunta de partida que orienta a execução dessa dissertação será a seguinte: Quem são os nômades digitais e quais são as suas necessidades enquanto segmento turístico?

Para alcançar esse objetivo, começou-se por realizar uma revisão de literatura que baseará o desenvolvimento do estudo empírico. A revisão de literatura recaiu sobre temáticas que permitem construir um quadro teórico da relação entre as tecnologias, as alterações que originaram no mercado de trabalho, os novos estilos de vida emergentes, particularizando os nômades digitais, e a sua relação com o turismo.

O estudo empírico pretende analisar em detalhe quem são esses novos turistas, suas motivações para a realização das suas viagens, bem como suas expectativas e necessidades nos destinos que escolhem.

Os objetivos específicos desse estudo são os seguintes:

- Refletir teoricamente sobre o conceito do nomadismo digital e a sua relação como turismo;
- Conhecer o perfil do turista nômade digital;
- Conhecer o comportamento de viagem deste tipo de turista;
- Compreender a motivação do segmento de turistas que se inserem no conceito de nomadismo digital e identificar suas expectativas em relação aos destinos;
- Refletir sobre as implicações deste novo tipo de turista para o setor do turismo.

A relevância deste estudo aumenta se considerarmos que este tipo de turista está crescendo, tornando urgente compreender melhor este segmento de mercado. Acresce que, na academia, esta temática não foi ainda analisada convenientemente: não existem muitos estudos que analisem o nomadismo digital do ponto de vista do turismo.

1.2 Estrutura da Dissertação

Tentando corresponder aos objetivos definidos para a presente dissertação, organizou-se a presente dissertação em seis capítulos.

Neste primeiro capítulo é feita uma descrição do tema desta dissertação, dos seus objetivos, da sua relevância e da sua estrutura. No capítulo subsequente, começa-se contextualizando a tecnologia e suas primeiras funções e utilizações, analisando particularmente as contribuições que a internet e tecnologia têm proporcionado para a sociedade e para as novas relações de trabalho. Apresentam-se, ainda, as principais características de quatro gerações (Baby Boomers, Geração X, Geração Y e Milenares) que coexistem na sociedade atual e seus estilos de vida.

No capítulo três, reflete-se acerca da relação entre a tecnologia e o turismo. Procurou-se mostrar como as novas tecnologias têm contribuído para o desenvolvimento do turismo, as oportunidades que surgiram para o setor e os novos desafios para o crescimento e desenvolvimento do turismo, identificando os nômades digitais como uma dessas oportunidades/desafios.

O capítulo quatro desta dissertação, apresenta a metodologia do estudo empírico, apresentando a metodologia escolhida para a recolha e análise dos dados, dados que são apresentados em detalhe no capítulo cinco. No capítulo cinco relacionam-se também as evidências empíricas obtidas com o quadro conceitual apresentado nos capítulos dois e três.

Finalmente, no capítulo seis, sistematizam-se as contribuições dos resultados obtidos para o setor, apresentam-se as principais limitações inerentes a este trabalho e identificam-se algumas linhas para investigações futuras.

2 A EVOLUÇÃO DA INTERNET E AS MUDANÇAS NAS ESTRUTURAS DE TRABALHO E DA SOCIEDADE

2.1 Introdução

A chegada da internet fez com que iniciasse um processo de mudança em várias áreas da sociedade, incluindo o turismo. A busca por produtos e serviços turísticos on-line e os hábitos de compra começaram a mudar. A Internet permitiu que mais pessoas tivessem acesso a muito mais informações, instantaneamente e com o mínimo de barreiras.

A tendência atual é o uso rotineiros de dispositivos de comunicação móvel, principalmente uso de telefones celulares e internet móvel, juntamente com uma necessidade crescente de obter informações enquanto se está em movimento. As tecnologias móveis existentes permitem um elevado grau de interação com os fornecedores de turismo e com milhares de pessoas que viajam, opinam, dão dicas e estão sempre conectadas.

Atualmente pessoas, bens e informações movem-se rapidamente e facilmente entre as diferentes partes do globo (Frاند, 2000). Matthewman (2012) afirma que a gestão da liderança, dos talentos e do desempenho, como também a remuneração dos trabalhadores, precisa mudar para se adaptar a esta nova realidade. O mesmo autor acrescenta que a estrutura organizacional do trabalho atual precisa ser revista, porque esses novos tipos de trabalhadores que estão se formando tem uma mentalidade diferente, eles já não querem se comprometer por 10 ou 15 anos em uma única organização e esperam que as organizações “ofereçam oportunidades e experiências, em vez de uma carreira baseada em evolução e responsabilidades graduais” (p. 18). A densidade das universidades hoje é muito diferente daquela de uma geração atrás, refletindo as mudanças de uma geração e comunidade altamente móvel. As salas de aulas são mais diversificadas, com muitos estudantes, com muitas línguas diferentes, antecedentes culturais, experiências e expectativas diferentes. Esses alunos estarão se formando em um mundo de tremenda turbulência (Frاند, 2000) e de muitas mudanças em relação ao mercado de trabalho.

Cavazotte, Lemos e Vian (2012) destacam que a “instabilidade dos vínculos empregatícios, aumento da competição nos ambientes de trabalho; fim das carreiras organizacionais; surgimento das carreiras sem fronteiras e proteanas [a própria pessoa passa a gerenciar a sua carreira ao seu modo, ela é multilinear ou multidirecional]; preocupação crescente com a empregabilidade” (Cavazotte, Lemos e Vian, 2012, p. 163) são alguns dos assuntos mais recorrentes e discutidos na literatura relacionada ao trabalho contemporâneo.

Com o passar dos anos foi possível observar que houve muitas transformações nas carreiras e nas relações de trabalho entre diferentes gerações e que, obrigatoriamente, todas as gerações convivem no mesmo ambiente de trabalho até hoje, apesar de muitos elementos da Geração X estarem por se aposentar (Yu e Miller, 2005; Cavazotte, Lemos e Vian, 2012; Castells, 2000; Jorgensen, 2003; Reisenwitz e Iyer, 2009). As diferentes gerações possuem características específicas entre elas, que influenciam o modo de viver, seu comportamento e valores (Vasconcelos et al., 2018).

Tendo em conta este enquadramento, optou-se por iniciar este trabalho com uma breve discussão sobre as estruturas de trabalho e as mudanças organizacionais no século XXI, caracterizando as gerações dessa época em relação ao mercado de trabalho, destacando suas principais características e as diferenças relativa às anteriores. O principal enfoque desta discussão será entender as mudanças organizacionais ao longo do século XXI até os dias atuais e a evolução nos comportamentos das diferentes gerações para culminar na compreensão do crescimento do trabalho à distância.

2.2 Breve nota da evolução da Tecnologia nas últimas décadas

As mudanças e evoluções das últimas décadas afirmam a importância da tecnologia na vida das pessoas e o que antes era difícil, ou quase impossível, fazer enquanto se estava em movimento hoje é possível. O aumento de cybercafés, locais *coworkings*, computadores portáteis, smartphones móveis, Internet sem fio, *hotspots*, sites de redes sociais, plataformas de mídia social e sites de compartilhamento de fotos e informações, tornaram

as pessoas muito mais “onipresentes”, mesmo quando estão geograficamente distantes. Conectar-se ao Facebook, enviar e-mail para casa, trabalhar online, fazer upload de fotos ou enviar mensagens de texto para amigos agora são aspectos normais e cotidianos de um estilo de vida itinerante e que só tem crescido (Molz, 2012).

Segundo Castells e Cardoso (2005) a internet passou a ser mais utilizado pelo público na década de 90, principalmente após o desenvolvimento dos browsers que permitiam que os utilizadores acessem à World Wide Web (WWW). Segundo Nascimento (2015) um personagem importante neste contexto foi o programador inglês Tim Berners-Lee, responsável pelo desenvolvimento do sistema de hipertexto conhecido como WWW (World Wide Web), que permitiu o compartilhamento de informações entre qualquer computador conectado à Internet.

Castells e Cardoso (2005) afirmam que desde o início do desenvolvimento da internet as pessoas consultam a web em busca de informação, desde informações simples como horários de certas atrações, serviços ou até mesmo informações sobre doenças. Castells e Cardoso (2005) ainda mencionam a *World Internet Project*, que é uma pesquisa que “tenta identificar a importância da Internet como fonte de informação e entretenimento, a forma como se modifica a sua utilização, e de que modo é que poderá afetar os outros media.” (p.327). Segundo estes autores, durante os primeiros cinco anos de investigação, a Internet assumiu-se preferencialmente como fonte de informação, em vez de entretenimento, embora também seja bastante utilizada como fonte de entretenimento.

Para Buhalis (1998) os aprimoramentos no poder de processamento das tecnologias da informação a partir dos anos 80 revolucionaram suas capacidades: aumentaram constantemente a velocidade de computação; diminuíram o tamanho dos equipamentos; reduziram o custo de hardware e software; e melhoraram também a confiabilidade, compatibilidade e interconectividade de vários terminais e aplicações. Muitas inovações foram incorporadas em *hardware*, *software* e rede de desenvolvimentos. Contrapondo a isso, quanto mais tecnologias poderosas e complicadas surgiam, mais se tornavam “*user-friendly*” e baratas, permitindo, assim, que mais pessoas e organizações pudessem usar e aproveitar.

2.3 Transformações na Organização da Sociedade e do Trabalho

Para Matthewman (2012) as organizações estão mudando, elas serão como redes de relacionamento voltadas para as pessoas, como se fosse uma rede comercial onde as pessoas se conhecem interna e externamente, em vez de ser uma estrutura estabelecida com linhas de controle e de responsabilidade. Os atuais jovens cresceram em uma época de constantes mudanças e nasceram com uma capacidade de se adaptar e personalizar o mundo, fruto também da influência da internet e das novas tecnologias, que possibilitaram o aumento significativo do ritmo da mudança: “Não que eles sejam desleais; eles simplesmente cresceram com as mudanças. A estagnação é entediante; eles precisam de desafio e experiências” (Matthewman, 2012, p.40).

Frاند (2000) ressalta que nas gerações antigas existia a necessidade dos estudantes entrarem nos cursos universitários para aprender habilidades e ganhar conhecimento, pois isso os ajudaria no crescimento da carreira profissional. A consciência de mudança era pequena (a nível local e notícias nacionais) e as mudanças eram vistas acontecendo gradualmente (Frاند, 2000). Atualmente o que se percebe é que se vive em um mundo em que as tecnologias digitais alteraram o tempo e espaço e os efeitos são imediatos, rápidos e muitas vezes até assustadores. Nesta perspectiva, Frاند (2000) destaca que atualmente o que uma pessoa pode fazer é mais importante do que o grau obtido na universidade. À medida que os alunos entram no mercado de trabalho, a capacidade de lidar com informação complexa e, muitas vezes, ambíguas, é mais importante do que simplesmente uma acumulação de informação e conhecimento.

Barley, Bechky e Milliken (2017) afirmam que poucas pessoas negariam que a natureza do trabalho e o emprego mudou nas últimas quatro décadas e ainda afirmam que é provável que a natureza do trabalho continue a mudar à medida que avançamos no século XXI. Veloso, Dutra e Nakata (2016) chamam a atenção pelo fato de que é cada vez mais raro o caso de pessoas que planejam e conseguem manter sua carreira em uma única instituição empregadora. Dal Fiori et al (2014) garante que não só as tecnologias de hoje eram inimagináveis há apenas uma década, como atualmente existe uma ampla gama

de novos arranjos de trabalho que está sendo posta em prática. Com essas mudanças organizacionais, as empresas devem considerar não somente a estrutura oferecida pela organização para ascensão profissional, mas também as diversas ambições, que são específicas da faixa etária de cada trabalhador (Velooso, Dutra e Nakata, 2016).

Arthur et al. (1999, citado por Velooso; Dutra e Nakata, 2016) apontam a ocorrência da transição para a chamada nova economia, em que a importância da palavra “planejamento” foi substituída pela da palavra “flexibilidade”. Uma das grandes mudanças organizacionais em relação às diversas gerações é justamente que, antes, o trabalho fixo e duradouro era valorizado, já atualmente a nova geração valoriza outros pontos. Velooso, Dutra e Nakata (2016) apontam a atual necessidade de flexibilidade que os atuais trabalhadores impõem às organizações para sua atuação em um ambiente altamente competitivo: “Essas organizações atuam em mercados abertos de trabalho que permitem aos indivíduos e às empresas experimentar e aprender continuamente, recombinar conhecimento local, qualificações e tecnologia” (p.91).

Barley, Bechky e Milliken (2017) apontam que a natureza do trabalho está mudando, entre outras coisas, pelo fim de empregos de classe média, que eram bem remunerados e, também, pelo fato de alguns empregadores trocarem trabalhadores leais por terceirização de mão de obra barata em outros países. A terceirização ou *offshoring* de fabricação atraiu considerável atenção na literatura sobre relações industriais e de emprego nas últimas duas décadas. Barley, Bechky e Milliken (2017) ainda afirmam que as empresas começaram a contratar pessoas de diferentes lugares para trabalhos profissionais e técnicos também. Com isso, observa-se o aumento de trabalhadores *freelancers*, que por esse e outros motivos, começaram a oferecer seus trabalhos de forma independente e não mais trabalhar para outrem.

Nash et al (2018) afirmam que a tecnologia e o trabalho digital criaram a oportunidade de trabalhar em trabalhos *freelance*, on-line, que podem ser concluídos usando plataformas digitais e tecnologias remotamente e sem restrições de locais específicos. De Stefano (2015) ressalta que o trabalho *freelance* permite que as pessoas

trabalhem a curto prazo como contratantes independentes, com arranjos de trabalho flexíveis e sob demanda.

A internet mesmo que possa ter sido mais intensificado durante a maior parte das últimas três décadas, tornou-se uma comodidade padrão durante o último trimestre dos anos 2000, com o desenvolvimento de sistemas de conexão sem fio. Os mercados e a sociedade passaram por uma profunda “infotransformação” (Mouratidis, 2018), ou seja, a tecnologia passou não só a mudar a maneira das pessoas se relacionarem entre si, mas também provocou diversas alterações nas relações de trabalho. Trimoldi (2018) garante que através do potencial das tecnologias, os cargos de tempo integral começaram a ser substituídos por empregos autônomos, onde mais pessoas podem organizar seu trabalho, muitas vezes também à custa de mais incerteza e insegurança.

Essas transformações nas estruturas de trabalho são geralmente apoiadas por empregadores, especialmente grandes corporações e atores globais, pois eles permitem e facilitam até que seus funcionários se comuniquem cada vez mais, os equipam com laptops, tablets e telefones celulares e introduzem conectividade onipresente (Wi-Fi) para a realização de suas atividades. Eles entendem que - em uma economia do conhecimento, o equilíbrio está mudando: menos trabalhadores precisam estar onde o trabalho e a informação estão, enquanto mais frequentemente o trabalho e a informação podem estar onde os trabalhadores querem estar e não necessariamente fixado em um local físico. Isto acontece porque atualmente as matérias-primas do trabalho do conhecimento são digitalizadas em vez de vinculadas a locais físicos (Dal Fiori et al, 2014).

Sutherland e Jarrahi (2017) salientam o termo "economia gig", que se desenvolveu no discurso acadêmico e empresarial como uma descrição de um profissional que defende o microempreendedorismo, o trabalho autônomo e a utilização de tecnologias. Esse termo desenvolveu-se no discurso econômico recente para descrever um sistema de arranjos de trabalho flexíveis, sob demanda e transitórios (Nash et al, 2018; Sutherland e Jarrahi, 2017). As organizações preferem cada vez mais contratar um grande número de trabalhadores de curto prazo para projetos específicos, mantendo apenas uma pequena equipe de funcionários permanentes. A instabilidade dessas relações de trabalho diz

respeito a um grande acordo de independência, flexibilidade e empreendedorismo por parte do trabalhador *freelance*, o que muitas vezes condiz com o estilo de vida que o trabalhador opta por levar (Sutherland e Jarrahi, 2017).

Katz e Krueger (2016) fazem a comparação dos resultados de uma pesquisa de 2015 e de 2005 que indica que a porcentagem de trabalhadores envolvidos em tipos alternativos de trabalho, como trabalhadores temporários, de empresas contratadas ou freelancers, subiu de 10,7% em fevereiro de 2005 para 15,8% no final de 2015. Este indicador prova que a tecnologia tem um papel crítico nas novas demandas apresentadas pela economia gig (Sutherland e Jarrahi, 2017).

Neste contexto, existem também cada vez mais suportes para esse tipo de atividade. De Stefano (2016) aponta uma nomenclatura para trabalhos realizados em plataformas online, *Crowdwork*. Essas plataformas on-line colocam o trabalhador em contato com um número indefinido de organizações, empresas e indivíduos através da Internet, permitindo potencialmente conectar clientes e trabalhadores em uma base global. Segundo De Stefano (2016) os trabalhadores são fornecidos “*just-in-time*”, ou seja, no momento em que o trabalho é solicitado, são compensados através de um sistema “pague conforme o uso”, ou seja, são pagos apenas nos momentos em que realmente trabalham para um cliente. O problema para quem possui esse tipo de trabalho, apesar de permitir o que muitos buscam, que é a flexibilidade, esse tipo de trabalho traz incertezas, riscos e instabilidade financeira (De Stefano, 2016).

Arriaga (S/D), no *site* Mundo Nômades digitais, afirma que “contrariando a tradicional jornada de trabalho que ficou popular no último século, algumas empresas estão apostando no trabalho remoto”. Essas empresas contam com uma estrutura completamente online (não dependem de espaços físicos) para que os funcionários possam optar por trabalhar tanto em casa como no escritório, acreditando que esse será o mecanismo corporativo do futuro. São empresas que acreditam que o *home office* não prejudica os resultados, pelo contrário, otimiza a produtividade, já que os funcionários têm mais disposição para se concentrar nas tarefas (De Stefano, 2016). Deste modo, as empresas facilitam para que os funcionários trabalhem de onde quiserem, desde que

cumpram suas tarefas. Assim, com horários flexíveis, fica muito mais fácil conciliar a vida profissional e pessoal e deste modo possibilita ter uma qualidade de vida muito mais elevada e o trabalho não vira um fardo, como ainda pode ser para muitos.

Marcellin (2014) destaca que o desejo de um melhor equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, a necessidade de maior flexibilidade no local de trabalho, a crescente diversidade da força de trabalho e a digitalização dos processos de produção (por exemplo, processos automatizados e impressão 3D) são algumas das tendências mais plausíveis do mundo digital. As interrupções incluem contratos de hora zero¹ e acordos de trabalho flexíveis². Alguns exemplos de empresas que incorporam esse desenvolvimento incluem a Netflix e, mais recentemente, a Virgin, oferecendo políticas de férias irrestritas aos trabalhadores (Melo, 2016)

Hays, Page & Buhalis (2013) destacam que o aumento do predomínio de mídias sociais é um desenvolvimento significativo na evolução da internet, pois permitem aos usuários colaborarem, comunicarem e publicarem conteúdo original, como textos, resenhas em blogs, vídeos, fotos e mais. O uso das redes sociais facilita o consumo de conteúdos gerados pelo consumidor e são amplamente usados por viajantes on-line. (Mairescu et. al, 2014). À medida que as mídias sociais se tornam cada vez mais expressivas, os consumidores são capazes de influenciar cada vez mais outros consumidores com suas próprias opiniões e experiências. Como a mídia social é de baixo custo e livre de preconceitos, representa uma vantagem para as empresas se comunicarem com clientes e potenciais clientes (Sharma, Kumar & Rani, 2017). Ao nível do turismo também esta tendência tem impactes importantes que serão referidos numa secção subsequente.

¹ Trabalho “Zero Hora”: é uma modalidade na qual o empregador não garante ao trabalhador um mínimo de horas por mês e, portanto, tampouco um salário mínimo. Ganha de acordo com o que trabalhar. Disponível em: <http://www.amatra4.org.br>. Acesso em: 20/11/2018

² Trabalho flexível: é um conceito mais amplo que envolve toda flexibilidade relacionada à realização do trabalho, podendo considerar local, horário, espaço físico dentro dos escritórios e modelos de trabalho (Goulart, 2009)

Refletir sobre as transformações no mundo do trabalho e consequente impacto nos estilos de vida atual, implica também perceber quais as características das gerações que coexistem na nossa sociedade, características fortemente moldadas pelas transformações anteriormente referidas. Esse será o objetivo da próxima subseção.

2.3.1 Baby Boomers, Geração X, Geração Y e Geração Milenar

As estruturas organizacionais e do local de trabalho tem mudado significativamente ao longo dos anos. Segundo Matthewman (2012) isso se deve, principalmente, ao ritmo de crescimento tanto populacional quanto da tecnologia que produziu mudanças culturais e sociais ao longo das últimas gerações. “Isto [a tecnologia] não só permitiu às novas gerações impor-se e desenvolver as próprias ideias, mas também adotar e rotular as mudanças por meio da linguagem, moda, música, arte e modo como usariam a tecnologia” (Matthewman, 2012, p.32).

Segundo Matthewman (2012) essas mudanças geracionais são fundamentais para compreender melhor os estilos de vida emergentes e as novas estruturas de trabalho que têm surgido nos últimos anos, além de perceber a influência da tecnologia no comportamento laboral.

A história de uma determinada geração está baseada em uma série de vivências comuns, valores, visão de vida, cenário sociopolítico e a aproximação de suas idades (Lombardia et al., 2008 citado em Vasconcelos et al (2018). Estas características que são comuns entre uma geração e diferentes em relação as outras “influenciam o modo de ser e de viver das pessoas nas sociedades e é este conjunto de comportamentos e valores que diferenciam uma geração de outra” (Vasconcelos et al., p.229, 2018). Um dos desafios da sociedade é compreender e se adaptar às novas gerações às mudanças que as acompanham. Na literatura atual é possível encontrar estudos sobre o perfil de cada geração existente atualmente, que são: (a) Tradicionalistas; (b) Baby Boomers; (c) Geração X; (d) Geração Y e (e) Geração do Milênio (Matthewman, 2012; Veloso, Dutra

e Nakata, 2016; Vasconcelos et al, 2018; Raines, 2002, Jorgensen, 2003; Reisenwitz e Iyer, 2009; Cavazotte; Lemos & Vian, 2012).

Observa-se, entretanto, que os diferentes autores que pesquisaram os perfis das gerações Baby boomers, X e Y nem sempre apresentam os mesmos períodos para identificar o nascimento de cada geração, porém não divergem na descrição das características desses grupos. Neste artigo, adotou-se a classificação proposta por Matthewman (2012). Matthewman (2012) classifica as gerações da seguinte maneira:

“tradicionalistas são aqueles que nasceram de 1945, os Baby Boomers são os que nasceram entre 1945 e 1960, a Geração X compreende aqueles nascidos depois de 1960 e antes de 1983, e a Geração Y são os nascidos depois de 1983 e antes de 2000” (Matthewman, 2012, p.32).

Raines (2002) destaca as diferenças das gerações e principalmente na convivência em relação ao trabalho. Embora seja mais comum ver os mais velhos – Geração X e Boomers - supervisionando os novos colegas, outros cenários se tornarão comuns: Boomers experientes reportando-se a um da geração do milênio, um membro da geração do milênio tendo um cliente da geração X, sendo já possível ver membros de todas as quatro gerações trabalhando lado a lado em equipes (Raines, 2002).

Os Baby Boomers são predominantes na maioria das organizações bem estabelecidas (Jorgensen, 2003). Veloso, Dutra e Nakata (2016) apontam que essa geração está mais motivada, são otimistas e *workaholics*. Matthewman (2012) descreve os Baby Boomers como os filhos do pós-Guerra, e segundo ele, essa geração foi a primeira dos Estados Unidos e Europa a ter uma educação Universitária de massa (cerca de 25%). Eles foram uma geração à qual os pais conduziram a uma carreira profissional para a vida inteira, baseada, principalmente, na lealdade às grandes empresas. Esse sonho de emprego para a vida inteira foi desfeito pela primeira recessão pós-guerra no início de 1980, tendo essa geração passado por grandes mudanças e testemunhado o nascimento de importantes marcos tecnológicos com as viagens aéreas, televisão em cores e o primeiro homem na Lua (Matthewman, 2012). Os Baby Boomers são a geração que aplicou muitos

esforços escolares em carreiras que prometiam uma boa posição no universo empresarial, acreditavam que se cumprissem as obrigações, todos subiriam de hierarquia na empresa, conseguiriam cargos de prestígio e benefícios crescentes para garantir a segurança financeira e também uma boa aposentadoria. Eles valorizam o status e a ascensão profissional dentro da empresa (Velooso; Dutra e Nakata, 2016), além de viverem para "o agora", querem um trabalho que lhes dê reconhecimento, elogios e fama (Jorgensen, 2003).

Matthewman (2012, p.35) acrescenta que “os Baby Boomers ingressavam no mundo do trabalho aceitando que a organização determinaria sua evolução na carreira, providenciaria o treinamento necessário e, efetivamente, planejaria sua vida”. Cavazotte, Lemos e Vian (2012) apontam que essa geração valoriza muito mais a segurança no trabalho, é muito leal e apegada às empresas, mais diligente e dedicada ao trabalho, mais tradicionalistas e habituada a diferenciais de autoridade e interessada pela aquisição de poder e status ao longo da carreira. Além disso, essa geração é interessada por recompensas extrínsecas em troca de seu comprometimento com o trabalho, entretanto tem dificuldades em equilibrar a vida pessoal e a profissional. Matthewman (2012) aponta que esse comportamento agradava às organizações, pois acreditavam que mantinham o controle das linhas hierárquicas e das expectativas dos funcionários e, deste modo, poderiam contar com a sua ampla lealdade.

Matthewman (2012) destaca que à medida que as organizações começaram a desenvolver operações no exterior, começou a nascer a noção do expatriado moderno. Esses expatriados, segundo o mesmo autor, eram normalmente diretores e executivos enviados da matriz para dirigir escritórios locais em países em que mantinham relações comerciais, normalmente ex-colônias. Essas nomeações eram vistas como recompensas pelo serviço dedicado a empresa e para pessoas de confiança. O período era normalmente reduzido, de três ou quatro anos, e normalmente com remunerações generosas, benefícios adicionais e o evidente avanço na carreira profissional, além da expectativa de um melhor cargo e de liderança na volta a matriz.

A Geração X, segundo Matthewman (2012), integra os nascidos entre 1960 e 1983. O autor diz que “esse grupo entrou no mundo do trabalho na época da desregulamentação, de uma crença nas forças do mercado e elevação da prosperidade resultante dos avanços tecnológicos” (Matthewman, 2012, p. 35). Segundo o mesmo autor, essa geração era mais comprometida com a tecnologia, com as profissões da tecnologia da informação, atividades bancárias e menos presos a uma só empresa. Veloso, Dutra e Nakata (2016) acrescentam que essa geração possui uma postura mais cética, defendem um ambiente de trabalho mais informal e uma hierarquia menos rigorosa do que os Baby Boomers. Essa geração cresceu no período em que houve uma diminuição de trabalhadores e isso afetou a segurança no emprego e, por isso, foram estimulados a desenvolverem outras habilidades que melhorassem a empregabilidade, já que já não podiam mais esperar pela estabilidade (Matthewman, 2012). Normalmente formavam casais sem filhos, muito dedicados à carreira profissional e interessados em obter bens: carros, celulares, apartamentos e etc. Matthewman (2012) acrescenta que a Geração X é mais individualista, menos confiável e mais preocupada com seus interesses pessoais. Não têm medo de mudar de trabalho, têm uma alta capacidade de adaptação e de empreender e se torna cada vez mais especialista em tecnologia (Matthewman, 2012).

Cavazotte, Lemos e Vian (2012, p. 166) resumem essa geração: “um grupo mais interessado em ganhos de oportunidade, que seria mais cínico e individualista, menos leal às organizações, mais afeito à mudança e mais inclinado a deixar uma empresa em troca de desafios e melhores recompensas, menos suscetível à autoridade formal, embora mais dependente de *feedback*, e mais preocupado com seus objetivos pessoais e com o equilíbrio entre a vida pessoal e a profissional”.

A Geração Y, por sua vez, compreende os nascidos depois de 1983. Segundo Matthewman (2012) alguns os rotularam de “Geração Ecológica”, “Nativos Digitais” ou os “Milênios” ou ainda, segundo Raines (2002) são a Geração da Internet, Eco Boomers, Boomlet, Nexters, Geração Y, Geração da Nintendo, Geração Digital e, no Canadá, Geração da Luz do Sol (Raines, 2002). Essa geração demonstra valores e comportamentos diferentes das outras gerações. Eles são muito mais confiantes, criativos e com mais visão de mundo. Segundo Matthewman (2012) os integrantes da Geração Y

estão muito mais preocupados com questões ambientais, tem uma visão diferente dos Baby Boomers onde não vivem para trabalhar, mas trabalham para viver, e é sobretudo uma geração que está começando a alimentar o surgimento dos nômades globais com uma mentalidade significativamente diferente. Veloso, Dutra e Nakata (2016) destacam que desde os anos 1980, um dos maiores desafios da gestão de pessoas é conciliar os diversos interesses pessoais dos trabalhadores com os objetivos organizacionais. Na gestão de carreira também é difícil combinar as possibilidades de movimentação oferecidas pelas organizações com o planejamento pessoal da vida profissional de seus empregados.

A Geração Y cresceu com uma educação diferente, mais confiante, seus pais diziam que podiam ser o que quisessem, tinham ensino superior e pós-graduação, em sua maioria financiada pelos pais (Matthewman, 2012). Eles não estão interessados em seguir os passos de seus pais e procurar alcançar um equilíbrio de trabalho adequado às suas necessidades individuais. Eles aprenderam com seus pais que o sacrifício não garante uma vida familiar estável ou um emprego de longo prazo. Eles querem horários flexíveis, independência, trabalho interessante e crescimento profissional. Eles estão mais acostumados com mudanças, são menos inclinados a priorizar a segurança no trabalho, e são mais ansiosos por novos desafios, além de serem mais tolerantes com os erros do que as gerações anteriores (Jorgensen, 2003; Cavazotte, Lemos e Vian, 2012).

Os elementos pertencentes a esta Geração são sociáveis, otimistas, talentosos, bem-educados, colaborativos, de mente aberta, influentes e voltados para realizações. Eles sempre se sentiram procurados, necessários, indispensáveis. Eles estão chegando no local de trabalho com expectativas mais altas do que qualquer geração anterior a eles, e estão tão bem conectados que, se um empregador não corresponder essas expectativas, eles poderão contar para milhares de seus grupos apenas com um clique do mouse (Raines, 2002). Eles cresceram com mais liberdade de escolhas, com mais prosperidade econômica e envolvidos com uma tecnologia que não para de evoluir. É uma geração com prioridades e expectativas diferentes, “provavelmente serão a geração mais produtiva de todos os tempos, porque trabalham de forma diferente, dominam a tecnologia e a mudança como parte da vida diária” (Matthewman, 2012, p.39).

Veloso, Dutra e Nakata (2016) apontam que essa geração cresceu em contato com as tecnologias de informação e também são mais individualistas. Eles defendem suas opiniões e priorizam muito mais o lado pessoal em relação às questões ligadas com a profissão. Vasconcelos et al (2018) afirma que “mais do que uma fonte econômica, o trabalho é fonte de satisfação e aprendizado. Esta mudança altera o entendimento de carreira, promoção, estabilidade e vínculo profissional, aspectos relativos à vida organizacional bastantes valorizados pelas gerações anteriores” (Vasconcelos et al, 2018, p.227).

Raines (2002) destaca ainda a geração Y são a primeira geração a crescer cercada por mídia digital. McMahon & Pospisil (2005) apontam que eles podem ser caracterizados como tendo uma mentalidade de tecnologia da informação, eles preferem uma abordagem baseada em grupo para estudar e atividades sociais, eles buscam crescimento pessoal e desenvolvimento e estão confortáveis em seguir múltiplos caminhos de carreira. Seu foco na interação social e "conectividade" com a família, professores e colegas de trabalho, distingue este grupo de estudantes das abordagens mais individualistas das gerações anteriores.

Raines (2002) ressalta que assim como todas as gerações são programadas desde o momento do nascimento, os da Geração do Milênio iniciaram uma série de experiências de programação quando eram crianças. Essas experiências criaram os filtros pelos quais eles veem o mundo, especialmente o mundo do trabalho. McMahon & Pospisil (2005) apontam que eles possuem expectativas imediatas em termos de acesso e confiabilidade, são flexíveis o suficiente para cruzar as fronteiras de estudo, trabalho e vida social, e estão sempre conectados em um ambiente cheio de informações. Brown (2003) argumenta que a tecnologia muda o trabalho e a educação e que é importante que as pessoas aprendam que a tecnologia da informação é algo fundamental e transformador para as novas gerações que cresceram sempre com acesso a tecnologia. Para a geração Y a tecnologia não é apenas um complemento, é algo real e essencial, o que para as gerações de transição podem apresentar um pouco de resistência. McMahon e Pospisil (2005) apontam que essa geração prefere experiências tecnológicas e colaborativas que exibem objetivos claros, que aumentam a motivação e que envolvem atividades autênticas. Eles esperam ter

aprendizagem on-line, interatividade, efeitos visuais e acesso rápido à informação. A sua exposição a jogos sofisticados e tecnologias de simulação é frequentemente subestimada, uma vez que esta é considerada simplesmente uma atividade de lazer (McMahon e Pospisil, 2005)

Prensky (2001) ressalta que os jovens deste Milênio mudaram muito em relação aos das épocas passadas. Mudaram suas gírias, roupas, estilos e mudaram a sua relação com a tecnologia, já que cresceram com a rápida disseminação da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. Prensky (2001) acrescenta que esta geração cresceu nesse meio cercado com computadores, videogames, tocadores de música digital, câmeras de vídeo e outras ferramentas da era digital. Segundo o mesmo autor os alunos de universidade gastam menos de 5.000 horas de leitura de suas vidas, enquanto mais de 10.000 horas são passadas jogando videogames, assistindo Tv etc. Percebe-se então que internet, computador, e-mail, telefones e todas as tecnologias são parte integrantes da vida das pessoas, principalmente dos jovens que nasceram no meio desses recursos.

O mundo está em movimento e isso significa que muitos confiam nos laptops, smartphones, nas mídias sociais e na tecnologia em geral para se fazer presente no cotidiano, mesmo quando se está longe, pois existe a possibilidade de estar perto por meio da tecnologia (Molz, 2012) e essa é uma das características dessa geração em particular. A multitarefa é um traço particular atribuído à geração do milênio. Não é incomum que os milenares, nascidos após 2000, participem simultaneamente de salas de chat on-line, baixando e ouvindo música, enviando mensagens para amigos, assistindo TV e jogando jogos de computador enquanto estudam (McMahon & Pospisil, 2005; Prensky 2000; Frand, 2000). Através de multitarefa constante, eles desenvolveram as habilidades para efetivamente alternar de uma atividade para outra com tempo mínimo de reajuste e para a maioria dos multiprocessamento e multitarefa é um modo de vida (Brown, 2000). A maioria da geração do milênio cresceu em um mundo rico em informações e acesso 24 horas por dia, 7 dias por semana, à maioria dos serviços, e caracteriza-se por ter "tolerância zero" para atrasos (Frand, 2000).

Alexander (2004, citado por McMahon e Pospisil, 2005) fez uma pesquisa com estudantes da Geração Milenar e descobriu que os alunos trabalharam de forma diferente com laptops sem fio do que com computadores que estão localizados em laboratório e descreve a tendência como se eles estivessem em processo para se tornar nômade digital, pois desse modo, com a internet móvel, leva-se conversas e pensamentos em todos os espaços do campus da universidade. Os laptops se tornam repositórios pessoais de informação, memória e criatividade, e seu uso resulta em intensificação de multitarefa realizada em qualquer lugar a qualquer hora (McMahon & Pospisil, 2005).

Tabela 2.1. Sistematização das características de cada geração

Geração	Características
Geração Baby Boomers	<ul style="list-style-type: none"> • Motivados, otimistas e <i>workaholics</i> • Leais às empresas • Crentes numa hierarquia de carreira • Valorizam o <i>status</i> e ascensão profissional • Dificuldade de equilibrar vida pessoal e profissional
Geração X	<ul style="list-style-type: none"> • Mais comprometida com a tecnologia que a geração anterior • Menos presa a uma só empresa que a geração anterior • Defendem um ambiente de trabalho mais informal e uma hierarquia menos rigorosa • Interessados em obter bens materiais caros • Mais individualista que a geração anterior • Menos confiável que a geração anterior • Mais preocupada com seus interesses pessoais • Não tem medo de mudar de trabalho • Alta capacidade de adaptação
Geração Y	<ul style="list-style-type: none"> • São mais confiantes que a geração anterior • Mais preocupados com questões ambientais • Não pensam só em trabalho e tentam equilibrar a vida pessoal com a profissional • Querem horários flexíveis, independência, trabalho interessante e crescimento profissional • São sociais, otimistas, talentosos, bem-educados, colaborativos, de mente aberta, influentes e voltados para realizações pessoais • São conectados - ligados à tecnologia
Geração Milenar	<ul style="list-style-type: none"> • Geração que cresceu “cercada” pelas mídias sociais • São focados na tecnologia • Buscam crescimento pessoal • Estão confortáveis em seguir múltiplos caminhos de carreira • São flexíveis • Conseguem conciliar estudo, trabalho e vida social

Fonte: Elaborado com base em Matthewman, 2012; Veloso, Dutra e Nakata, 2016; Vasconcelos et al, 2018; Raines, 2002, Jorgensen, 2003; Reisenwitz e Iyer, 2009; Cavazotte; Lemos & Vian, 2012)

Putra e Agirachman (2016) destacam uma teoria proposta por Moravec (2013) que poderia ser uma forma interessante de explicar esse paradigma social em mutação. Moravec (2013, referido por Putra & Agirachman, 2016) conceituou nossa sociedade em três paradigmas sociais: Sociedade 1.0 que é simples, com estrutura de sociedade

hierárquica, desde a era pré-industrial à era industrial; Sociedade 2.0, que é complexa, com sociedade heterárquica, como tecnologia da informação transformada; e Sociedade 3.0 uma sociedade complexa criativa e auto-organizada, sinérgica e globalizada. O mesmo autor argumenta que a sociedade atual está indo em direção à Sociedade 3.0, junto com as mudanças tecnológicas e sociais em constante aceleração. À medida que o custo das tecnologias diminui, tornando-o mais acessível, maior é a aceleração e o crescimento exponencial de utilizadores.

Castells (2000) destaca que as principais tendências da nova estrutura laboral observada nos anos 90, era por um lado, a crescente flexibilidade do trabalho, a redução da proporção da força de trabalho a longo prazo e o anseio por uma carreira previsível. As novas gerações, na qual a maioria são contratados por sua flexibilidade, substituem uma antiga força de trabalho que almejava por segurança do trabalho em empresas de grande porte. Reisenwitz e Iyer (2009) apontam ainda que as organizações precisam ser tão dinâmicas quanto a economia. A participação na força de trabalho está mudando constantemente à medida que os membros mais velhos entram na aposentadoria e os membros mais jovens começam suas carreiras.

Castells (2000) destaca que tem havido uma tendência de aumentar a tomada de decisão e autonomia dos trabalhadores do conhecimento que se tornaram ativos mais valiosos para suas empresas. Na era moderna, o potencial de geração de valor das organizações e do trabalho depende muito da autonomia do trabalho para tomar decisões em tempo real (Castells, 2000). Como o modo de gestão disciplinar tradicional não permite a inovação e impede a criação de conhecimento, as organizações procuram oferecer abordagens mais fluidas e baseadas em processos (Castells, 2000). Hierarquias organizacionais estão sendo abandonadas em favor de redes e organizações (Castells, 2000; Reisenwitz e Iyer, 2009; Jorgensen, 2003). A geração X tende a ser mais independente, auto-motivada e auto-suficiente (Yu e Miller, 2005) enquanto os Baby Boomers tendem a ser mais diligente no trabalho e preferem um ambiente de trabalho mais estável (Jorgensen, 2003). Reisenwitz & Iyer (2009) afirma que a Geração Y é certamente a geração mais instruída e tecnologicamente mais experiente. Essa tendência provavelmente continuará para gerações futuras à medida que a Internet se torna cada vez

mais propagada no mercado. Em questões de tecnologia os Baby Boomers não são altamente experientes e nem gostam muito de mudanças (Yu & Miller, 2005)

O que de fato parece poder-se afirmar é que a tecnologia e informação estão se tornando a base da organização social e da ação do conhecimento, a fonte da produtividade (Castells, 2000). Em particular, as tecnologias de informação e comunicação têm desempenhado um papel crítico nesse processo de transformação, seja ela organizacional, social ou outra (Kakihara e Sørensen, 2002). Por causa de sua difusão e do uso intensivo, as tecnologias de informação e comunicação mudaram e continuam a mudar a forma em que vivemos em várias áreas da vida humana.

Por fim, podemos dizer que estas alterações na organização do trabalho, da tecnologia e a coexistência de diferentes Gerações, permitiram o surgimento de novos estilos de vida, que se analisam em maior detalhe na seção que se segue.

2.4 O surgimento de novos estilos de vida

Segundo Matos (2018) existem muitas carreiras que possibilitam viajar frequentemente, mas o ponto central desses novos trabalhadores, os nômades digitais, é ter um estilo de vida nômade e para isso usam a tecnologia em favor dessa mobilidade. Para isso usam *smartphones*, *laptops* e “com a ajuda de aplicativos e da articulação em redes sociais, esses sujeitos constroem um estilo de vida tão móvel quanto a comunicação global atual, testando seus limites e fronteiras” (Matos, 2018, p.3). O que diferencia estes trabalhadores dos trabalhadores tradicionais é justamente o uso da internet e da tecnologia em conjunto com suas competências próprias, em favor de uma rotina móvel (Matos, 2018).

Molz (2012) refere que os viajantes de hoje são muito mais abertos a colocar o laptop e o celular na mochila e sair pelo mundo estando sempre em contato com os familiares e amigos enquanto estão na estrada. Essas são novas práticas que vão se tornando comuns com a evolução da sociedade e com a evolução e desenvolvimento da tecnologia. Molz (2012) ainda destaca que essas novas práticas de viajar, usando a tecnologia a seu favor,

se conectando com diferentes pessoas acabam por moldar a maneira como os viajantes se envolvem, com suas redes sociais e com o mundo ao seu redor, ou seja, eles estão sempre em contato com novas ideias e pessoas, pois mesmo sempre se movimentando tem a internet que os aproxima e os conecta com as pessoas durante a viagem. No entanto, antes de se analisarem as alterações na forma como as pessoas viajam hoje em dia, importa perceber primeiro que fatores relacionados com a tecnologia contribuíram para essas alterações nos estilos de vida atuais.

Para a sociedade em geral, bem como para as empresas, foi em 1995 que a Internet, enfim, nasceu. Esse processo originou uma série de transformações sociais (das quais se analisaram mais especificamente as alterações na organização do trabalho, no ponto 2.3), resultantes, sobretudo, do desenvolvimento e evolução da chamada “segunda geração da Internet”. Lemos (2004) opina sobre a internet e as tecnologias nesse século:

“O século que se inicia é marcado pelas novas tecnologias de comunicação e informação que estão conformando nossas sociedades contemporâneas sob os mais diversos aspectos: econômico, social, político, cultural, midiático. Por cibercultura podemos compreender a cultura contemporânea, marcada basicamente pelas redes telemáticas, pela sociabilidade on-line, pela navegação planetária e pela informação. A cultura contemporânea enfrenta, mais do que nunca, o desafio comunicacional.” (p.14)

Desde que a internet surgiu, observa-se o crescimento desmedido de novas tecnologias, que segundo Nascimento (2015, p. 18) “colocaram no mercado uma multiplicidade de dispositivos móveis que permitem o acesso à Internet, como *notebooks*, *netbooks*, *tablets*, *smartphones*, entre outros. Com isso, o computador pessoal deixou de ser o único e/ou principal meio para navegação na Web, e o acesso à Internet tornou-se ainda mais facilitado e onipresente”. Ou seja, com os avanços da tecnologia o acesso à informação e, mais especificamente, a internet se tornou ainda mais facilitado pelos diversos elementos tecnológicos que foram surgindo ao decorrer dos anos.

Com os avanços tecnológicos alcançado nas últimas décadas, principalmente em relação aos computadores e a internet, esse item passou a ser algo essencial e importante na vida das pessoas, desde a realização de tarefas simples até as mais complexas. A internet passou a fazer parte das rotinas diárias das pessoas, desde para estudos, trabalhos,

lazer até mesmo relacionamentos e socialização. Nascimento (2015, p.10) justifica esse fato devido a “internet possibilitar uma comunicação sem barreiras de espaço-tempo, em que qualquer um, a qualquer hora e de qualquer lugar, pode ser produtor de informações, um agente ativo do processo comunicacional.” Putra, & Agirachman (2016) argumentaram que estamos entrando na paisagem digital, onde as tecnologias eletrônicas vêm acelerando o cruzamento das fronteiras tradicionais. As barreiras físicas deixaram de ser um fator tão negativo, e tornaram-se mais porosas, ou até mesmo diminuíram em algum ponto, o que resultou em nossa realidade onde agimos mais abertos em relação às pessoas. Deste modo, com a estabilidade da Web 2.0, presencia-se a incorporação do meio digital, onde as relações e processos acontecem em grande parte no mundo virtual, por meio de computadores e dispositivos móveis (Nascimento, 2015).

O estilo de vida moderno (predominante) só se torna viável em virtude dos vários sistemas de mobilidade existentes. Um dos aspectos mais marcantes deste mundo móvel, imediato e em rede é a medida em que as tecnologias de movimento e comunicação física se cruzam em novas articulações da sociedade. À medida que as redes de amigos e famílias se estendem e atravessam o espaço geográfico, a vida social envolve diversas formas de co-presença estabelecidas através de viagens físicas, interações online e comunicações móveis (Molz, 2012). Isso é visto muito fortemente em viagens, onde viajantes experimentam a tecnologia para se engajar em novos estilos de vida, estabelecer novos lugares e ambientes, e descobrir novos modos de presença com amigos e membros da família enquanto viajam e estão longe. As viagens físicas e a comunicação mediada mantêm essas redes sociais dispersas e móveis juntas.

Nesse contexto da tecnologia da informação, surge também a cibercultura ou a tecnocultura que foi estudada por Santaella (2011). A Tecnocultura pode ser definida, resumidamente, como uma cultura digital, cujo principal marco da sociedade contemporânea é o desenvolvimento e utilização das tecnologias digitais. Para Santaella (2011, p.4) “o que caracteriza as tecnologias do acesso é o advento da internet, um universo de informação que cresce ao infinito a passos largos e se coloca ao alcance da ponta dos dedos”. Lemos (2004) acrescenta que as principais características dessa cibercultura é justamente

“o compartilhamento de arquivos, música, fotos, filmes, etc., construindo processos coletivos”. (p. 13)

O desenvolvimento da tecnologia, pontualmente da internet, e as constantes mudanças foram favorecendo os meios de comunicação entre as pessoas e começou a ultrapassar algumas barreiras físicas. Santaella (2011) destaca:

“Na medida em que a comunicação entre as pessoas e o acesso à internet começaram a se desprender dos filamentos de suas âncoras geográficas – modems, cabos e desktops – espaços públicos, ruas, parques e todo o ambiente urbano foram adquirindo um novo desenho que resulta da conexão à internet enquanto a vida vai acontecendo. Assim, essa quinta geração de tecnologias comunicacionais, a da conexão contínua, é constituída por uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos.” (Santaella, 2011, p.4)

Segundo Nascimento (2015) com o passar dos anos, os serviços e a forma de uso da internet sofreram diversas mudanças e expandiram-se significativamente também. Deste modo podem ser identificadas diferentes fases durante o período de consolidação da rede mundial de computadores. Atualmente vivemos na era da Web 2.0, que segundo Nascimento (2015) o termo ficou popularizado a partir de 2004, e é utilizado para designar a segunda geração de comunidades e serviços online. De acordo com Primo (2007, p. 2) "caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo."

Primo (2007) explica que a Web 2.0 não se concentra especificadamente em certas combinações de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web syndication, etc.), mas refere-se também a um determinado período tecnológico, associadas às novas estratégias mercadológicas e a certos processos de comunicação mediados pelo computador.

Ainda segundo Primo (2007) apesar de não ser possível identificar precisamente as fronteiras da Web 2.0, é impossível não destacar os diversos impactos positivos para a sociedade, tanto tecnológico como social. Esses impactos foram sentidos e potencializa-

dos com a chegada da Web 2.0, tais como a produção e circulação de informações, processos de trabalhos coletivos, de troca afetiva, além da construção social apoiada pela informática.

Existem algumas características que destacam a Web 2.0, como a conectividade entre as pessoas, os portais de comunidades, as mensagens instantâneas e principalmente as redes sociais (Santaella, 2011). Segundo Santaella (2011). as palavras-chave da Web 1.0 eram “disponibilizar, buscar, ter acesso e ler” (p. 36), enquanto na Web 2.0 as novas palavras-chave são “expor-se, trocar, colaborar em atividades de interação que encontram suas bases em princípios de confiança e de compartilhamento.” (Santaella, 2007, p.36). Muitos desses novos princípios se fortaleceram com o surgimento e consolidação das redes sociais.

Santaella (2011) classifica a sociedade atual como uma sociedade com uma cultura da mobilidade. O que muito viabilizou o desenvolvimento dessa cultura, segundo a autora, foi o surgimento dos dispositivos móveis aliados ao sistema de posicionamento global (GPS). Segundo Santaella (2011) mesmo antes da explosão dos dispositivos móveis, já se argumentavam “que o universo digital é parte integrante da organização material, econômica, política das sociedades, sendo inclusive determinante nessa organização e significativa de sua real existência” (Santaella 2011, p. 39). Sørensen (2002) faz uma observação sobre a sociedade móvel: “a questão de uma sociedade móvel, computação móvel ou outros aspectos prefixados com os termos móvel, onipresente ou difundida, não está apenas ligada ao movimento humano, é intrinsecamente associado à mobilização explosiva e à fluidização da interação dos últimos anos. (p. 1). Ou seja, a mobilidade não está diretamente ligada ao movimento humano, mas também com a circulação de informações, vídeos, imagens e muito mais.

Essa integração e acesso às tecnologias de qualquer lugar, apenas com aparelhos móveis e sem a necessidade de estar parado em um só lugar, possibilita, segundo Santaella (2011), encontros com a tecnologia em diversas situações sociais e esse fator da introdução da tecnologia ajuda a transformar espaços. Kakiyama & Sørensen (2002) afirmam que uma das importâncias da mobilidade é justamente a libertação de restrições geográficas graças às tecnologias e serviços de computação móvel. A Introdução do GPS

e Wi-Fi, por exemplo, ajuda a pensar em outras maneiras de pensar no espaço e do que fazer com ele. Essas redes de informação ajudam na independência das pessoas e na compreensão de uma nova espacialidade, que segundo Santaella (2011, p.40) são “espacialidades alternativas em que as extensões, as fronteiras, as capacidades do espaço se tornam legíveis, compreensíveis, práticas e navegáveis, possibilitando, sobretudo, práticas coletivas que reconstituem os modos como nossos encontros com lugares específicos, suas bordas e nossas respostas a eles estão fundadas social e culturalmente.”

Essa tecnologia traz um novo cenário, cenário esse de uma conexão sempre contínua e sempre conectada, como define Santaella (2011), essa conexão contínua constitui-se de “uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos” (p.34). Ou seja, os limites de conexão, socialização, compartilhamentos e tudo mais relacionado a tecnologia se expandiu e já não se limita mais a certas fronteiras e barreiras, podendo alcançar assim, muito mais pessoas e outros limites.

Para Santaella (2011) apesar da explosão das redes sociais e todas as novidades tecnológicas que não param de aparecer e de se desvendar, a Web 2.0 começa a querer dar espaço para uma nova Web, a Web 3.0, que segundo a mesma “a Web semântica aliada à inteligência artificial por meio da qual a rede deve organizar e fazer uso ainda mais inteligente do conhecimento já disponibilizado online.” (Santaella, 2011, p. 37). Santaella (2011) destaca muitos possíveis aspectos da Web 3.0, mas um deles é “o uso de gráficos animados, áudio e vídeos de alta definição, 3D, e muito mais, tudo isso dentro do browser. Enfim, a Web 3.0 não é uma mera promessa. Já está batendo à porta.” (Santaella, 2011, p.40).

A Web 3.0 tem algumas características específicas que a distinguirá da anterior, Santaella (2011, p.41) destaca que a rede terá características que vão desde comunidades descentralizadas, a mercado inteligente, mente corporativa, mente grupal, rede de conhecimento, *Web* de relacionamento, *Lifelogs*, *Weblogs* semânticos, até “cérebros globais”.

Todas essas características, confirmam que a tecnologia, a internet e tudo que esteja relacionado com tecnologia, contribuiu para uma mudança na sociedade, mudança essa de comportamento, de relacionamento e de trabalho, e desse modo, estilos de vida alternativos (nos quais de incluem os nômades digitais) que ainda lutam por um espaço e

um reconhecimento numa sociedade ainda tradicionalista, mas que começam a ver grandes possibilidades para um futuro próximo, onde tudo estará conectado e as relações muito mais facilitadas no mundo virtual. Em 2011, Santaella já fazia algumas previsões que começaram a se fazer presentes no dia de hoje:

“Os dispositivos serão cada vez mais poderosos nos aspectos de usabilidade (com aumento exponencial dos aplicativos). Em especial, os aparelhos móveis serão ainda mais sofisticados do que hoje. A convergência das mídias estará presente na maioria dos aparelhos celulares que, por sua vez, deixarão definitivamente de ser um mero telefone móvel para assumir o papel de principal conector do indivíduo com a sociedade. A tela sensível ao toque será um item obrigatório para os smartphones e os aplicativos de rede social sempre estarão presentes” (Santaella, 2011, p.41).

O que se observa é que a tecnologia tem alçado voos largos e com isso tem provocado grandes transformações na sociedade. Santaella (2001) afirma que o uso da tecnologia está conectado com a desconexão da consciência, ou seja, as pessoas sentirão, cada vez mais, a necessidade de estarem conectados e o uso da tecnologia passará a ser um item obrigatório, até mesmo para a garantia do equilíbrio psíquico e físico. Fazer novas previsões para o futuro podem ser demasiadas imprecisas, já que segundo Santaella (2011) vivemos em um universo movedição e de constantes mudanças. Aliás, a autora afirma que a imponderabilidade é uma das características mais marcantes da cultura midiática digital e, independente disso só existe uma certeza: “as tecnologias da inteligência vieram para ficar, crescer e se multiplicar, pois a inteligência, como a vida, não pode parar de crescer” (Santaella, 2011, p.42)

Com toda essa mudança da sociedade e os avanços da tecnologia surgiu essa necessidade de não precisar estar fisicamente em um só lugar. Esta nomadicidade tem uma forte relação com a era digital atual, onde a tecnologia digital permite tornar o local de trabalho flexível e menos limitado pela localização (Nash et al, 2018). A questão do trabalho independente, juntamente com o papel capacitador das tecnologias da informação e comunicação, deu origem a uma população crescente de trabalhadores que não estão vinculados a locais únicos e fixos e que realizam trabalho, por exemplo, em cafeterias,

espaços de *coworking*, *lounges* de aeroportos ou qualquer outro local que tenha internet. Essas pessoas que são independentes de localização, são espacialmente móveis e são definidos por suas práticas de trabalho nômades são conhecidos como nômades digitais (Jarrahi, Nelson & Thomson, 2017) No meio de tanta tecnologia, os nômades digitais se sentem à vontade para desempenharem seu trabalho e viverem a vida que sonharam, em constante viagem. Este estilo de vida será analisado em maior detalhe na próxima seção.

2.4.1 Os Nômades digitais

Com a chegada e crescimento do estilo de vida nômade, ocorreu um choque na relação com o trabalho e estilo de vida tradicional. Esta nova maneira de trabalhar, o desejo pela liberdade, flexibilidade e maior autonomia gerou algumas mudanças nas relações do trabalho. Matos (2018) destaca os maiores diferenciais entre os dois tipos de trabalho: “o uso da internet, das novas tecnologias, do *know-how* criativo e de outras competências próprias da sociedade da informação em favor de uma rotina móvel são seus diferenciais em relação aos trabalhadores tradicionais” (Matos, 2018, p.37).

A relação com o atual estilo de trabalho é muito questionada por essas pessoas que não concordam com uma vida "presa" e muitas vezes "frustrada". Num artigo denominado "Manifesto Nômade Digitais" (Barbosa e Viegas, S/D) os autores demonstram sua insatisfação com as condições de trabalho atuais e com o chamado "sonho americano" de ter uma vida pré-definida, mesmo antes de nascer, com tudo programado e pré-estabelecido e indagam sobre a falta de liberdade nos trabalhos. Os autores dizem o seguinte sobre a relação com o trabalho:

“É um momento épico: as paredes dos escritórios e as baias começam a despencar para diversas profissões. Em diversos casos, elas já não fazem mais sentido. Hoje, para muita gente, não há mais porque pegar horas de trânsito todos os dias, se locomover para escritórios que em sua maioria ficam em áreas centrais, gastar com transporte, estacionamento, almoço, gasolina, e tudo inflacionado, pois há muitas pessoas fazendo as mesmas coisas nos mesmos lugares. Há formas mais inteligentes de trabalhar, ganhar dinheiro e ter uma vida fantástica ao mesmo tempo”.

E ainda acrescentam que:

“O modelo social que a maioria das pessoas considera “normal”, é oriundo do final da Segunda Guerra Mundial. Com tudo destruído, com a economia quebrada, com altas taxas de desemprego, falta de moradia, e famílias desfalcadas pela guerra, o sonho das pessoas passou a ser reconquistar as perdas. Isso significava ter uma casa bonita, com cerca branca e grama aparada, uma carreira de sucesso em uma grande empresa, trabalhar sempre mais para conseguir aquela promoção, para poder finalmente casar, ter filhos, um belo carro na garagem e duas férias de 15 dias ao ano. Construiu-se, assim, o Sonho Americano. Isso significa que antes mesmo de você nascer, o mundo já tinha expectativas sobre você, impondo um caminho que é traçado da mesma forma pela maioria das pessoas. Te fizeram acreditar que não havia outras escolhas. Que essa era a única trilha possível para a felicidade. Eles estavam enganados.”

Estes excertos demonstram a mudança do paradigma acerca do trabalho que hoje pode existir. Para os nômades digitais a felicidade não é um destino, é uma trajetória, e por isso para eles o trabalho e vida se confundem por causa da escolha de viajar e trabalhar sem parar, simultaneamente (Nash et al, 2018).

Kamoi (2015) afirma que, com a globalização, o uso da internet e da tecnologia, o surgimento de novas profissões, a criação de conteúdo digital e ainda os custos de vida altos em alguns países e passagens aéreas internacionais baratas, abriram esse nicho para profissionais que querem sair do escritório e da rotina. Muitos profissionais têm visto potencial em executar seus trabalhos remotamente e juntam a obrigação de trabalhar com um lazer que amam – viajar. Deste modo, conseguem obter um nível de vida mais equilibrado com a sua perspectiva de vida: com qualidade de vida, custos baixos, usando voos baratos, destinos com um custo de vida mais acessível, sem contas fixas para pagar e, assim, conseguem trabalhar em diversos lugares do mundo. Para Nash et al (2018) é bastante comum que muitos nômades digitais mudem completamente seus planos de carreira para obter uma renda enquanto viajam. Mesmo que isso exija a aquisição de novos conhecimentos ou um conjunto diferente de habilidades, eles fazem os preparativos necessários antes de se tornarem de vez nômades digitais. O uso de tecnologias portáteis

e ferramentas tecnológicas facilita a formação e o trabalho dos nômades digitais nos diferentes lugares que escolhem (Nash et al, 2018; Jarrahi, Nelson e Thomson, 2017; Sutherland e Jarrahi, 2017).

Segundo Barbosa e Viegas (S/D) os nômades digitais seguem o mesmo raciocínio dos nômades, nossos ancestrais que ficavam em um determinado lugar temporariamente enquanto lhes convinha e os fazia sentir bem e feliz. Segundo os autores "sempre é possível ficar mais, e jamais é proibido partir, afinal viajar não foi feito para criar amarras – e sim, para criar asas". No entanto, a maioria das pessoas - a não ser a minoria que nasce em famílias muito ricas - precisa trabalhar. Trabalhar é a única maneira de ganhar dinheiro para satisfazer as necessidades básicas e não básicas. No entanto, cada vez mais pessoas questionam o “viver para trabalhar” que rege muitas gerações da nossa sociedade. Este questionamento foi o que motivou o surgimento dos nômades digitais e esse movimento global que é formado por diversas pessoas que estão insatisfeitas com o estilo de trabalho convencional e preferem viajar e trabalhar ao mesmo tempo. Os nômades digitais buscam um melhor equilíbrio entre vida e trabalho e a mobilidade é o que os diferencia e os impulsiona a mudar para um novo estilo de vida (Benson e O’reilly, 2009 citado por Mouratidis, 2018).

Segundo a Revista Forbes (Pofeldt, 2016), cerca de 35% dos trabalhadores dos Estados Unidos em 2016 trabalhavam como *freelancers*. Ainda acrescentam que nos dias atuais as pessoas têm criado seus próprios trabalhos, bem mais que antigamente. Dos trabalhadores *freelancers*, 47% são jovens entre 18 e 24 anos, que trabalham como *freelancers* a tempo inteiro ou a meio período, e apenas 28% desses trabalhadores são da geração Baby Boomers, o que revela que é uma atividade recente e que desperta maior interesse aos jovens, que parecem preferir um trabalho mais independente.

Tigar (2018) acrescenta que, considerando que 35% da força de trabalho americana é *freelance* e que trabalha enquanto viaja pelo mundo, o que era um sonho passou a ser uma realidade para muitos nômades digitais e passou a ser um estilo de vida. Esta pesquisa ainda revela que muitos nômades digitais ganham renda com esse estilo de vida, e muitas vezes até é o dobro, triplo ou mais do que costumavam ganhar em escritórios.

Poder ter acesso a recursos de comunicação e informação a qualquer hora, em qualquer lugar, não é considerado apenas um meio de liberar o indivíduo de uma dependência de lugares físicos para realizar as atividades desejadas, mas também é visto como um meio para se tornar mais eficiente em relação aos recursos escassos. Hoje em dia um dos recursos mais escassos é o tempo para realizar atividades de trabalho e lazer, e com este estilo de vida e a utilização desses recursos, fica mais fácil gerir o tempo para incluir o maior número de atividades no mesmo período do tempo (Dal Fiore et al, 2014).

Outra tendência importante dos nômades digitais no que respeita ao trabalho, é o fato de que muitos fazem uso de espaços *coworking*, ou seja, locais de trabalho compartilhados por diversas pessoas que trabalham de forma independente, mas mesmo tendo esta liberdade de escolha do local de trabalho, procuram usufruir do contato com outras pessoas (Matos, 2018). O espaço de *coworking* é uma tipologia emergente do espaço de trabalho, que transformou a maneira como se utiliza o espaço para trabalhar em contraste com os espaços de trabalho convencionais. É uma manifestação arquitetônica de *coworking*, que promove a colaboração entre seus usuários (colegas de empresa ou não) e possui projeto físico de planta aberta, arranjo de mesas para possibilitar o contato visual entre colegas de trabalho, complementado com áreas sociais (cozinha ou copa, salas de reunião e área de lazer) que desempenham papel importante para transformá-lo em espaço colaborativo (Putra e Agirachman, 2016).

De Carvalho e Ciolfi (2014) definem o nomadismo digital como uma forma extrema de trabalho móvel que abrange pessoas que estão constantemente em movimento, geralmente viajando longas distâncias, trabalhando onde quer que estejam e transportando consigo os recursos para que possam estabelecer locais de trabalho temporários nesses locais. De Carvalho (2013) os classifica, principalmente, por mudarem constantemente de local de trabalho. Como os nômades pastoris deslocavam suas famílias para locais onde pudessem encontrar pastos verdes para seus rebanhos ou água para suas plantações, os nômades digitais mudam seus locais de trabalho para locais onde eles podem encontrar recursos como tempo, espaço e privacidade (De Carvalho, 2013).

É importante ressaltar que alguns trabalhos exigem que as pessoas mudem para diferentes lugares por diferentes razões: equipamentos mais sofisticados, equipe localizada em outro local, entre outros. Já outros trabalhos são estritamente nômades, permitem que as pessoas trabalhem em diferentes locais, ou seja, um trabalho flexível. Para De Carvalho e Ciolfi (2014) o nomadismo pode ter diversas forças motivacionais: seja porque o destino oferece mais conforto; ou porque o destino oferece mais oportunidades na sua área; ou por obrigação, por exemplo quando alguém precisa se deslocar para um local específico para conduzir o trabalho, porque certos recursos - como um equipamento específico - só pode ser encontrado lá. De Carvalho (2013) sugere, então, que o nomadismo não tem a ver com uma categoria de trabalho, mas com um processo dinâmico e emergente que leva à realização em diversos locais diferentes, sendo, por isso, um estilo de vida.

Segundo Kamoi (2015) o que mais caracteriza os nômades digitais, e que é a melhor parte do seu estilo de vida: é a liberdade e flexibilidade de horários e dias de trabalho, a possibilidade de viajar tanto em épocas altas quanto em épocas baixas, não precisar estar em um escritório todos os dias e além disso poder viajar e ter a oportunidade de conhecer novos lugares, novas pessoas e culturas diferentes o tempo todo.

O nômade digital, apesar de trabalhar pela internet pode ter a sua fonte de renda por meios variados, tanto exclusivamente *online* como também *offline*, misturando, assim, as duas realidades (Matos, 2016). Deste modo, entende-se que o nômade pode desenvolver suas funções pela internet, desempenhando suas funções *online*, ou mesmo desenvolver outras atividades, ou a mesma, não se restringindo apenas ao *online*, mas sempre existindo uma distância física entre o trabalhador e o “empregado/cliente”.

Arriaga (S/D) afirma que os nômades digitais podem ser divididos em três grupos distintos: os *freelancers*, que são os que trabalham para seus clientes e trocam seu tempo e serviço por dinheiro; os empreendedores, que são os que criam produtos e/ou serviços rentáveis, mas que podem trabalhar de qualquer lugar; e os trabalhadores remotos que são funcionários normais de uma empresa fixa, mas que não precisam necessariamente estar num escritório e podem trabalhar de qualquer lugar.

Muitas pessoas insatisfeitas com a vida tradicional de trabalho que levam e com a influência na vida pessoal, buscam, cada vez mais, uma maior independência de horários e uma liberdade maior para administrar suas vidas pessoais e profissionais (Matos 2016).

No fundo, percebe-se que os nômades digitais mais querem é ter mais tempo livre e liberdade, para, assim, terem uma vida mais feliz e completa. Barbosa e Viegas³, nômades digitais assumidos e bem-sucedidos, afirmam que só poder viajar uma ou duas vezes por ano, ou ter que viajar no mesmo período que a maioria, em épocas de férias e feriados prolongados e ter que viajar em voos lotados, trânsito, atrativos cheios, não é agradável. Por isso é que manter uma vida viajando e poder viajar em qualquer época é uma das coisas que os nômades digitais mais apreciam. Eles afirmam “Hoje em dia temos a possibilidade de unir carreira bem-sucedida com viagens, sem ter que prejudicar nenhuma delas. As pessoas que escolheram essa trilha são chamadas de Nômades Digitais” (Barbosa e Viegas, S/D).

Muitas cidades, por oferecerem custo de vida menor, têm atraído mais nômades digitais. A questão do baixo custo de vida tem sido um dos motivos para os mesmos decidirem não manter um endereço fixo e permanente em um lugar, pois a economia nesse sentido é que permite que a maioria dos nômades digitais continuem a se manter economicamente e prossigam com este estilo de vida por mais tempo (Spinks, 2015). Muitas pessoas pensam que ter uma vida nômade gera muitos mais gastos que uma vida mais “comum”, mas segundo Barbosa e Viegas (S/D) acontece o contrário. Eles afirmam que usar o câmbio a seu favor é a forma mais inteligente de viajar.

Jarrahi, Nelson e Thomson (2017) referem um aspeto importante no estilo de vida nômade digital que é o movimento, a deslocação, mas não apenas o movimento entre países e cidades, mas também de espaço de trabalho para espaço de trabalho. Um dos problemas que o nômade digital pode ter é de encontrar recursos e infraestruturas nos locais onde está, ideais para o trabalho. Trabalhar em vários espaços de trabalho requer conscientização sobre os recursos tecnológicos disponíveis. Aproveitar as infraestruturas

³ Autores do site Nômades Digitais (www.nomadesdigitais.com).

tecnológicas locais é fundamental no trabalho móvel e uma das implicações mais importantes de trabalhar de vários lugares é o acesso à Internet. Estes temas, bem como as suas características enquanto segmento de mercado turístico, serão analisadas em maior detalhe no próximo capítulo.

2.5 Conclusão

Neste capítulo foi discutido sobre a evolução da tecnologia e sua contribuição para a mudança nas organizações do trabalho e da sociedade. Viu-se que com o surgimento da internet e da Web 2.0 e 3.0, novas maneiras de se relacionar foram surgindo, não apenas em termos pessoais, mas também comerciais. Com o avanço da tecnologia e com o surgimento de equipamentos móveis, as pessoas começaram a se sentir mais livres e não tão presas a um só lugar físico. Além disso, a questão de não precisar de locomover até os lugares para pedirem informações ou mesmo realizarem uma compra revolucionou o perfil do consumidor.

Este capítulo também procurou abordar as alterações organizacionais do trabalho e perceber as principais mudanças e diferenças das gerações deste século, que motivaram importantes alterações na organização laboral e nos estilos de vida.

Concluiu-se que a tecnologia influencia a vida profissional e é capaz de alterar não só o modo de trabalho, mas também a maneira como as pessoas encaram a vida e as possibilidades que surgem por meio dela. O surgimento da economia “gig” permitiu o aparecimento de profissionais autônomos e *freelancers* que viram na tecnologia a possibilidade de ter um estilo de vida diferente, usando a tecnologia para complementar tanto a vida profissional quanto a pessoal.

Conclui-se que convivem atualmente 4 gerações distintas. A geração *Baby Boomers* é mais tradicionalista, com elementos mais focados no trabalho e no crescimento da carreira e menos ligados com a tecnologia, apesar de na maioria das organizações eles ainda desempenharem funções de lideranças. A geração X já começa a ter um pouco mais de

contato com a tecnologia e são mais focados nos seus interesses pessoais, não tem medo de mudar de emprego se assim acharem melhor, defendem um ambiente de trabalho mais informal e uma hierarquia menos rigorosa. A geração Y é formada por pessoas que nasceram com a tecnologia e cresceram juntamente com o desenvolvimento da internet, são mais individualistas e procuram alcançar um equilíbrio entre o trabalho e suas necessidades pessoais. Estas pessoas querem horários flexíveis, independência, um trabalho interessante e também crescimento profissional, estão mais acostumados com mudanças, são mais ansiosos por novos desafios, além de serem mais tolerantes com os erros. A geração do Milênio é aquela que nasceu conectada, em que a internet faz parte do seu dia e está entranhada na vida em todos os sentidos, a tecnologia não é apenas um complemento, é algo real e essencial (McMahon e Pospisil, 2005). Estes jovens estão sempre conectados no trabalho, com amigos e família e descobriram nos dispositivos móveis um aliado para a mobilidade espacial. Esta é a geração que impulsionou o estilo de vida “nômade digital”, exatamente por apresentar as características identificadas anteriormente.

Concluiu-se, então, que a tecnologia foi um fator essencial na mudança da mentalidade organizacional e o principal responsável pela mudança das estruturas de trabalho e alterações nos estilos de vida. Além disso, com o crescimento da tecnologia e, principalmente, a internet, novos estilos de vida surgiram, com forte ligação ao turismo, dos quais se destacam os nômades digitais, que serão caracterizados em detalhe no capítulo seguinte enquanto segmento turístico.

3 TECNOLOGIA, TURISMO E O SURGIMENTO DOS NÔMADES DIGITAIS

3.1 Introdução

No capítulo anterior discutiram-se as mudanças organizacionais que ocorreram no século XXI, e concluiu-se que a tecnologia e a internet foram os fatores principais e de maior impacto ao longo das gerações.

A evolução da internet, a mudança nas estruturas organizacionais e os novos desejos das gerações recentes contribuíram para o surgimento de um novo tipo de trabalhador, são os chamados nômades digitais. A maior preocupação com a vida pessoal do que com a profissional, a busca por flexibilidade e o desejo pela independência espacial são características das novas gerações. São essas novas gerações que integram este novo estilo de vida do “nomadismo digital”.

Por outro lado, segundo Živković, Gajić & Brdar (2014), a Web 2.0 teve um grande impacto sobre o comportamento das pessoas, também enquanto turistas. De acordo com as novas tendências da tecnologia da informação, os consumidores passaram a ser mais adaptáveis e flexíveis, e surgiu um novo perfil de consumidor - os usuários digitais. Com as novas tecnologias sendo desenvolvidas, o principal interesse do turismo está na exploração do potencial das TIC, e principalmente das redes sociais, como instrumentos estratégicos para o aprimoramento das experiências turísticas de forma positiva.

Este capítulo procura analisar conceitualmente fenômeno nomadismo digital, do ponto de vista do turismo. Assim, o capítulo começa com a análise da relação entre o turismo e a tecnologia, passando para a explicação dos nômades digitais, compreender de fato quem eles são e quais são as principais características que os diferenciam de outros viajantes.

3.2 Tecnologia e turismo

A tecnologia contribuiu e tem contribuído muito para o crescimento do turismo, segundo Flores, Cavalcante e Raye (2012), as Tecnologias de Informação (TI) estão presentes em todas as funções no setor do turismo, desde gestão estratégica a operacional e, sendo a informação elemento primordial para o crescimento e desenvolvimento do turismo, as TIs proporcionam oportunidades e desafios para o setor. Deste modo, as organizações e destinos turísticos estão sendo forçados a usarem, cada vez mais, as ferramentas de TI para melhorar a competitividade diante da concorrência do setor (Flores, Cavalcante, e Raye, 2012; e Buhalis, 1998). O turismo sem internet e sem os meios de informação e comunicação atuais não teria tanta relevância e não teria crescido tanto nos últimos anos. Flores et al. (2012, p.324) acrescentam que “os canais de distribuição, em especial a Internet, têm se tornado uma das ferramentas mais importantes para a comunicação promocional das empresas”.

Matthewman (2012) destaca que o rádio, a televisão e principalmente a internet contribuíram para o aumento da sede de conhecimento, criando, assim, um grande desejo de informar-se sobre os acontecimentos atuais, a diversidade cultural, esporte mundial, celebridades, entre outros. “O ritmo, a disponibilidade e o custo relativamente baixo da conectividade móvel e de imagens visuais fizeram com que o mundo, para algumas pessoas, se tornasse um lugar menor” (Matthewman 2012, p.29). Mas para este autor as tecnologias transformaram o mundo em um lugar ainda maior, pois ela é capaz de transcender fronteiras conectando milhares, e até milhões, de pessoas. Esse crescimento descomunal fez com que nas últimas décadas as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) afetassem profundamente a maneira dos negócios serem realizados e da maneira de competir das organizações (Živković, Gajić & Brdar, 2014). Com a ajuda da tecnologia de informação e comunicação no ambiente global, os indivíduos agora podem interagir, mover-se através do espaço e do tempo e as informações necessárias acompanham e ajudam a encontrar o produto ou os serviços desejados (Buhalis & Licata, 2002) de uma forma muito mais rápida, fácil e barata.

A criação e a acessibilidade da Internet mudaram essencialmente o modo como os viajantes acessam as informações, a maneira como planejam e reservam viagens e compartilham suas experiências de viagem (Hays, Page & Buhalis, 2013). Com o desenvolvimento da Web 2.0 surgiu também, em consequência a isso, uma outra inovação, o Travel 2.0. Esse novo conceito segundo Živković, Gajić & Brdar (2014) veio como resultado da extensão do conceito de Web 2.0 no setor de turismo. O Travel 2.0 representa a nova geração de websites de viagens que facilitam a colaboração social entre os viajantes, permitindo que os turistas compartilhem suas experiências e opiniões com outros viajantes de forma rápida, fácil e gratuita.

Segundo Živković, Gajić & Brdar (2014) a credibilidade e confiabilidade dos aplicativos da Travel 2.0 estão aumentando e hoje os turistas confiam muito mais nas opiniões e relatos de experiências de outras pessoas que vivenciaram de fato a viagem, do que, muitas vezes, em conselhos de profissionais de viagem. Segundo Buhalis (1998) cada vez mais, as TIs proporcionam aos viajantes mais acesso a informações confiáveis e precisas, bem como realizar reservas em pouco tempo, com menos custo e inconveniência que as vezes existem utilizando os métodos convencionais. As TI melhoram o serviço e a qualidade, além de contribuir para uma maior satisfação dos viajantes. A satisfação do cliente depende muito da exatidão e abrangência de informações específicas sobre a acessibilidade dos destinos, atrações e atividades. Isso ocorre porque a lacuna entre as expectativas dos consumidores e experiências percebidas é menor e, portanto, surpresas desagradáveis a partir do destino ou princípios são minimizados. Além disso, vários outros fatores facilitadores de TI aumentam a satisfação do consumidor: os consumidores têm mais informações e desfrutam de uma maior escolha; uma redução da burocracia e trabalho libera tempo para atendimento ao cliente; personalização do produto e estabelecimento de marketing “*one-to-one*” usando inteligência coletada por esquemas de fidelidade (por exemplo, preferências do produto); fornecer novos serviços; facilitar tarefas operacionais (por exemplo, check-out no quarto); serviços personalizados (por exemplo, rececionista reconhece convidado pelo seu nome); e finalmente melhor integração de departamentos e funções das organizações para um melhor serviço (Buhalis, 1998)

Para Milano, Baggio & Piattelli (2011) os efeitos do Travel 2.0 são grandes, e os viajantes tem um importante conjunto de ferramentas nas mãos e isso pode afetar diretamente a imagem e o negócio dos destinos, empresas e organizações turísticas. O uso dessas ferramentas também é considerado bastante importante para melhorar o status dos sites de turismo e dos destinos e é uma ótima estratégia de marketing, saindo do tradicional marketing de massa para um marketing mais personalizado. É perceptível a importância do Travel 2.0 e suas ferramentas, principalmente pelo crescimento do ambiente digital e das mídias sociais e, por isso, muitas empresas de turismo tem começado a perceber e a se adaptar à vida digital, remodelando, assim, sua maneira de se apresentar online (Milano, Baggio & Piattelli, 2011) e de atrair mais público, agora mais exigente e com mais acesso à informação.

Segundo Buhalis & Licata (2002) as indústrias de turismo e viagens foram particularmente afetadas por esta evolução e principalmente pela maneira que as organizações distribuíram seus produtos turísticos. Tradicionalmente, o papel de distribuição de viagens tem sido realizado por agências de viagens e operadores turísticos (Buhalis & Licata, 2002) mas com o avanço da tecnologia a necessidade de intermediadores tem sido cada vez menor. Buhalis (1998) destaca que os consumidores dependem cada vez mais da Internet para informações sobre viagens. Eles utilizam sites da Internet comerciais e não comerciais para planejar, pesquisar, comprar e alterar suas viagens. Maiorescu et al (2014) afirmam que quando um local turístico possui um elevado número de posts associados, a quantidade de comentários positivos é maior que a quantidade de comentários negativos, comprovando assim a necessidade de se envolver ativamente na promoção de um destino turístico através das mídias sociais. Buhalis & Licata (2002) destacam que a necessidade de modernização e a entrada de novos concorrentes no mercado influenciam o futuro dos canais tradicionais de distribuição eletrônica.

Não apenas a forma de distribuir mudou, mas a maneira de divulgar também tem sido afetado pela tecnologia. Sharma, Kumar & Rani (2017) destacam que ao longo dos anos, o turismo baseou-se principalmente pelo poder do marketing boca a boca. Era muito comum familiares e amigos motivarem e ajudarem no planejamento das viagens. No entanto, hoje em dia com o desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação,

a informação boca a boca tem sido estendida além de um grupo limitado de familiares e amigos, mas tem tomado proporções mundiais. Hays, Page & Buhalis (2013) referem-se ao advento das mídias sociais e da mudança da Web 1.0 para a Web 2.0 essa mudança do marketing boca a boca. Para Živković, Gajić & Brdar (2014) os turistas contemporâneos têm estado mais do que ativos desde o surgimento da sofisticada tecnologia Web 2.0, que influenciou e transformou fortemente o processo de tomada de decisão. Živković, Gajić & Brdar (2014) muitos resultados de pesquisas confirmam que aproximadamente 50% das pessoas estão propensas a fazer o download de aplicativos de viagem enquanto procuram por destinos antes de partirem para as férias. Ou seja, isso mostra que mais do que confiar em um pequeno grupo, os viajantes estão cada vez mais, investindo em aplicativos e sites que fornecem muito mais do que eles esperam, todo o tipo de informação, dicas e sugestões.

Os blogs juntamente com as mídias sociais surgiram para mudar a maneira como as pessoas se comunicam e buscam informações. Sharma, Kumar & Rani (2017) veem a mídia social como uma parte inseparável da tecnologia digital. Eles argumentam que a mídia fornece uma vantagem para os turistas, pois eles podem obter sugestões e opiniões de milhões de pessoas, incluindo amigos, familiares e viajantes que nunca conheceram. Muitas empresas e destinos turísticos se atentaram para o potencial das mídias sociais e para não ficarem para trás e para serem tecnologicamente notados e obterem mais vantagens, eles têm aumentado a publicidade e promoção dos destinos e produtos turísticos nas plataformas digitais com o objetivo de criar uma imagem distinta de seus produtos turísticos na mente de clientes existente e viajantes potenciais (Sharma, Kumar & Rani, 2017).

A internet, as mídias sociais, blogs e tudo que conecta pessoas, opiniões e conteúdos acabam por contribuir para o turismo, pois as pessoas confiam muito na opinião de outros viajantes e estão sempre a buscar informações e sugestões na internet e isso acaba por contribuir na divulgação de destinos e produtos, que muitas vezes, poderia demorar a chegar para determinado cliente, pois a internet facilita a chegada de informações. Sharma, Kumar & Rani (2017) afirmam que a mídia social é uma ferramenta importante para a análise das atitudes dos turistas e isso é confirmado pelo aumento de compras e recomendações para outros usuários. Os turistas têm a necessidade de saber, por meio de

fontes confiáveis, como será sua experiência, a fim de reduzir a incerteza e criar algumas expectativas sobre o que eles encontrarão em um destino. E como, às vezes, pode haver incertezas em relação aos serviços turísticos, o viajante gosta de obter as informações necessárias para tomar a decisão certa sobre a viagem. Sharma, Kumar & Rani (2017) ainda acrescentam que os turistas modernos têm mais confiança nas opiniões de outros viajantes usando as mídias sociais do que os conselhos de marketing oficiais.

Brown & Chalmers (2003) afirmam que embora o turismo apresente uma série de barreiras à introdução de novas tecnologias, principalmente pela necessidade dos dispositivos serem suficientemente móveis, os turistas já adotaram muitas novas tecnologias, por exemplo a internet, telefones celulares e câmeras digitais. Isso mostra que existem muitas oportunidades para a introdução de novos sistemas turísticos. É importante destacar que a informação é a força vital do turismo. Buhalis (1998) acrescenta que as tecnologias da informação fornecem oportunidades e desafios para a indústria do turismo. Com o crescimento da tecnologia e com o surgimento, cada vez mais, de novos produtos, as organizações e destinos, que precisam competir entre si, serão forçados a se adaptar (Buhalis, 1998) e a utilizar esses novos meios, além de se reinventar perante a concorrência. Além disso as TIs também auxiliam as empresas a entenderem o consumidor, o que facilita na hora de oferecer o produto adequado.

Buhalis (1998) destaca algo fundamental no turismo, ao contrário dos bens duráveis, os serviços de turismo são intangíveis e não podem ser fisicamente exibidos ou examinado no local de venda antes de comprar. Eles são comprados antes do consumo e longe do local de consumo. Por isso, dependem exclusivamente de representações e descrições fornecidas pelo departamento de viagens para atrair consumidores. Ter informações adequadas e precisas e que vão ao encontro das necessidades dos consumidores são a chave para a satisfação da demanda turística. Deste modo, as TIs fornecem o suporte para distribuir as informações adequadas aos potenciais clientes.

Brown & Chalmers (2003) ainda ressaltam como a tecnologia pode ajudar na resolução de alguns problemas turísticos. Segundo Brown & Chalmers (2003) o primeiro problema, e o mais simples, é encontrar o que fazer em um lugar

desconhecido. Ao contrário do trabalho, onde as tarefas são frequentemente pré-determinadas por um objetivo geral ou pelos planos de outras pessoas, o turismo é muito mais aberto. O turismo engloba uma ampla gama de atividades, como passeios, relaxamento, compras, visitar amigos e familiares. O turismo também pode fazer parte das viagens de negócios, por isso as vezes a fronteira entre trabalho e lazer fica muitas vezes confusa. No entanto, os turistas precisam tomar algum tipo de decisão do que fazer no destino com alguma antecedência. Algumas decisões precisam ser levadas em consideração, como: o tempo para se chegar na atração e qual atração visitar. Junto com a questão do que fazer é preciso saber como fazer, nesse ponto deve-se levar em consideração as culturas e o modo de ser do local, as normas comportamentais e tudo o que for necessário. Para isso a tecnologia da informação pode ser fundamental para buscar informações relacionadas ao local. Brown & Chalmers (2003) ainda acrescentam que o turismo é geralmente restrito no tempo, devido à necessidade do turista de retornar a casa. O tempo também é um problema que os turistas têm de lidar, como os horários de abertura devem ser coordenados com os horários dos transportes públicos e isso é agravado pelo problema de pré-reserva.

Brown & Chalmers (2003) ainda destacam uma parte importante de uma viagem que é também o compartilhamento com outras pessoas que estão em casa. Essa necessidade de mostrar e interagir mostra como os visitantes não são indivíduos isolados e fazem parte de um grupo social. Os turistas gravam e mostram experiências por meio de fotos e histórias, para se lembrarem da visita e compartilhar com os outros depois (ou mesmo durante) de voltar para casa. Segundo Brown & Chalmers (2003) a tecnologia turística de maior sucesso é a câmera, projetada especificamente para levar a visita de volta para casa. Mas nos dias atuais o telefone móvel também pode ser considerado um grande sucesso para os turistas, já que além de ter câmera tem todas as informações que eles precisam em um único lugar.

Segundo Buhalis (1998) os turistas tornam-se sofisticados e mais exigentes, solicitando produtos de alta qualidade e valor para o seu dinheiro. Assim, destinos e empresas precisam de novos métodos para atender aos novos tipos de demanda. O uso de TI na indústria é impulsionado pelo desenvolvimento do tamanho e complexidade da

demanda turística, bem como pela expansão e sofisticação de novos produtos turísticos. Cada vez mais, novos viajantes ou mais experientes, sofisticados e exigentes buscam informações sobre destinos exóticos e experiências autênticas, bem como muitas vezes, exigem a interação com os fornecedores, a fim de satisfazer suas necessidades e desejos específicos. O consumidor contemporâneo e conectado está muito menos disposto a esperar ou tolerar atrasos, a ponto de a paciência ser uma virtude que está desaparecendo. A fim de satisfazer a procura turística e sobreviver a longo prazo, não há escolha senão incorporar tecnologia e aumentar a interatividade com o mercado.

Buhalis & Licata (2002) afirmam que a tentativa de prever o futuro da distribuição do turismo é uma tarefa difícil por si só. Por um lado, porque os desenvolvimentos tecnológicos evoluem e mudam rapidamente e, por outro, porque a distribuição do turismo é também um dos setores mais dinâmicos da indústria. Com o crescimento da tecnologia, com o surgimento das mídias sociais e pelas pessoas estarem muito mais conectadas começa, então, a surgir, cada vez mais, blogs e redes sociais que servem de meio de comunicação, divulgação, compartilhamento e troca de informações, destinos, serviços e muito mais.

Com todas essas mudanças da sociedade, do trabalho, da evolução da internet e o seu uso para fins turísticos, leva a surgir um novo segmento de mercado, com um novo perfil e novas necessidades: os nômades digitais.

3.3 O Nômade Digital enquanto recente segmento turístico

Para Matos (2016) o nomadismo digital até o momento ainda é um conceito novo e, por isso, não é unânime ou totalmente claro, "é percebido como uma categoria que ainda não possui parâmetros definidos." (Matos, 2016, p. 1). A maior parte das definições do nomadismo digital tem sido apresentado em diversos sites de pessoas que possuem esse estilo de vida, tendo sido também inserido em estudos e pesquisas no meio acadêmico, mas em menor número, como referido na seção 2.4.1.

Os nômades digitais são indivíduos que aproveitam as facilidades da tecnologia para trabalhar em suas profissões de maneira remota. Estes indivíduos não possuem local

fixo de trabalho e, normalmente, viajam enquanto trabalham, desempenhando as suas funções em cafeterias, hotéis, bibliotecas, escritórios alugados ou qualquer outro espaço que ofereçam as condições para tal, principalmente boa internet. O turismo é a motivação de vida destas pessoas. Estes nômades escolhem viver em viagem, aproveitando a mobilidade que as novas tecnologias permitem introduzir no trabalho. O aumento da indefinição dos limites entre o trabalho e o lazer, aliado ao crescimento da tecnologia digital, trouxe a liberdade de trabalhar em qualquer lugar com acesso à Internet. Estes nômades digitais levam seu trabalho com eles, muitas vezes estabelecendo temporariamente em lugares com estilos de vida atrativos e muitas vezes ligados com o lazer (Richards, 2015).

Spinks (2015) classifica os nômades digitais como trabalhadores autônomos sem fronteiras, que trabalham de forma autônoma e interagem com diversas cidades e países, mas de uma forma diferente de um turista normal, mesmo que ainda sem obter o status de residente. Os nômades digitais, ainda segundo Spinks (2015), diferem dos turistas, ditos normais, e dos residentes por alguns fatores, nomeadamente: podem ser considerados um "expatriado independente a curto prazo", pois diferente de um expatriado residente ele não trabalha para uma empresa fechado dentro de um escritório, não tem visto de trabalho e na maioria das vezes entram nos países com visto de turista, renovando-o quando precisa ou então movendo-se para outro lugar quando o mesmo expira. Mas ao contrário de um turista normal, eles não viajam para um determinado lugar somente a lazer ou sem nenhuma responsabilidade, a viagem não é completamente necessária para a realização do seu trabalho, é apenas um lugar de sua escolha para desenvolvê-lo. No entanto, na preparação da sua viagem, parecem recorrer aos serviços utilizados por turistas e no destino, apesar de terem comportamentos diferentes dos turistas de massas, conseguem-se identificar comportamentos próximos de nichos de mercado mais alternativos, como os *slow tourists*. São "eternos turistas" por opção. Assim como os turistas, os nômades digitais gostam de conhecer os destinos, provar a culinária local e até tirar fotos nos atrativos mais conhecidos. O seu comportamento pode diferenciar-se em alguns as-

pectos, principalmente em relação ao trabalho simultaneamente ao lazer, mas o seu comportamento aventureiro e explorador, especialmente quando chegam a um destino novo, não parece diferir muito do de alguns turistas “normais”.

Sutherland e Jarrahi (2017) aponta que a comunidade nômade digital é única por não ter seu trabalho baseado em localização, por sua força e identidade própria, sua presença na web e por sua adoção ativa de vários aplicativos, ferramentas e plataformas que suportam o seu trabalho. Nash et al (2018) destaca que aqueles que aderem a este estilo de vida estão redefinindo a vida, buscando um emprego que permita viagens globais, flexibilidade nas horas de trabalho e um afastamento do ambiente de escritório tradicional. Para Sutherland e Jarrahi (2017) a motivação mais frequentemente associado a esse estilo de vida é a aventura de viagem e uma fuga da atmosfera do escritório.

Como é evidente nas definições apresentadas nesta seção e na seção 2.4.1, o nomadismo atual é frequentemente associado à mobilidade e ao trabalho em vários locais, está centrado na tecnologia e no turismo. De Carvalho e Ciolfi (2014) afirmam que “nomadismo” e “mobilidade”, bem como as suas formas adjetivas, como: “Trabalho nômade” e “trabalho móvel”, muitas vezes acabam sendo usados de forma intercambiável. Além desses termos, expressões como “trabalho flexível”, “trabalho fluido” e “teletrabalho móvel” (entre outros) também podem ser encontradas na literatura sobre o tema (De Carvalho e Ciolfi, 2014). Todos estes termos estão de alguma forma associados à mesma coisa: desenvolver atividades de trabalho em diversos locais além do local de trabalho convencional e “estável”, como um escritório fixo, por exemplo, utilizando sempre da ajuda de tecnologias de computação para mobilizar recursos de trabalho (De Carvalho, 2013).

Convém, no entanto, destacar que nem todos os profissionais que trabalham remotamente são nômades digitais, existem muitos profissionais que trabalham remotamente e em movimento e isso não os tornam nômades digitais. Mouratidis (2018) aponta que muitas outras profissões exigem que os indivíduos trabalhem em movimento. No entanto, a diferença fundamental entre nômades digitais e outros profissionais que trabalham remotamente e viajam, é que estes últimos não se movem por opção, mas são

forçados a fazê-lo devido à natureza do seu trabalho. Mouratidis (2018) ainda destaca que a diferença mais significativa comparando os nômades digitais com os restantes turistas, mesmo os de longo prazo é que os últimos não combinam trabalho com lazer e querem voltar para casa em algum momento.

Há também os *freelancers*, que são profissionais que podem trabalhar de onde quiserem, mas nem todos optam por seguir um estilo de vida de viagens constantes, ao contrário dos nômades digitais. Há também os *freelancers*, que são profissionais que podem trabalhar de onde quiserem, mas nem todos optam por seguir um estilo de vida de viagens constantes, ao contrário dos nômades digitais.

A diferença fundamental entre nômades digitais e outros profissionais que trabalham remotamente e viajam, é que estes últimos não se movem por opção, mas são forçados a fazê-lo devido à natureza do seu trabalho.

É importante ressaltar que existem diversos tipos de viajantes, desde os turistas comuns até outras variações. Graburn (2002) destaca que os turistas não são os únicos viajantes no mundo de hoje. Os turistas são uma forma de "migrante", mas a curto prazo. Mesmo quando os nômades digitais viajam para destinos turísticos prováveis, eles se diferem dos turistas normais na medida em que buscam recursos durante a viagem (embora não no destino visitado), o que lhes permite realizar trabalhos nômades e viajar ao mesmo tempo, e também é menos provável que os turistas aproveitem esses recursos relacionados ao trabalho enquanto visitam novos lugares (Nash et al, 2018), já que seu objetivo é conhecer locais, culturas pessoas e descansar do trabalho. O aspecto que se destaca no conceito de nômade digital é o de que a viagem é a parte central da identidade deste estilo de vida e que, para cada destino que visitam, individualmente, eles são efetivamente turistas, de acordo com a definição da UNWTO⁴. Richards (2015) destaca que o rótulo “nômade” foi associado a muitas formas recentes de mobilidade juvenil, associadas a diferentes segmentos de mercado turístico, entre as quais as principais são:

⁴ “atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”. World Tourism Organization (UNWTO) – www.unwto.org

1. Mochileiros: os mochileiros ou *backpacker* podem ser vistos como "nômades tribais", reunindo-se em diversos locais para compartilhar histórias que formam a cultura compartilhada deste grupo específico de viajantes (Richards, 2015). Mouratidis (2018) afirma que os mochileiros são frequentemente associados a indivíduos mais jovens, turistas que viajam de forma independente por um período relativamente longo, normalmente meses, sem um destino específico, e após a jornada, os viajantes retornam aos seus países de origem (Kannisto et al., 2014 citado por Richards, 2015). Os mochileiros organizam a viagem de forma independente, buscam informações previamente sobre os aspectos históricos e culturais do local que pretendem visitar, realizam a viagem que normalmente dura meses ao invés de dias para vários destinos utilizando um roteiro flexível. Eles também utilizam serviços econômicos de alimentação, acomodação e transporte, muito mais por opção do que por limitações financeiras (Sawaki & Neto, 2010). Esse é um hábito tão comum entre os jovens que em alguns países existem nomenclaturas específicas para o período em que os jovens decidem ter este tipo de experiência: O Reino Unido chama-se Gap Year, na Austrália e na Nova Zelândia, de Big O.E (*overseas experience*) e em Israel denomina-se Big Trip (grande viagem) (Sawaki e Neto, 2010).
2. *Flashpackers*: Esses são os mochileiros modernos (Khan, 2015). Gostam de usar seus dispositivos de comunicação (Jarvis e Peel, 2010, citado por Richards, 2015) e podem estar ligeiramente relacionados aos nômades digitais. Paris (2012) destaca que as experiências de viagem dos *flashpackers* são mediadas pela tecnologia de comunicação e dispositivos tecnológicos e este segmento de turistas mistura características tanto dos mochileiros quanto dos nômades digitais: vivem uma vida independente e flexível, mas com data para voltar. A principal diferença entre os mochileiros tradicionais e *flashpackers* é o uso da tecnologia, que hoje em dia passa a ser visto como algo indispensável da vida cotidiana e, também, por diversas utilidades que tem, ajudando na facilitação da viagem com o uso de *smartphones*, *laptops*, acesso a wi-fi, dispositivos GPS entre outros (Paris, 2012).

3. Nômades globais: os "nômades globais" descritos por Kannisto (2014, citado por Richards, 2015) são viajantes independentes que permanecem longe de "casa" por longos períodos de tempo, e que, geralmente, rejeitam a ideologia de sociedade. Mouratidis (2018) ainda acrescenta que, ao contrário dos nômades digitais, os nômades globais não usam necessariamente a tecnologia como principal meio de sobrevivência em movimento. Muitos deles trabalham em empregos sedentários até levantar os fundos necessários para viajar ou trabalhar esporadicamente para ganhar dinheiro suficiente para seguir em frente com a viagem.

Mouratidis (2018) destaca que ao contrário de outros viajantes de longo prazo, os nômades digitais têm padrões de viagem mais ou menos semelhantes. Normalmente eles permanecem em um determinado local de um a três meses antes de seguir para o próximo destino, reforçando o que anteriormente se referiu sobre os nômades digitais serem efetivamente um segmento turístico quando olhados na perspectiva de cada destino individualmente. Apesar da maioria viajar também para destinos turísticos, os nômades digitais tentam se distanciar dos turistas comuns (McCabe, 2005 citado por Mouratidis, 2018) e viver o destino mais autenticamente, mais próximos dos residentes, à semelhança do que fazem alguns segmentos mais alternativos do mercado turístico, como relata a literatura sobre os *backpackers*, *slow tourists*, alguns turistas rurais, alguns turistas criativos, entre outros (Kastenholz et al., 2014).

Em termos de perfil, existem já alguns estudos que indicam que os nômades digitais são profissionais e empresários que desempenham funções pela internet, normalmente engenheiros de software, escritores, *designers*, *freelancers*, fotógrafos, blogueiros, empreendedores digitais, ou seja, profissões que permitem obter renda sem ter um lugar fixo (Matos, 2016). Este tipo de trabalho permite ter uma vida nômade, longe de escritórios, com uma rotina mais flexível e adaptável à vida de cada um.

Dentre os nômades digitais há pessoas de diversos tipos, desde indivíduos que dirigem pequenas empresas; outros que trabalham *online*, porque são *freelancers* ou trabalham com tecnologia; professores que dão aulas ou cursos *on-line* (Gilbert, 2013). Existem nômades digitais em tempo inteiro ou aqueles que tiram certos meses do ano para

trabalhem e viajem. O nomadismo digital ganhou adeptos de várias áreas de trabalho, e muitos outros têm tentado se adaptar para também se adequarem a esse estilo de vida. Isso prova que com o crescimento deste estilo de vida tem aumentado a possibilidade de novos trabalhos em diversas áreas e muitas profissões têm conseguido se adaptar a um estilo de vida mais livre e digital, que integra como atividade central. Basta ter um *smartphone* e *laptop*, com uso de alguns aplicativos e redes sociais, e as pessoas conseguem construir um estilo de vida móvel, testando assim, seus limites e fronteiras (Matos, 2018).

Mouratidis (2018) aponta que os nômades digitais não querem apenas experimentar uma cultura estrangeira, mas querem mergulhar em um estilo de vida cheio de cultura autêntica e diferente. Os nômades digitais não gostam de fazer parte de aspectos negativos associados ao turismo de massa. Por isso tentam de todas as maneiras focar suas experiências e atividades de uma maneira mais significativa e profunda (Mouratidis, 2018) e com mais sentido, por exemplo, gostam de criar conexões com os habitantes locais, têm paixão por visitar continuamente novos lugares (Nash et al, 2018), porém com a necessidade de trabalhar. (Sutherland e Jarrahi, 2017). Barbosa e Viegas (S/D) ainda acrescentam que muitas pessoas acumulam muitas coisas ao longo da vida e para ser um nômade digital é preciso abrir mão de algumas coisas e “usar todos os recursos tecnológicos para que você fique o mais livre possível e tenha menos coisas que te prendam em um só lugar”.

Mouratidis (2018) aponta que talvez essa busca por uma experiência autêntica do local seja uma forma dos nômades digitais expressarem sua individualidade e/ou oposição às desvantagens do turismo de massa. Então muitos deles criticam os turistas ou não se vêem como turistas e se posicionam no espectro dos “viajantes”, pois acreditam que buscam conexões pessoais com os locais e estímulos culturais, em vez de breves períodos de prazer (Mouratidis, 2018).

Mas afinal, quem são essas pessoas? São trabalhadores que viajam? São turistas que trabalham? Quem são essas pessoas que tem um estilo de vida de viagem constante? Matos (2018) levanta essa questão e afirma que essas pessoas negam o status de turista,

apesar da maioria viajar com visto de turista e se mudarem para outro local quando o mesmo expira, somada ao trabalho remoto e autônomo que, por sua vez, também rejeitam os padrões tradicionais de trabalho estabelecido pelas gerações anteriores. Segundo Matos (2018, p.38) “esse sujeito global ou “cidadão do mundo” seria, nos dias atuais, não só um *world traveler*, como muitos deles se definem, mas um *world worker*.”. Ou seja, o sentido da vida para os nômades digitais não é apenas acumular riqueza monetária, mas sim “carimbos no passaporte” e uma vida sempre a mover-se e ter novas experiências associadas a diferentes destinos. Richards (2015) ressalta que os nômades digitais não viajam nem para trabalho nem para lazer, eles viajam enquanto trabalham e trabalham enquanto viajam.

O nomadismo digital é um estilo de vida em crescimento e que tem atraído muitos praticantes nos últimos anos. Essa tendência surgiu como resposta aos paradigmas do atual trabalho, que é normalmente dentro de um escritório, e cinco dias por semana, aumentando a flexibilidade geográfica e temporal (Matos, 2016). Atualmente, esse estilo de vida é realidade para muitos profissionais freelancers e empreendedores digitais que gerenciam seus negócios de forma totalmente *online*, geralmente atuando nos mercados de tecnologia e de comunicação digital (sobretudo com a criação de conteúdo em blogs especializados). Exemplo desta realidade é o blog Nômades Digitais, criado em 2014 por um casal de nômades digitais brasileiros. O blog constitui o primeiro portal brasileiro dedicado a abordar conteúdos sobre viagens, tecnologia e empreendedorismo, com enfoque na disseminação de ideias inspiradoras e negócios criativos, a fim de motivar os leitores para o estilo de vida nômade digital (Nascimento, 2015).

Em diversos sites e redes sociais é possível encontrar pessoas que se autodenominam "nômades digitais" e buscam um estilo de vida diferente, longe dos tradicionais trabalhos, que lhes deem mais liberdade temporal e espacial. Essas pessoas questionam a falta de liberdade e flexibilidade dos empregos atuais, por isso escolhem a vida "nômade" como forma de fugir dessa rotina que consideram prisão, para viver uma vida mais livre (Matos, 2016). Este estilo de vida, como se pode constatar através das diferentes perspectivas teóricas aqui apresentadas, trouxe profundas alterações na forma de trabalhar e na

postura relativa ao trabalho e traz desafios importantes para os destinos turísticos que querem receber este tipo de segmento.

Os destinos turísticos precisam estar preparados para receber essa nova demanda de turistas, que tem necessidades e desejos especiais. Como o seu ponto central está relacionado com o trabalho, Matos (2018) destaca a opção de espaços *coworking*, que são espaços preparados para receber profissionais *freelancers* e que não tem escritório. Oferecer esses espaços, assim como salas *coworking* em hotéis e hosteis seria uma opção para os destinos conseguirem atrair ainda mais essa demanda.

Além de espaços *coworking*, é essencial boa internet, como refere Richards (2015) ter uma internet de qualidade é essencial para a escolha do local a visitar pelos nômades digitais. Ainda se destaca na literatura a importância de oferecer experiências diferentes. Os nômades digitais são um tipo de turista diferente, com outras necessidades e desejos. Eles gostam de ter novas experiências associadas a diferentes destinos (Richards, 2015). Mouratidis (2018) acrescenta que os nômades digitais não querem apenas experimentar uma cultura estrangeira, mas querem mergulhar em um estilo de vida cheio de cultura autêntica e diferente. Então, um outro desafio para os destinos que tentem atrair este segmento, seria apostar em oferecer atividades diferentes e que oferecessem experiências autênticas.

3.4 Conclusão

Neste capítulo discutiu-se sobre a tecnologia no turismo e as definições e principais características dos nômades digitais enquanto segmento turístico.

O turismo que é uma das maiores indústrias do mundo e que está em constante crescimento também se beneficiou dessa avalanche de mudanças tecnológicas e além de desenvolver softwares e plataformas facilitadoras para a indústria, também percebeu a importância e o impacto que a internet tem para divulgação e marketing, por exemplo. As pessoas passaram a confiar muito mais em dicas e informações de outros consumidores

da web (muitas vezes que nem conhecem) a profissionais da área. Deste modo o marketing que antes era mais “boca a boca” entre amigos e familiares passou a se estender para milhares e milhões de pessoas que se comunicam 24 horas em 365 dias no ano em blogs, redes sociais e outros meios de comunicação na web.

O nômade digital é um turista com necessidades diferentes, mas que possui a denominação de turista, por corresponder a conceituação da OMT. A sua atividade central, baseia-se na tecnologia, já que para sobreviverem com este estilo de vida é necessário trabalhar, e esse trabalho é realizado por meio da tecnologia associada a internet. O nomadismo digital parece então poder ser considerado como um segmento de turista específico, pois os nômades digitais possuem algumas características distintas dos turistas “normais”, levando-nos a perceber que é preciso preparar o destino para também lidar com as necessidades específicas desse público.

Da revisão de literatura efetuada neste capítulo parece claro que o nomadismo digital ainda não aparece muito identificado como segmento turístico de relevo, mas é um segmento em crescimento e os destinos precisam se adequar para começar a receber cada vez mais demanda. Para isso, é essencial entender as suas necessidades e comportamento, para assim, se preparar para os receber adequadamente.

4 METODOLOGIA

4.1 Introdução

A metodologia é entendida como uma disciplina que estuda, compreende e avalia vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa científica. Ela, em modo aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que viabilizam a coleta e processamento das informações, buscando resolver problemas e/ou questões de investigação (Prodanov e Freitas, 2013).

A definição da metodologia de uma investigação científica é uma etapa crucial para o sucesso de toda essa investigação. Este trabalho em concreto, iniciou-se com a revisão de literatura, fase que permitiu construir um quadro conceitual sobre esse fenômeno crescente que são os nômades digitais e assim construir uma base sólida para a análise dessas pessoas num contexto empírico específico. Para esta fase, a metodologia utilizada foi a análise documental, recorrendo-se a artigos científicos, relatórios técnicos e websites específicos sobre o tema.

A segunda fase do estudo correspondeu ao estudo empírico e, para o concretizar, optou-se por adotar uma abordagem qualitativa, como se especificará nas seções seguintes.

4.2 Metodologia Qualitativa

Existem três grandes métodos de pesquisa que são: qualitativa, quantitativa e mista. O método quantitativo tem como objetivo quantificar um problema e entender a sua dimensão. Esse tipo de pesquisa fornece informações numéricas sobre determinado assunto. A pesquisa qualitativa busca entender mais profundamente um problema, ao invés de simplesmente medir. A qualitativa permite obter um maior número de informação, com um grau de detalhe variável, acerca de um número de casos relativamente pequeno (Veal, 2006). Já a pesquisa mista combina os dois tipos de pesquisa, a quantitativa e a qualitativa.

A principal diferença entre os métodos quantitativos e qualitativo é a de que os quantitativos pretendem traduzir a informação recolhida em números e os qualitativos não (Veal, 2006). Na metodologia qualitativa normalmente o fenômeno pode ser entendido por meio da exploração do conceito ou fenômeno, sendo uma metodologia mais usada para explorar tópicos pouco estudados (Creswell, 2009), em abordagens exploratórias.

Os métodos quantitativos e qualitativos devem ser vistos como complementares entre si, e não como competitivos, podendo um contribuir com o outro e ajudar de maneira a que se maximizem as vantagens e minimizem as desvantagens de cada um (Finn et al., 2000 citados por Kastenholz, Lima e Sousa, 2012). Neste contexto, surge a metodologia mista, que combina métodos e técnicas qualitativas e quantitativas.

Neste estudo optou-se pela metodologia qualitativa, porque se pretende conseguir descrever detalhadamente esse fenômeno em estudo relativamente ao qual existe pouca informação, através da realização de um estudo exploratório.

Como referido na seção anterior, a metodologia qualitativa caracteriza-se por ser uma metodologia que permite recolher maiores quantidades de informações, normalmente mais aprofundadas, em um número menor de casos, ao invés de menos informações em um número maior de entrevistas (Veal, 2006).

A pesquisa qualitativa baseia-se na crença de que as pessoas envolvidas em uma determinada situação (de lazer ou turismo) estão melhor posicionadas para descrever e explicar suas experiências ou sentimentos com suas próprias palavras, e que devem poder falar sem o intermédio do pesquisador e sem ser excessivamente limitado pela estrutura imposta pelo pesquisador (Veal, 2006).

Creswell (2009) enumera as seguintes características da metodologia qualitativa, sem ordem de importância:

- Ocorre no cenário natural do fenômeno – Os pesquisadores qualitativos tendem a coletar os dados em campo, no local onde os participantes experimentam a questão

ou problema em estudo. Eles não trazem indivíduos para um laboratório (uma situação inventada), nem costumam enviar instrumentos para os indivíduos completarem. As informações são coletadas de perto, reunidos diretamente com as pessoas, conversando, observando o seu comportamento e forma de agir dentro do seu contexto. Essas são características fortes da pesquisa qualitativa. No cenário natural, os pesquisadores têm interação face a face ao longo do tempo

- O pesquisador é um instrumento chave da investigação – Os pesquisadores qualitativos coletam dados por meio de documentos, observação de comportamento ou entrevistas com participantes. Eles podem usar um protocolo - um procedimento específico para coletar dados -, mas os pesquisadores são os que realmente coletam as informações. Eles não tendem a usar ou confiar em questionários ou instrumentos desenvolvidos e/ou aplicados por outros pesquisadores.
- Utilizam-se múltiplas fontes de dados – Os pesquisadores qualitativos geralmente reúnem várias formas de dados, como entrevistas, observações e documentos, em vez de depender de uma única fonte de dados. Em seguida, os pesquisadores analisam todos os dados, tentam analisar como tudo faz sentido e organizam em categorias ou temas de todas as fontes de dados.
- Traduz o significado dos participantes - Em todo o processo de pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém um foco na aprendizagem do significado que os participantes têm sobre o problema ou a questão, não no significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou escritores expressos na literatura.
- Projeto emergente - o processo de pesquisa para pesquisadores qualitativos é emergente. Isso significa que o plano inicial de pesquisa não pode ser rigorosamente prescrito, e todas as fases do processo podem mudar depois que o pesquisador entra em campo e começa a coletar dados. Por exemplo, as perguntas podem mudar, as formas de coleta de dados podem mudar, e os indivíduos estudados e os lugares visitados podem ser modificados. A ideia-chave por trás da pesquisa qualitativa é aprender sobre o problema dos participantes e ajustar a pesquisa para obter essa informação.

- Lentes teóricas - Pesquisadores qualitativos geralmente usam “lentes” para visualizar seus estudos. Às vezes, o estudo pode ser organizado em torno da identificação do contexto social, político ou histórico do problema em estudo.
- Interpretativo - A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa na qual os pesquisadores fazem uma interpretação do que eles veem, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas próprias origens, história, contextos e prévias classificações. Após a emissão de um relatório de pesquisa, os leitores fazem uma interpretação, assim como os participantes, oferecendo ainda outras interpretações do estudo. Com os leitores, os participantes e os pesquisadores fazendo interpretações, fica claro como múltiplas visões do problema podem surgir.
- Pesquisadores holísticos – Pesquisadores qualitativos tentam desenvolver um quadro complexo do problema ou questão em estudo. Isso envolve o relato em múltiplas perspectivas, identificando os muitos fatores envolvidos em uma situação e, geralmente, esboçando o panorama mais amplo que emerge. O modelo visual de muitas facetas de um processo ou de um fenômeno central ajuda a estabelecer esse quadro holístico

Veal (2006) destaca que nos estudos de lazer e turismo é cada vez mais utilizada a metodologia qualitativa. Considerando este ser um estudo do fenômeno social e individual o pesquisador necessariamente precisa participar e interagir com os indivíduos (Kastenholz, Lima e Sousa, 2012), colocar o seu ponto de vista na situação e decidir quais são os pontos importantes a serem pesquisados, formular as questões a serem discutidas e toda a estrutura em que a pesquisa será conduzida (Veal, 2006). Isto significa que o pesquisador precisa ter conhecimento de todo o fenômeno e ter uma visão holística dos indivíduos e do seu contexto social e para isso é necessário ouvir o que cada indivíduo tem a dizer a respeito de cada questão, já que se trata de um assunto ainda sem muitas pesquisas aprofundadas (Kastenholz, Lima e Sousa, 2012).

É ainda possível identificar as principais vantagens da utilização do método qualitativo, que de acordo com Johnson e Onwuegbuzie (2004) referidos por Kastenholz, Lima e Sousa (2012, p.5) são as seguintes:

- (i) Permite que os dados se baseiem nas categorias de significados desenvolvidos pelos próprios participantes (que não têm necessariamente de corresponder às categorias definidas inicialmente pelo investigador).
- (ii) Possibilita, normalmente, a recolha de dados no contexto natural (contributo para a visão holística da investigação).
- (iii) Permite estudar um número limitado de casos em profundidade, obtendo informações detalhadas sobre o caso individual que, por sua vez, permitirão compreender e descrever as experiências pessoais dos indivíduos sobre os fenómenos.
- (iv) Descreve fenómenos complexos (como a experiência turística), identificando e descrevendo, detalhadamente, os fatores e os contextos dos fenómenos de interesse.
- (v) Permite o estudo de processos dinâmicos e uma maior flexibilidade no decorrer da investigação, uma vez que é sensível às situações e condições locais, bem como às necessidades dos stakeholders, possibilitando que os investigadores possam mudar o enfoque da sua investigação, em consequência de alterações que possam ocorrer durante a realização do estudo. Esta flexibilidade pode aumentar a eficácia da abordagem, tanto ao nível de disponibilidade do entrevistado para participar no estudo, como na validade das respostas obtidas.

Veal (2006) também destaca as seguintes vantagens da pesquisa qualitativa para a área do lazer e turismo:

- (i) O método corresponde ao fenómeno em estudo, ou seja, o lazer é uma experiência qualitativa.
- (ii) O método leva as pessoas de volta à pesquisa de lazer. Em contraste, os métodos quantitativos tendem a ser muito impessoais, pessoas reais com nomes e personalidades únicas não são apresentadas.

- (iii) Os resultados da pesquisa qualitativa são mais fáceis de serem entendidos por pessoas comuns, que não entendem de estatística.
- (iv) O método é mais capaz de abranger mudanças pessoais ao longo do tempo, em contraste, muitas pesquisas quantitativas tende a olhar somente para o comportamento atual em relação às circunstâncias sociais, econômicas e ambientais, ignorando o fato de que o comportamento da maioria das pessoas é fortemente influenciado por suas histórias e experiências de vida.
- (v) Além disso, o lazer, incluindo o turismo, envolve uma grande quantidade de interação face a face entre pessoas, envolvendo símbolos e gestos, e a pesquisa qualitativa é bem adequada para investigar isso.
- (vi) As técnicas qualitativas são melhores em fornecer uma compreensão das necessidades e aspirações das pessoas, embora alguns pesquisadores discordem disso.

Em contrapartida, as principais desvantagens se referem ao fato de não se poderem generalizar os resultados a outros indivíduos ou cenários, a dificuldade de fazer previsões e testar hipóteses e teorias, maior lentidão na recolha e análise dos dados, em relação à investigação quantitativa e, finalmente, a maior facilidade dos resultados serem influenciados pela visão pessoal do investigador (Kastenholtz, Lima e Sousa, 2012).

Depois de conhecer as vantagens e desvantagens da metodologia qualitativa, o investigador deverá tomar uma série de cuidados ao longo da sua investigação, que ajudarão a assegurar a credibilidade e validade do estudo qualitativo. Creswell (2009) destaca os seguintes cuidados necessários para assegurar rigor, transparência e credibilidade de um estudo qualitativo:

- (i) é necessário que o pesquisador escreva sobre os procedimentos feitos para validar as descobertas que serão consideradas no estudo.
- (ii) os pesquisadores precisam transmitir os passos que irão tomar em seus estudos para verificar a exatidão e credibilidade de suas descobertas.

- (iii) os pesquisadores qualitativos precisam documentar os procedimentos de seus estudos de caso e documentar o maior número possível de etapas dos procedimentos.
- (iv) definir um protocolo de estudo de caso detalhado e banco de dados.
- (v) verificar as transcrições para ter certeza de que elas não contêm erros óbvios cometidos durante a transcrição.
- (vi) certificar de que não haja desvio na definição de códigos, uma mudança no significado dos códigos durante o processo de codificação. Isso pode ser feito comparando constantemente os dados com os códigos e escrevendo notas sobre os códigos e suas definições.
- (vii) para pesquisa de equipe, coordenar a comunicação entre os codificadores através de reuniões regulares documentadas e compartilhando a análise.
- (viii) fazer verificação cruzada de códigos desenvolvidos por diferentes pesquisadores através da comparação de resultados que são derivados de forma independente.

Assim, observa-se que a opção por uma metodologia qualitativa mostra-se particularmente indicada para estudos de natureza exploratória, como é o caso do presente estudo, cujo objetivo é obter um maior entendimento acerca de um fenômeno, procurando ideias, pistas para reflexão e chegando eventualmente a hipóteses de investigação que complementem a revisão de literatura efetuada (Kastenholz, Lima e Sousa, 2012).

4.3 Métodos de recolha de dados

Depois de escolhida a metodologia da pesquisa, é necessário escolher o método de recolha de dados. A ideia por trás da pesquisa qualitativa é selecionar intencionalmente participantes ou documentos ou material visual, que melhor ajudem o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa (Creswell, 2009).

Na investigação qualitativa existem vários tipos de métodos de recolha de dados, Veal (2006) descreve os diferentes tipos de métodos qualitativos existentes:

- Entrevistas informais e aprofundadas: Normalmente envolve um pequeno número de indivíduos sendo entrevistados profundamente, possivelmente em mais de uma situação. Normalmente maiores informações são coletadas em números menores de pessoas. Isso contrasta com inquéritos baseados em questionários que normalmente envolvem quantidades relativamente pequenas de informação retiradas de um número relativamente grande de pessoas.
- Entrevistas de grupo ou grupos focais: aplica a entrevista informal/aprofundada a grupos de pessoas ao invés de indivíduos separados.
- Observação: Envolve o pesquisador se tornando também participante ou não do fenômeno estudado.
- Análise de textos: são o foco principal da pesquisa em algumas áreas de pesquisa, por exemplo, revisão de literatura sobre um tema, pesquisa sobre discursos políticos ou a cobertura da mídia em algum evento.

No caso deste estudo para a melhor análise do estilo de vida nômade bem como suas características, comportamentos e experiências, a entrevista semiestruturada foi considerado o método mais adequado.

A entrevista como instrumento de recolha de dados é muito útil quando os participantes não podem ser observados diretamente e tem como vantagem o entrevistador obter o controle na hora do questionamento (Creswell). Essa técnica tem também algumas desvantagens, entre elas, fornece informações indiretas que podem ser filtradas pela visão dos entrevistados; fornece as informações em um local designado e não no ambiente natural do entrevistado; a presença do entrevistador pode influenciar as respostas; e nem todas as pessoas são articuladas e perspectivas. (Creswell, 2009).

A entrevista tem suas vantagens e desvantagens, como qualquer outra técnica, que segundo Ribeiro (2008, p.9) as vantagens são: a flexibilidade na aplicação; facilidade de adaptação de protocolo; viabiliza a comprovação e esclarecimento de respostas; taxa de respostas elevada; pode ser aplicada a pessoas não aptas à leitura. As desvantagens normalmente são: consome tempo na aplicação; sujeita a polarização do entrevistador;

não garante o anonimato; sensível aos efeitos do entrevistador e entrevistado; questões que direcionam a resposta.

Nas entrevistas qualitativas o pesquisador realiza entrevistas presenciais com participantes, entrevistando participantes por telefone ou participando de entrevistas em grupos focais, com seis a oito entrevistados em cada grupo. Essas entrevistas envolvem perguntas não estruturadas e geralmente abertas que são poucas em número e pretendem suscitar pontos de vista e opiniões dos participantes. Durante o processo de pesquisa, o investigador pode coletar documentos qualitativos. Estes podem ser documentos públicos (por exemplo, novas pessoas, por exemplo, diários pessoais, diários, cartas, e-mails), minutos de reuniões, relatórios oficiais) ou documentos privados. Uma categoria final de dados qualitativos consiste em materiais audiovisuais e visuais. Esses dados podem ter a forma de fotografias, objetos de arte, fitas de vídeo ou qualquer outra forma de som. (Creswell, 2009).

Ribeiro (2008) garante que a entrevista é a técnica mais pertinente quando o entrevistador precisa obter informações sobre o seu objeto, que permitam conhecer mais profundamente sobre atitudes, sentimentos e valores que dizem respeito a comportamentos. Ribeiro (p.14 2008) ainda acrescenta que “a confiabilidade é um dos aspectos relevantes da entrevista para garantir a validação dos dados. O maior enfoque, nesse âmbito, deverá centrar-se na cordialidade que conduzirá a uma inter-relação de confiança. Ocorrendo o contrário, a entrevista estará, conseqüentemente, fadada ao insucesso.”.

Ribeiro (2008) ainda destaca alguns pontos importantes na realização da entrevista, como a necessidade do entrevistador estabelecer limites no momento da análise dos dados, devendo, sempre, utilizar habilidades que permitam distinguir e selecionar as respostas adequadas ao estudo, até porque foram emitidas em um contexto cheio de subjetividades. Ribeiro (2008, p. 15) diz que “as respostas dadas no ato da entrevista chegam ao entrevistador repletas de sentido, às vezes sem muita reflexão, sendo a fala elaborada com a síntese de múltiplas experiências que o entrevistado mesmo seleciona e interpreta no exato momento em que é interrogado ou questionado.”. Deste modo, o pesquisador tem um papel crucial na utilização dessa técnica, sendo o responsável por

interpretar todas as informações e experiências dos entrevistados a fim de garantir a validação dos resultados (Ribeiro, 2008).

Para a definição dos instrumentos de recolha de dados, considerou-se a entrevista semiestruturada como a mais adequada aos objetivos deste estudo. Nas entrevistas semiestruturadas as questões são mais profundas e formuladas de forma que permite que o sujeito verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre o tema. Normalmente levam o entrevistador e o entrevistado a terem um relacionamento recíproco e de maior confiabilidade. (Ribeiro, 2008).

- Definição da população em estudo

Após decidir pela entrevista semiestruturada foi importante definir a população de estudo. Neste trabalho, os nômades digitais brasileiros (pessoas sem residência física fixa, que realizam suas atividades profissionais enquanto viajavam), formam a população em estudo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a uma amostra de nômades digitais brasileiros, não restringindo profissões, idades e gêneros.

- Técnica de amostragem e método de realização das entrevistas

O objetivo que se quer atingir com o uso de uma metodologia qualitativa é o de refletir sobre a complexidade do tema em estudo e também sobre o grau de profundidade que se pretende atingir na recolha de dados de cada unidade (Yin, 2011: 92 referido por Lima, 2015). Isso mostra que adequar a amostra é mais importante do que o seu tamanho e que não existe nenhuma regra que seja comum a todos os autores, para determinar o tamanho ideal de uma amostra num estudo qualitativo. O tamanho da amostra depende do tema do estudo e dos seus objetivos, e também depende do que é possível fazer de forma que seja feito com qualidade utilizando o tempo e os recursos disponíveis para a investigação (Lima, 2015).

A técnica de amostragem utilizada foi a de critério, que segundo Veal (2006) os indivíduos são selecionados com base em um critério-chave, por ex. faixa etária, filiação a uma organização, compradores de souvenirs, etc. No caso deste estudo o critério utilizado foram pessoas, de nacionalidade brasileira, que não tem residência fixa e trabalha online enquanto viajam. A vantagem desse método de amostragem é que definindo um critério fica mais fácil ir diretamente às pessoas com essas características e assim, permitiu o mais fácil acesso a essas pessoas, por meio de grupos e indicações de pessoas que já se conheciam nesse meio. Assim, a técnica de amostragem de critério foi complementada pelo recurso à técnica de bola de neve.

O contato com os indivíduos foi feito diretamente pela pesquisadora de forma online. A pesquisadora identificou os principais websites, blogs e comunidades online e buscou informações sobre seus contatos (e-mail, whatsapp, facebook). As comunidades do Facebook usadas para localizar os nômades foram: Nômades Digitais - Aprenda a trabalhar viajando e Nômades Digitais e o Grupo no WhatsApp se chamava Nômades Youtubers. Através desses contatos, explicou o objetivo do estudo e importância e foi feito o agendamento da entrevista. Destaca-se que o primeiro contato foi feito com os responsáveis brasileiros pelo principal website dedicado ao tema (www.casalpartiu.com.br) e a partir desse contato, que validou o conhecimento prévio da investigadora, identificaram-se os blogs e comunidades online mais relevantes. Para minimizarem os custos temporais de eventuais desmarcações e esquecimentos, os participantes foram contactados no dia anterior para confirmar a entrevista.

A entrevista pode ser aplicada de algumas maneiras. Segundo Creswell (2009) essas maneiras são as seguintes: (i) Face a face – o entrevistador fica a frente do entrevistado; (ii) Telefone – o pesquisador faz a entrevista por telefone; grupos focais – o pesquisador entrevista os participantes em um grupo; e (iii) e-mail e internet – o pesquisador usa do meio eletrônico para realizar a entrevista. No caso desse estudo, optou-se por recorrer às tecnologias de comunicação e as entrevistas foram agendadas para serem realizadas de forma online, utilizando o software Skype, que permite a comunicação pela internet por meio de voz e vídeo. Levando em conta que os entrevistados são nômades digitais, que trabalham pela internet, passam a maior parte do tempo conectados e não param em um só lugar, esse foi o único meio viável de contactar com todos os selecionados em

um curto espaço de tempo, já que cada um estava em um lugar no globo no momento das entrevistas. Cada entrevista teve duração média de 30 minutos.

As vantagens da utilização dessa ferramenta resumem-se, segundo Braga & Gastaldo (2012, p.6) “a popularização de uma tecnologia como o Skype permite que se trabalhe digitalmente com dados, técnicas e métodos ligados à pesquisa qualitativa com som e imagem, oferecendo dados de contexto que permitem interpretações densas de fenômenos sociais, revitalizando a perspectiva etnográfica, de história oral e os estudos de recepção”. A principal vantagem é a possibilidade de realizar a entrevista com pessoas espalhadas pelo mundo, a baixo custo.

Braga & Gastaldo (p. 9, 2012) colocam uma questão interessante sobre o uso dessa ferramenta: “pode-se considerar interação simultânea mediada por áudio e vídeo como “interação face a face”? Segundo eles “a questão é capciosa, pois literalmente, as pessoas participantes estão vendo a face uma da outra. Não obstante, elas não compartilham o mesmo ambiente físico. Ainda assim, trata-se de uma interação distinta e incomparavelmente mais rica em informação do que um telefonema ou uma troca de e-mails.” (Braga & Gastaldo, 2012, p. 9). Desta maneira, entende-se que há uma desvantagem de não estar no mesmo ambiente e ver no geral certos gestos e comportamentos do entrevistado, pois a visão limita-se a um plano fechado da câmara, mas ainda sim é uma opção mais interessante que o telefone ou a entrevista escrita, para quem não pode ter essa interação pessoalmente.

O fato de ter sido a entrevistadora a realizar as entrevistas, permitiu assegurar o acesso a todas as questões pretendidas, ou seja, facilitou a percepção de quando o entrevistado respondia a questão pretendida ou se era necessário insistir na questão. Nesse caso, a entrevista semiestruturada facilitou no aspecto da flexibilidade ao entrevistador de adicionar perguntas e conseguir o aprofundamento das respostas (Lima, 2015). Esse aspecto facilitou a conduta da entrevista pois foi possível que o entrevistador colocasse a sua visão da situação e decidisse quais eram os pontos importantes e colocasse as questões de acordo com o andamento da conversa (Veal, 2006). Esse fato também contribuiu para a entrevista ter sido mais uma “conversa” fluida e dessa maneira, aumentou muito mais a confiança por parte dos entrevistados de forma a aumentarem a disposição em falar sobre suas percepções, comportamentos e emoções, como constatou

também (Lima, 2015). Neste sentido, houve também o cuidado em solicitar previamente ao entrevistado autorização para proceder com a gravação da entrevista. Creswell (2009) destaca as várias opções de abordagens na recolha de dados e a que foi utilizada nesse estudo foi a condução da entrevista semiestruturada com a utilização de gravador de áudio. A gravação permitiu uma melhor análise posteriormente com mais detalhes de todas as respostas obtidas, com a menor perda possível de informações (Lima, 2015).

- Construção dos guíões de entrevista

O guião da entrevista aplicado neste estudo (Ver Apêndice I) foi construído com base na revisão de literatura, como ilustra a Tabela 4.1, e continha 18 perguntas abertas referentes a quatro grandes temas que se complementavam: Trabalho, Vida nômade, Tecnologia e Turismo.

Tabela 4.1: Justificação das questões introduzidas no guião de entrevista realizada

Dimensão	Questão	Fonte^a
Trabalho	- Qual a sua profissão? Exerce atualmente essa profissão? Se não, o que faz profissionalmente hoje em dia? -No seu tempo de trabalho onde costuma trabalhar? -Como você costuma dividir seu tempo de trabalho e lazer?	Matthewman (2012)

<p>Vida Nômade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Você possui alguma rotina? Poderia falar como seria um dia normal da sua vida? - Por que você escolheu esse estilo de vida? - O que te possibilitou ter esse estilo de vida? - Qual a maior diferença do seu estilo de vida antes com o de agora? - Como você discreveria a sua vida hoje? - O que você mais gosta e menos gosta nesse estilo de vida? - Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta tendo esse estilo de vida? - O que é mais importante ter para ser um nômade digital? 	<p>De Carvalho e Ciolfi (2014); Matos (2018); Matos (2016); Barbosa e Viegas (s/d)</p>
<p>Tecnologia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quando eu falo internet, o que vem a sua mente? 	<p>Castells e Cardoso (2005); Santaella (2011)</p>

<p>Turismo</p>	<p>- Você se considera um turista? Por quê?</p> <p>-No seu tempo de lazer, o que normalmente você faz?</p> <p>-Quais atividades de lazer você procura fazer no destino, principalmente quando chega a um novo destino?</p> <p>- Como você escolhe os locais para viajar e trabalhar? Baseado em quê?</p> <p>-Acerca do alojamento, onde normalmente você se hospeda? Quais fontes de informações usadas para reservar? Quais características procura num alojamento?</p> <p>-Você possui algum blog onde divide informações sobre os destinos com os leitores?</p> <p>- Como você se vê daqui a 5 anos?</p>	<p>Spinks (2015)</p> <p>_____</p> <p>Matos (2018); Matos (2016)</p> <p>_____</p> <p>Nascimento (2015)</p>
-----------------------	---	---

Legenda: a As questões apresentadas foram criadas, adaptadas ou traduzidas a partir dos resultados obtidos nos estudos referidos nesta coluna.

Fonte: Elaboração Própria

4.4 Métodos de Análise de dados

Como referido por Kastenholz et al. (2012) após a recolha de dados, e com o objetivo de otimizar a análise e interpretação dos dados, existe a necessidade de organizar esses dados de forma mais sistemática, reduzindo a informação inicial em partes menores, com conteúdo temático e homogêneo, para facilitar a análise dos dados.

A análise dos dados do presente estudo partiu da transcrição de todas as entrevistas realizadas, que foram gravadas. Creswell (2009) classifica o processo de análise de dados

como o momento de fazer com que os textos e imagens individuais tenham sentido conjunto. Isso envolve preparar os dados para a análise, conduzindo-o por diferentes análises, indo cada vez mais profundamente para entender os dados e fazer a interpretação do amplo significado dos dados. Creswell (2009) identifica cinco fases gerais da técnica da análise de conteúdo:

- (i) organização e preparação dos dados para a análise;
- (ii) identificação das principais ideias para análise dos dados;
- (iii) codificação das entrevistas;
- (iv) comparação dos diferentes casos;
- (v) interpretação de resultados e conclusões.

Para a análise dos dados dessa investigação foi utilizado, em grande parte da fase de preparação e organização dos dados, uma ferramenta informática chamada WebQDA - Web Qualitative Data Analysis, que segundo Lima (2015) é o único software de apoio à análise qualitativa desenvolvido totalmente em Portugal. A opção pela utilização de um software baseou-se no fato de que, como destacou Lima (2015), o uso de uma ferramenta informática ajuda a gerir de maneira mais simples e segura o processo de codificação e de análise, como por exemplo ao nível de cruzamento de categorias e de pesquisas nos dados organizados.

A primeira fase envolveu a preparação e organização dos dados, começando pela transcrição das entrevistas, que segundo Kastenholz et al. (2012) é onde existe um primeiro contato mais detalhado com os dados. Kastenholz et al. (2012) ainda acrescentam que apesar de existirem diversos sistemas de transcrição reconhecidos, com diferentes padrões de exatidão, não existe uma norma consensual. Nesta investigação, a transcrição foi feita de maneira que ficasse o mais fiel possível ao conteúdo entrevistado (ver Apêndice II), mas sem considerar pequenos erros gramaticais, pausas, sons ou sotaques (Kastenholz et al., 2012). Cada transcrição demorou, em média, 4 vezes mais o tempo de gravação. Considerando as questões relacionadas com segurança e ética dos entrevistados, as entrevistas foram identificadas com códigos fictícios, sem descrever os nomes originais dos entrevistados (Veal, 2006).

Após a finalização desta primeira fase de organização, iniciou-se a fase indicada na literatura como crucial na análise qualitativa - identificação das principais categorias em que os dados recolhidos podem ser inseridos (Lima, 2015). Esta fase de identificação de categorias, de acordo com Lima (2015: p.111), apesar de não ser um processo estático e rígido, pode ocorrer de duas formas: “basear-se nas categorias sugeridas pela literatura revista acerca da temática em análise, refletidas nas questões escolhidas para a entrevista, (processo dedutivo) e/ou nos temas que surgem dos próprios dados/discursos (processo indutivo)”. Creswell (2009) aponta que nessa fase é que se colhe as informações gerais e o sentido geral das questões e muitos pesquisadores costumam escrever pequenas notas de impressões e informações nas margens das folhas (ou utilizando a ferramenta própria, nos softwares existentes hoje em dia), como ajuda futura no processo de comparação entre os casos e interpretação dos resultados. Neste trabalho utilizou-se o software Webqda que auxiliou na construção da árvore de categorias. A árvore de categorias baseou-se nas principais questões discutidas nas entrevistas (definidas com base na revisão de literatura efetuada e nos objetivos do estudo) e de maneira que fosse organizando-os do geral para o mais específico, como pode-se observar no Apêndice III. Esta árvore de categorias foi submetida à validação da orientadora deste trabalho, com experiência de investigação na área do turismo, com recurso a metodologia qualitativa.

A codificação, segundo Creswell (2009) é o momento de organizar o material em pedaços ou segmentos e dar sentido as informações. A fase da codificação é a fase de exploração de cada caso estudado (*case by case*), analisando os discursos individualmente, por isso é um processo demorado e muito importante da investigação qualitativa (Lima, 2015). O que contribuiu para o melhor andamento desta fase foi o fato da investigadora ter desenvolvido os guiões de entrevista e ter realizado todas as entrevistas diretamente, o que assegurou que existia um conhecimento aprofundado sobre as entrevistas e do que deveria ser codificado para serem colocado em cada categoria (Kastenholz et al., 2012; Lima, 2015).

Após a codificação de cada uma das entrevistas, procedeu-se à comparação das diversas entrevistas (*cross-case analysis*), que permitiu construir uma visão geral dos dados recolhidos, identificando padrões e diferenças entre eles (Lima, 2015). Esta fase foi também validada pela orientadora do estudo.

A fase final da análise de conteúdo - interpretação de resultados e conclusões, é uma fase descritiva e analítica, que relaciona a revisão da literatura com as análises dos discursos (Kastenholz et al., 2012).

4.5 Conclusão

Neste capítulo foi apresentada a metodologia deste estudo empírico exploratório. Para a concretização desse estudo, optou-se por adotar uma abordagem qualitativa. Para a investigação qualitativa existem vários tipos de métodos de recolha de dados, mas no caso deste estudo, e para a melhor análise do estilo de vida do nômade digital, a entrevista semiestruturada foi considerada o método mais adequado. A análise dos dados do presente estudo partiu da transcrição de todas as entrevistas realizadas, que foram gravadas. Para a análise dos dados dessa investigação foi utilizado, em grande parte da fase de preparação e organização dos dados, a ferramenta informática WebQDA - Web Qualitative Data Analysis.

5 Apresentação e discussão dos resultados

5.1 Introdução

Esse capítulo busca apresentar os resultados do estudo empírico realizado, que consistiu na aplicação de entrevistas online a 20 nômades digitais brasileiros entre agosto e setembro de 2018. Na primeira parte do capítulo será feita a caracterização da amostra, tanto sociodemográfica quanto referente à viagem. A seguir serão apresentados os resultados relativos às seguintes 4 áreas temáticas: Caracterização do trabalho na vida nômade; Caracterização do estilo de vida nômade digital; Identificação da importância da tecnologia para o estilo de vida; e Turismo e Viagens compondo o estilo de vida nômade.

5.2 Caracterização da amostra

5.2.1 Caracterização sociodemográfica dos nômades digitais

A caracterização sociodemográfica das 20 entrevistas nesta dissertação, será efetuada com base nas seguintes variáveis:

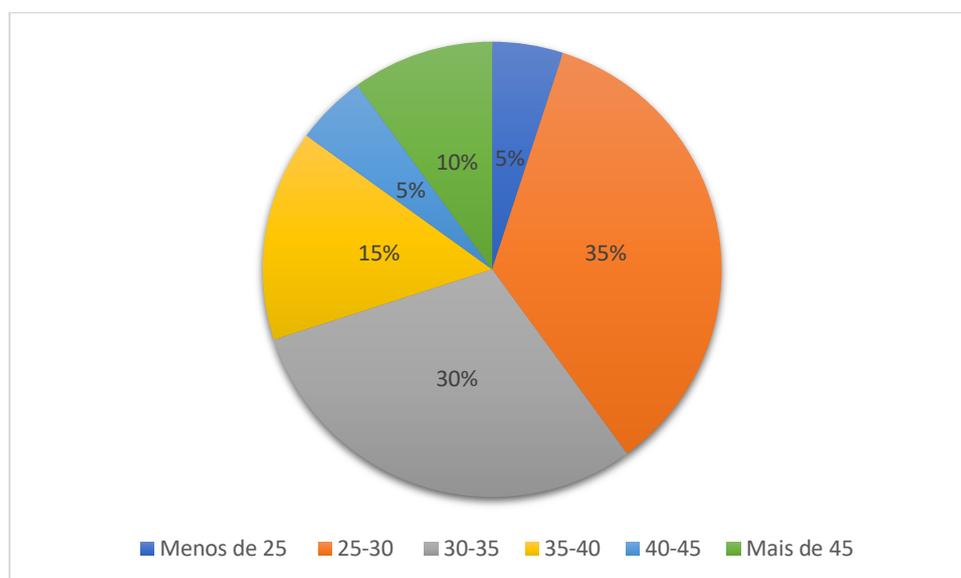
- a) Gênero, Idade e Estado civil;
- b) Agregado familiar (número de filhos e idades);
- c) Habilitações literárias;
- d) Situação perante a profissão de formação e o trabalho atual.

- a) Gênero, Idade e Estado civil

Em relação ao gênero verifica-se que 55% dos entrevistados são do sexo feminino e 45% dos entrevistados são do sexo masculino.

Relativamente à faixa etária, a faixa etária mais significativa é a dos 25 a 35 anos, que corresponde a 65% dos entrevistados (Figura 5.1). Esta faixa etária corresponde à geração Y, nascidos depois de 1983 e antes de 2000 (Matthewman, 2012).

Figura 5.1: Distribuição etária dos entrevistados



Fonte: Elaboração própria

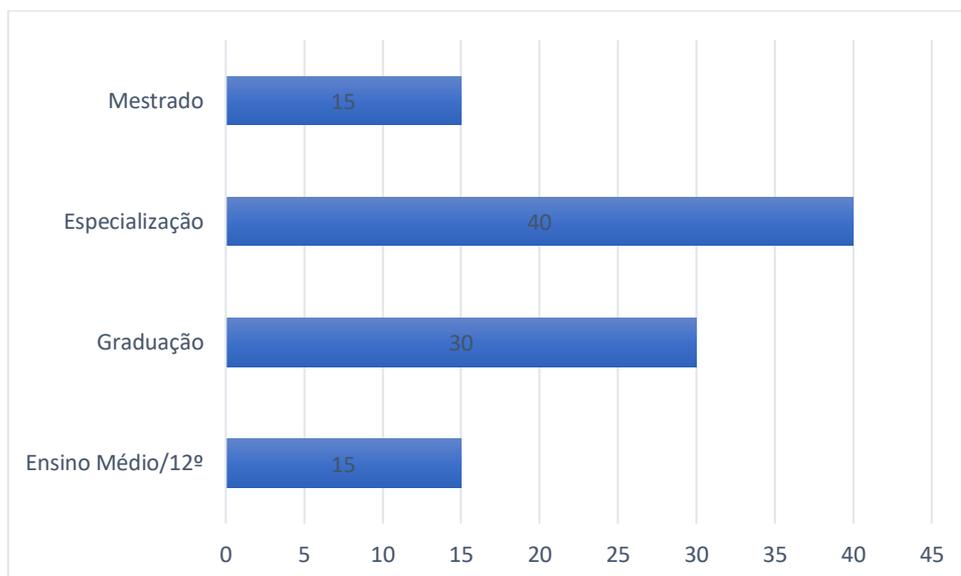
Em relação ao estado civil observou-se que a maioria (55%) dos inquiridos eram casados e os restantes eram solteiros.

b) Habilitações literárias

Como se pode observar na figura 5.2, relativamente sobre às habilitações literárias, observou-se que a maioria dos entrevistados possui ensino superior, sendo 30%

graduados, 40% com especializações e 15% com mestrado⁵. Apenas um grupo restrito (15%) dos entrevistados tinha habilitações literárias de nível não superior.

Figura 5.2: Distribuição dos entrevistados consoante o seu nível de habilitações literárias



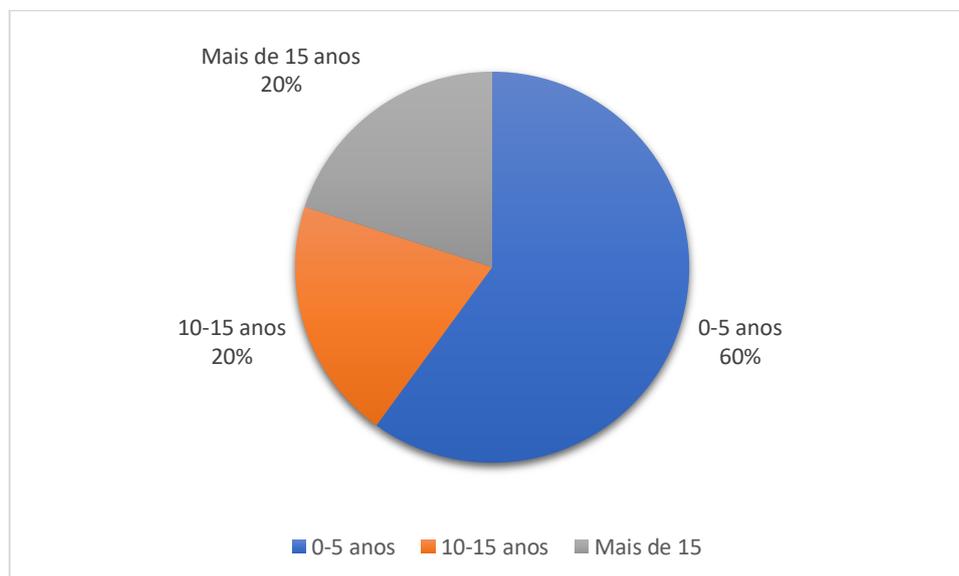
Fonte: Elaboração Própria

c) Agregado familiar

No que diz respeito aos agregados familiar, apenas 25% dos entrevistados tinham filhos. Dos entrevistados que possuem filhos, a maioria (60%) possuem filhos pequenos, com idades de 0 a 5 anos, como se observa na figura abaixo.

⁵ Em Portugal refere-se a: graduação como licenciatura e especializações como pós graduações.

Figura 5.3: Faixa etária dos agregados dos entrevistados



Fonte: Elaboração Própria

d) Situação perante a profissão de formação e o trabalho atual.

No que diz respeito a profissão, nota-se que 60% dos nômades digitais entrevistados exercem a sua profissão de formação, ao contrário de 40% que atualmente exercem outras profissões. Das profissões exercidas mais citadas são: jornalismo, publicidade e fotografia. É importante ressaltar que os jornalistas correspondem a 50% dos entrevistados que exercem a profissão.

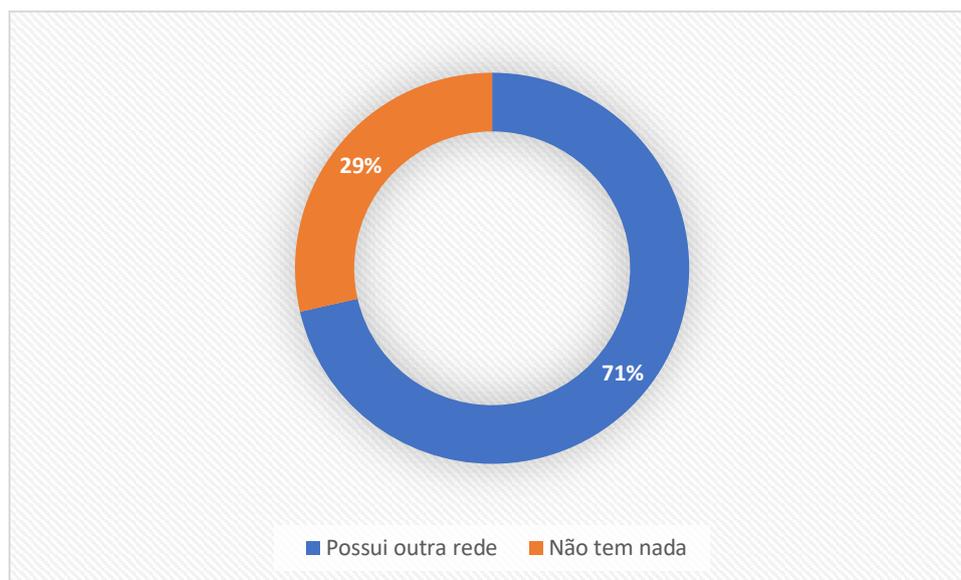
5.2.2 Caracterização referentes à viagem

Um dos resultados dessa pesquisa é que 65% dos entrevistados viajam acompanhados, seja apenas com parceiros ou também com filhos, se for o caso de os ter.

Observou-se, ainda, que 65% dos entrevistados possuem blog, seja para escrever textos sobre viagens e suas experiências pelo mundo, ou para divulgar algum serviço. Dos 35% que não possuem blog, 71% possui alguma rede social (youtube, instagram, tweeter etc.),

o que possibilita o contato e interação com o público seguidor e dinamiza a forma de oferecer seus serviços, e 29% não possui nem blog e nenhuma outra rede social.

Figura 5.4: Relação com blogs e redes sociais



Fonte: Elaboração Própria

5.3.O trabalho na vida nômade

Profissão de formação versus Profissão exercida

No que diz respeito a profissão, 60% dos nômades digitais entrevistados exercem a sua profissão de formação, ao contrário dos restantes 40%, que atualmente exercem outras profissões. Todos os profissionais de jornalismo que foram entrevistados trabalham com produção de conteúdo para web, seja para empresas, para sites de freelance ou mesmo para jornais e revistas, como ilustra o seguinte excerto da entrevista 14:

“Trabalhei como repórter na Revista Veja e no Jornal Estado de Minas. Meu marido trabalhou por 20 anos como repórter fotográfico do Jornal Estado de Minas. Há três anos, pedimos demissão dos nossos trabalhos, criamos o projeto para viajar pelo mundo a bordo de um *motorhome*. Hoje, temos 2 livros de viagem publicados, somos colunistas de Viagem de uma rádio, abastecemos um site

próprio de viagens e somos colaboradores em webséries, sites e revistas de empresas patrocinadoras do projeto”.

O entrevistado 8, que também é jornalista, trabalha com marketing de conteúdo para empresas, ou seja, ele produz conteúdos escritos em nome das marcas para atrair mais clientes para seus blogs, sites e redes sociais:

“Sou especializado em *inbound* e isso envolve muita escrita. A minha especialidade é de marketing de conteúdo. Faço conteúdos online para marcas e ajudo as marcas a se aproximarem dos clientes através do marketing de atração”.

O entrevistado 12, também jornalista, foi considerado pelo LinkedIn como o terceiro brasileiro mais influente da rede em 2016. Ele diz:

“Trabalho de forma remota ao redor do mundo contando histórias e produzindo conteúdos para agências e marcas incríveis como Google, PepsiCo, Caixa e outras empresas não tão famosas, mas igualmente incríveis”.

Algumas das profissões exercidas de forma online são: Assistente social, direito, finanças e professor.

O entrevistado 3, que é assistente social, explicou como funciona o seu trabalho:

“Faço consultoria e assessoria, principalmente em projetos sociais. Atuo também realizando transcrições, revisões, traduções e produzindo conteúdo”.

Dos entrevistados que exercem a profissão de formação, dois deles são professores e trabalham pela internet oferecendo cursos online e dando aulas utilizando aplicativos.

Áreas menos prováveis de se trabalhar online também foram citadas nas entrevistas como é o caso da entrevistada 4 que é advogada com mestrado em finanças, mas que consegue trabalhar na sua área como nômade digital:

“Já trabalhei nas duas áreas (como advogada e *risk manager*). Hoje trabalho maioritariamente com finanças e investimentos, mas ainda trabalho com direito quando aparecem oportunidades. Eu trabalho com investimentos e operações financeiras. Em direito, no ano passado, trabalhei num caso, como advogada, e também faço contratos e tradução não juramentada de documentos jurídicos. Eu me tornei nômade pouco mais de 1 ano atrás, então continuei atuando em um caso

que já estava trabalhando e segui atendendo alguns clientes com contratos e traduções que já tinha da minha época de advogada”.

Das profissões de formação não exercidas estão: Arquitetura, Administração e Marketing, Massoterapia, Engenharia de Software, Engenharia elétrica, Nutrição e Professor de Educação Física. Segundo a análise feita 75% dos que mudaram de profissão trabalham diretamente com a internet: produção de conteúdo para web em forma de textos, fotos, vídeos e marketing digital. O entrevistado 10, que é engenheiro elétrico, diz:

“Eu estou focado na área digital, a gente está escrevendo dois livros, trabalho com banco de imagens, vendo vídeos em banco de imagens e trabalho com o blog que também gera renda com afiliações”

A entrevista 5, que relativa a um arquiteto que trabalha com marketing digital, e destaca o seguinte:

“Hoje em dia eu trabalho como freelancer com marketing: marketing de conteúdo e *outbound*. A parte de conteúdo eu produzo para duas plataformas: a rock content e sidekick. E também trabalho com marketing digital na Argentina junto com um amigo. Eu estou montando o meu site para os meus conteúdos na parte de direção de projetos, para no futuro virá alguma coisa como consultoria. E além disso a parte de *outbound* foi o que me fez assumir, ter dinheiro para assumir o nomadismo digital.”

O entrevistado 13, que é engenheiro de software, começou o nomadismo trabalhando como engenheiro, mas depois resolveu deixar a profissão para se dedicar ao marketing digital e produção de conteúdo. Hoje seu principal meio de obter renda são os livros e treinamentos que produz para quem quer ser nômade:

“Minha formação é de engenheiro de software, mas não trabalho com isso. No momento eu e a minha mulher temos um negócio digital, produzimos produtos voltados para a galera que é nômade digital. O primeiro produto é um livro que eu escrevi durante dois anos e publiquei no final do ano passado chamado “Nômade Digital, Trabalhe de qualquer lugar e viaje quando quiser”. Esse livro é grande, são três volumes, mais de 1600 páginas e é o maior guia em português, o guia mais completo que existe para quem quer ser nômade digital. Depois criamos um guia sobre descontos no Airbnb e essas últimas semanas estávamos terminando

um outro produto, um guia mais básico, do Airbnb chamado “Hóspede inteligente”. Então nosso trabalho é criar produtos para quem quer ser nômade digital.”

Os outros 25% dos entrevistados trabalham online, mas não diretamente com a internet. O entrevistado 2, que é formado em administração e marketing, hoje trabalha com serviços de viagem pela internet, ele diz:

“Tenho representação de um seguro de viagem e hoje meu foco principal e a minha principal fonte de renda para 2019 será isso: estou estruturando um projeto de viagens de experiências. Então vou montar grupos de viagens e vou acompanhar essas pessoas a lugares que são vistos como incomuns.”

O entrevistado 19, que é bacharel e professor de Ed. Física, hoje atua como consultor financeiro:

“Hoje trabalho como Consultor Financeiro. Vendo Planos de Investimento, online e presencialmente. Os planos que variam de 100 a 75 mil dólares. A pessoa ganha em troca de 5% a 15% ao mês do valor investido durante 36 meses. A empresa que eu represento usa o dinheiro do cliente para fazer negociações no mercado de Moedas Digitais (Ex. Bitcoins)”.

É importante ressaltar que essas pessoas escolheram ou foram levadas a ter esse estilo de vida, não apenas pelo trabalho, mas porque a viagem é algo essencial para eles. Mouratidis (2018) destaca essa diferença: apesar de muitas profissões exigirem que os indivíduos fiquem em movimento isso não os torna nômades digitais. Além do movimento, os nômades digitais escolhem viajar por paixão e, por isso, adaptaram seus trabalhos, ou mesmo mudaram de área, para poder viajar e trabalhar ao mesmo tempo e não por uma exigência do trabalho.

Local de trabalho

Como foi referido no capítulo 2, é muito comum o uso de espaços *coworking* por parte dos nômades digitais, pois é uma utilização diferente do espaço em relação ao ambiente convencional de trabalho, mas por outro lado permite o convívio e contato com

outras pessoas (Matos, 2018 e Putra & Agirachman, 2016). Neste estudo, essa tendência não é acentuada, uma vez que apenas 20% (4) dos entrevistados disseram utilizar os espaços *coworking* para trabalhar, notando-se que a maioria (75%) prefere trabalhar de onde estão hospedados, seja em casas alugadas de Airbnb, hotéis ou casas de outras pessoas.

A flexibilidade do estilo de vida permite que o nômade digital trabalhe de onde quiser e de onde se sentir mais confortável. O termo “nômade digital” faz referência justamente a isso, poder desenvolver atividades de trabalho em diversos locais além do local de trabalho convencional e “estável”, utilizando sempre da ajuda de tecnologias de computação para mobilizar recursos de trabalho (De Carvalho, 2013). O entrevistado 17, que é professor e terapeuta, destacou claramente este aspecto no seguinte testemunho:

“Trabalho onde estiver hospedada (principalmente as aulas), mas às vezes trabalho na rua, num café, numa praça... pois muito do meu trabalho pode ser feito no celular: as lives, as consultorias, a administração de grupos”.

Para os nômades digitais o local de trabalho não é o mais importante, existe apenas um item que é essencial e imprescindível para que eles realizem seus trabalhos: a internet. O entrevistado 4 ilustrou bem esta necessidade, referindo que “Trabalho em cafés ou onde estou hospedada – qualquer lugar com uma boa conexão de internet”. Como analisado em detalhe no capítulo 2. Richards (2015) diz que a indefinição dos limites de trabalho e lazer juntamente com o crescimento da tecnologia contribuiu para esse grupo de nômades digitais trabalharem de qualquer lugar, desde que esse lugar tenha acesso à Internet.

Trabalho versus Lazer

Como no nomadismo digital o trabalho e lazer podem se confundir em alguns momentos (ver capítulo 2), foi importante saber se os entrevistados faziam algum tipo de separação intencional entre o trabalho e lazer e se havia alguma rotina associada aos momentos de trabalho. A literatura mostra que os nômades digitais levam seu trabalho com eles, muitas

vezes estabelecendo temporariamente em lugares com estilos de vida atrativos e muitas vezes ligados com o lazer (Richards, 2015), mas a questão era saber na prática se eles conseguem dividir o tempo de lazer com o trabalho.

Sobre esta temática, um resultado curioso foi o fato de que dos 20 entrevistados exatamente 50% faziam alguma divisão entre trabalho e lazer e possuía alguma rotina e os outros 50% não. O entrevistado 1 mostrou como funciona a sua divisão de trabalho e lazer:

“Faço uma programação diária e registro na agenda. E sigo o método de organização *Getting Things Done* - GTD. O trabalho remoto pode conter muitas “pegadinhas” e fazer com que a produtividade se perca ou que o trabalho invada horários de lazer e descanso. Por isso procuro me organizar para ter uma base, mas moldo a agenda conforme as urgências e necessidades do dia.”

Outros parecem ter uma rotina mais planejada como ilustram os seguintes excertos do entrevistado 11:

“Trabalho durante a semana e deixo o fim de semana para descansar e passear. Normalmente, desligo o smartphone ou vou para locais onde a cobertura é inexistente. Costumo fazer alguma coisa de lazer durante a semana também, mas isso não é frequente”. (Entrevista 11)

“Trabalhamos de segunda a sexta, e sábado domingo saímos ou aproveitamos alguma promoção durante a semana e compensava trabalhando no final de semana, tem essa flexibilidade. Então 5 ou 6 dias trabalhando e 1 ou 2 descansando ou passeando”. (Entrevista 10)

A organização, inclusive, é uma das características essenciais para ser um nômade digital, segundo os entrevistados. O entrevistado 12 explicou como funciona a sua divisão e ressaltou que ter flexibilidade não pode ser desculpa para ser improdutivo, inclusive ressaltou a importância de ter um mínimo de disciplina:

“Trabalho 6h por dia e criei um horário de expediente. Ter horários pré-definidos, mesmo quando se leva uma vida nômade, é primordial para que haja essa divisão entre o que é trabalho e o que é lazer. Trabalho sempre 5 vezes por semana, de segunda a sexta. Os horários variam, mas seguem uma lógica: quando não estou viajando (ou quando estou, mas o tempo está ruim, por exemplo), trabalho das 9h às 12h e depois das 14h às 17h. Quando estou viajando e o tempo está legal para curtir o dia, trabalho das 8h às 14h sem pausas. Claro que, como trabalho por projetos e com prazos, esses horários são flexíveis. Mas, tento manter uma rotina

para que toda essa flexibilidade não tenha o efeito contrário e eu me torne menos produtivo”.

Richards (2015) ressaltou que os nômades digitais não viajam nem para trabalho nem para lazer, eles viajam enquanto trabalham e trabalham enquanto viajam. Mas apesar de alguns deles dividirem esses dois momentos para não haver um exagero em nenhuma das partes e não perder a produtividade no trabalho, como demonstram os excertos anteriores, outros misturam trabalho com lazer, como mostra o seguinte excerto de entrevista.

“Não existe uma divisão pensada, mas eu procuro sempre unir os dois. Eu tento conciliar a diversão com a hora da captação (de imagens). Acaba sendo legal viajar para vários lugares, mas aproveitamos pouco. Então acabo tentando fazer do meu trabalho a diversão junto. Eu tento ter a parte de só lazer, mas como eu gosto de filmar, eu acabo filmando tudo. Quando não estou gravando para o meu cliente estou gravando para o meu canal pessoal. A gravação é a minha diversão”. (Entrevista 1)

É muito comum, principalmente para quem trabalha diretamente com a internet, como produtor de conteúdo, por exemplo, misturar o trabalho e lazer. Por se tratar de um estilo de vida muito recente, alguns nômades digitais trabalham justamente com a sua imagem de ser nômade e por isso, o seu trabalho é basicamente produzir conteúdos (textos, fotos, vídeos) sobre o seu dia a dia e dar informações a pessoas que também querem ter esse estilo de vida. A entrevistada 15 descreveu da seguinte forma, como funciona essa divisão para ela:

“Boa parte do meu trabalho é executado durante o meu momento de lazer. Tirar fotos, gravar vlog de viagem, *stories* para o Instagram, então quando estou pronta para ir a lazer visitar algum lugar sempre levo meus equipamentos de foto e filmagem”.

Um outro entrevistado refere mesmo que essa confusão de lazer e trabalho, que parece ser comum na vida nômade, é um dos maiores desafios do estilo de vida, como se pode observar através do seguinte testemunho:

“Esse é o maior desafio. Na verdade, eu não divido porque os dois se confundem. Eu gosto tanto do que eu faço, eu me encontrei de uma forma que me sinto muito relaxado e as vezes confundo trabalho e lazer. Eu normalmente gosto de dar um gás no trabalho em dia de semana e deixar o final de semana mais livre, principalmente o domingo”. (Entrevista 12)

O entrevistado 7 diz se organizar de acordo com o trabalho que surge enquanto o entrevistado 14 diz que o seu trabalho trás a sensação de estar sempre de férias:

“Não existe esta divisão entre trabalho e lazer. Somos turistas profissionais e a sensação é de estarmos sempre de férias. Mas, pelo menos uma vez ao ano, reservamos tempo para voltar para nossa cidade natal e passar uma temporada (de 1 a 2 meses) com nossas famílias.”

Porém, a flexibilidade aparece como um dos maiores benefícios da vida nômade e é esse benefício que faz com que os entrevistados tentem ter uma vida mais equilibrada e leve. Um exemplo disso é o relato feito pelo entrevistado 17, que destaca que existe uma tentativa de divisão dos momentos de lazer e de trabalho, mas de modo que consiga cumprir seus trabalhos, sem deixar de aproveitar a vida, já que o objetivo maior é trabalhar e viajar, aproveitar a vida e ser mais leve: “Com muita responsabilidade, mas com liberdade para poder aproveitar a vida. Exceto as aulas que tem hora marcada, meu trabalho é feito de acordo com as atividades do dia”. (Entrevista 17).

Estes resultados parecem demonstrar o que é defendido na literatura revista acerca de um dos principais motivos da escolha do estilo de vida nômade digital ser o fato de que em trabalhos convencionais, com dias e horários definidos, férias previamente marcadas e tudo que o meio corporativo envolve as pessoas não conseguem ter muito tempo para o lazer, para viajar e para ter uma vida mais leve. A pressão do trabalho está sempre presente, as horas gastas em trânsito que poderiam ser gastas em momentos em família, em passeios e diversão. Como destacou Nash *et al* (2018), as pessoas que aderem a este estilo de vida estão redefinindo a vida, buscando um emprego que permita essa flexibilidade e liberdade de viajar, flexibilidade nas horas de trabalho e um afastamento do ambiente de escritório tradicional. Para Sutherland & Jarrahi (2017) a motivação mais frequentemente associado a esse estilo de vida é a aventura da viagem e uma fuga da atmosfera do escritório, que muitas vezes podem ser negativas e trazer muita pressão.

5.4 Caracterização do estilo de vida nômade digital

Rotina

Tal como se observou relativamente às rotinas ou regras seguidas para tentar separar os momentos de trabalho dos de lazer, a rotina dos nômades digitais não é muito regrada, até porque essa é a maior recompensa que obtêm por não terem trabalhos convencionais. No entanto, todos sabem que um pouco de rotina e organização deve existir para se alcançarem resultados positivos no trabalho. O entrevistado 14 diz que “a vida na estrada não é de rotina”, mas claro que possuem algumas maneiras padrão de agir enquanto estão viajando e tentam minimamente separar os momentos do dia para executar suas tarefas. O entrevistado 13 refere ainda que: “O mais claro que eu poderia dizer é que, normalmente, quando eu estou em casa, eu estou no computador, estou trabalhando, criando alguma coisa. E se estamos na rua, é o momento de lazer. Mas quando estamos em casa, as vezes são muitas horas de trabalho. Mas normalmente passamos mais dias fora”.

Quando abordadas as rotinas de uma forma mais geral, uma constante que aparece nos discursos dos entrevistados é novamente a questão do trabalho se misturar com o lazer. No entanto, aparece um novo aspeto que tem a ver com o fato de todos os entrevistados assumirem que trabalham com o que gostam, ou pelo menos, estão tentando chegar lá. As rotinas são seguidas, mas sem muito rigor, algo que eles dão valor é o tempo: “A minha rotina se resume em buscar lugares para dormir, comer e trabalhar. Como eu preciso de internet para trabalhar sempre busco lugares que me fornecem rede e assim consigo fazer tudo o que preciso. Quando não estou no computador estou viajando e desfrutando da minha vida nômade e sempre usando isso como conteúdo para outros trabalhos” (Entrevistado 7). O entrevistado 17 ainda acrescenta:

“Não há uma rotina severa. Depende da cidade onde eu estou, depende do clima, dos compromissos presenciais. Costumo trabalhar online umas 4 horas por dia. Criação de conteúdo, estudos, atualização das redes sociais, gravação de vídeos. Às vezes eu trabalho pela manhã, mas se tiver alguma programação, trabalho à tarde, entende? Essa flexibilidade é uma das maiores vantagens de se trabalhar por conta própria. As aulas são quase sempre à noite”.

Motivações

Quando questionados sobre o porquê de terem escolhido este estilo de vida, 70% dos entrevistados começaram por afirmar que escolheram ter esse estilo de vida, enquanto 30% foram levados a ter esse estilo de vida por algum motivo, ou seja, não foi uma escolha premeditada. Daqueles que não escolheram ter este estilo de vida, premeditadamente, podemos perceber que em algum momento de suas vidas surgiu essa possibilidade, eles conheceram esse estilo de vida e o que poderiam fazer se trabalhassem online e optaram por seguir em frente, como explica a entrevistada 5:

“Não foi uma escolha. Eu fui para a Espanha para fazer um MBA e depois entrei num trabalho, fiquei uns meses, me pediram para ficar, mas não quis ficar. Mas queria continuar viajando e como eu já estava fazendo algumas coisas para conseguir dinheiro, resolvi ver o que conseguia fazer para continuar a trabalhar online”.

Alguns dos entrevistados referiram que nem sabiam da existência do nomadismo digital e quando souberam e viram que podiam ter esse estilo de vida, resolveram tentar, como ilustram os excertos que se seguem:

“Foi por acaso, não foi exatamente uma escolha, a gente esbarrou por isso aí. Eu e a Pat [esposa] fomos a uma viagem, a passeio, em 2009 em Buenos Aires, gostamos muito da cidade e decidimos que iríamos mudar. Um ano e meio depois nós fomos de fato para a Argentina, mas quando chegamos lá eu tomei contato através de um livro sobre nômades digitais, e eu percebi que tínhamos todas as condições para vivermos dessa forma e então decidimos embarcar nisso. Isso foi em 2010, então acabamos sendo nesse processo, um dos primeiros casais brasileiros a se tornar nômades digitais, provavelmente os primeiros. E permanecemos nesse estilo porque a gente gosta dessa liberdade de conhecer diferentes lugares do mundo, poder trabalhar de onde for, e gosta de viver com toda essa variedade de estar em lugares diferentes, conhecer culturas diferentes e ter novas experiências” (Entrevista 13).

“Foi despretenciosamente. Tem 7 meses que estou como nômade. Eu estava muito estafado de consultoria, fazia as vezes 14 horas por dia. Foi quando eu comprei uma passagem só de ida para o nordeste do Brasil e quando eu vi fui ficando e quando percebi vi que estava fazendo o nomadismo digital e abracei o tema, vi que muita gente não conhecia” (Entrevista 8).

No caso da entrevista 15, observa-se alguém que foi levado a esse estilo de vida pelo cônjuge, que já era um nômade digital: “Meu marido escolheu, ele é uma pessoa 100% motivada por liberdade de tempo e espaço. (...) Quando o conheci ele já era nômade digital, já trabalhava online. Depois de casados decidimos continuar com o estilo de vida nômade e decidimos viajar o mundo juntos em família enquanto trabalhamos online. Hoje fazem mais de 2 anos e meio que moramos a cada mês em um país diferente. Amamos o estilo nômade, minimalista, simples, novidade sempre, sem rotina criada, sem raízes, sem compromissos com nada nem ninguém a não ser nós três”.

Apesar de alguns terem sido levados a conhecer esse estilo de vida e se irem adaptando a ele, a maioria escolheu, consciente e premeditadamente, preparando-se e decidindo embarcar nesse estilo de vida nômade. A entrevistada 3 diz que o nomadismo surgiu em sua vida logo após terminar a universidade: “Recém formada e prestes a me mudar para Orlando/FL, devido um relacionamento amoroso, encontrei no nomadismo digital uma forma de continuar trabalhando sem precisar estar presencialmente em um lugar”.

Percebe-se que o principal fator para quem escolhe ser nômade digital é ser *local-independent*, ou seja, não estar dependente do local onde se está para trabalhar, poder viajar, ter flexibilidade e liberdade de espaço. De Carvalho e Ciolfi (2014) afirmam que o nomadismo e a mobilidade estão diretamente ligados, ou seja, ter a liberdade de se mover sempre que quiserem é o que mais motiva essas pessoas. Os resultados do presente trabalho, corroboram essa constatação, uma vez que o desejo de ter este estilo de vida foi encontrado em várias entrevistas, como comprovam os seguintes excertos de entrevistas:

“Primeiramente pelo desejo de ter independência em relação à minha localização, segundo pela vontade de conhecer o mundo, viajar e não viver uma vida limitada pelo trabalho.” (Entrevista 4)

“Porque nunca fez sentido para mim a ideia de trabalhar 8 horas diárias em um lugar fixo e ter que planejar todas as minhas atividades em volta disso”. (Entrevista 16)

“Para ter flexibilidade e liberdade, coisas que o estilo de trabalho tradicional não proporciona”. (Entrevista 12)

A rotina exaustiva e a falta de tempo para se cuidar e fazer outras coisas para lá de trabalhar, também motivou a mudança em alguns casos, como foi o caso da entrevista 17 (“Porque amo viajar, amo não ter mais uma rotina rígida”) e da entrevista 11 (“Estava ficando psicologicamente muito doente por causa do estilo de vida que tinha antes, era a responsável pelo setor administrativo de uma empresa que possuía uma sede e 3 filiais. A rotina exaustiva e sem recompensas me fez buscar por alternativas mais flexíveis e encontrei no nomadismo digital a resposta para um estilo de vida com mais sentido e liberdade. Hoje sou visivelmente muito mais feliz e saudável”).

A paixão por viajar e o fato de o trabalho convencional não permitir alimentar essa paixão, também foi motivo para repensar o estilo de vida anterior, como refere o entrevistado 14:

“As férias estavam ficando pequenas para acomodar nossa imensa paixão por viajar. Fizemos um mochilão pelos cinco continentes em 2012/2013 (tirando um ano sabático na empresa em que trabalhávamos) e começamos a nos questionar de que a felicidade não poderia ser trabalhar 11 meses para viajar por 1 mês. Essa lógica cruel capitalista não estava fazendo sentido para nós. E aí decidimos fazer das viagens a nossa profissão. Fizemos um pé de meia, pedimos demissão dos nossos empregos e mudamos o rumo das nossas carreiras para sermos nômades digitais, trabalhando de qualquer lugar do mundo”.

Constata-se, realmente, que a fuga da rotina rígida do escritório, a paixão por viajar e a liberdade de tempo e espaço são os principais fatores que levaram pessoas comuns a decidirem mudar suas vidas por completo e viajar pelo mundo trabalhando, como referem Matos (2016) e Kamoi (2015).

Porém, observou-se numa das entrevistas, uma relação que mereceria um aprofundar de potencial relação de causalidade – o contacto com pessoas de diferentes culturas e com estilos de vida diferentes do dominante, enquanto motivador inicial para adoção do nomadismo digital. Esta relação aparece no discurso do entrevistado 10: “A gente recebia muitas pessoas do *couchsurfing*⁶ aqui na minha cidade, e dávamos preferência para estrangeiro para praticar o inglês. E as pessoas vinham e diziam: “estou 3 meses viajando,

⁶ Site que oferece serviço de hospitalidade. Pessoas se registram e podem oferecer acomodação gratuita, assim como podem procurar de quem oferece em diversas cidade e países do mundo.

estou 6 meses viajando, estou 1 ano viajando” e sempre nos perguntávamos como essas pessoas conseguiam fazer isso e começamos a estudar e pesquisar e fomos nos inspirando. Já trabalhamos com fotografia também, e pensamos em quais trabalhos poderíamos desenvolver e que pudesse ser online para poder viajar e ter mais liberdade”. Esta relação volta a aparecer no discurso dos entrevistados quando são questionados sobre os fatores facilitadores da adoção do estilo de vida.

Condições para a adoção do nomadismo

Nota-se que ser um nômade digital não é algo feito num prazo de tempo curtíssimo, é necessário um conjunto de ações e tempo para tornar real esta opção de vida. Alguns facilitadores foram fundamentais para os entrevistados decidirem adotar esse estilo de vida. Os fatores referidos foram agrupados nas seguintes 5 grandes categorias:

- a) O tipo de trabalho
- b) O acesso à Internet
- c) O planejamento financeiro
- d) O conhecimento prévio
- e) A companhia

a) O tipo de trabalho

O tipo de trabalho é, sem dúvida, o maior facilitador desse estilo de vida. Para ser um nômade digital é imprescindível que o trabalho possa ser realizado online. De Carvalho e Ciolfi (2014) definem o nomadismo digital como uma forma extrema de trabalho móvel que abrange pessoas que estão constantemente em movimento, ou seja, trabalhar online é o ponto principal desse estilo de vida. Também no presente trabalho esta conclusão foi verificada.

O entrevistado 13 destaca que “a principal questão foi ter um trabalho que fosse possível fazer de qualquer lugar”. O entrevistado 10 também explica como seu trabalho online foi fundamental para prosseguir com a vida nômade:

“A gente já tinha o blog, a Renata (esposa) já tinha o blog antes da viagem, 8 anos antes, e durante esse período víamos como funcionava. Recebemos uma mensagem de uma empresa de seguros que ofereceu dar uma comissão por cada produto vendido no blog e assim fomos vendo que tudo que vendia na internet era só pesquisar que podíamos ser afiliados e ganhar comissão sobre a venda. Então a gente acaba sendo conhecido no meio por pessoas que viajam, principalmente, e aí as pessoas sempre pedem recomendação pra gente e mandávamos o link de afiliado. Também trabalhamos com roteiros personalizados, consultoria e guia de passeio personalizado. Pegamos a ideia do que fazer sem depender de um chefe, que você pode fazer de qualquer lugar, conhecemos pessoas com o mesmo estilo de vida e víamos como elas se sustentavam e então começamos estar nesse meio de pessoas, aí possibilitou esse estilo de vida online”.

b) Internet

A internet, sem dúvida, a par com o tipo de trabalho, é também um decisivo fator facilitador do estilo nômade. Sem acesso à internet não existiria esse estilo de vida, pois ele só existe porque a tecnologia e a conectividade com a internet o permitem. A internet tem o poder de conectar pessoas de várias partes do mundo e fazer as pessoas e seus trabalhos serem encontrados e reconhecidos de forma global. Para Molz (2012) o turismo também está fortemente ligado ao mundo móvel e sem a tecnologia e a internet o turismo não teria todo esse impacto que tem hoje. A tecnologia contribuiu e tem contribuído muito para o crescimento do turismo (Flores, Cavalcante e Raye, 2012) e também para o crescimento do nomadismo digital, pois segundo Nash et al (2018) eles precisam estar sempre conectados. A criação e a acessibilidade da Internet mudaram o modo como os viajantes têm acesso às informações, a maneira como planejam e reservam viagens e como compartilham suas experiências de viagem (Hays, Page & Buhalis, 2013), assim como é fundamental para o trabalho dos nômades digitais.

Muitos fatores facilitam o desenvolvimento do estilo de vida nômade digital e deu a estas pessoas a liberdade de trabalhar em qualquer lugar, mas sempre existindo o condicionante de que se possam conectar à Internet (Richards, 2015). O entrevistado 1 comenta sobre esse facilitador:

“Foi a internet. Porque como eu sempre divulguei os meus trabalhos e sempre produzi vídeos na internet mesmo antes do youtube existir, as empresas de fora da minha cidade e região acabaram me conhecendo, então acabei por atender clientes mais fora da minha região que aqui”.

Para além da internet, apesar de não ter sido explicitamente referido por muitos dos entrevistados, o equipamento tecnológico, particularmente um bom computador, é igualmente essencial. Muitos dos entrevistados parecem assumir esta condição como um dado adquirido, mas na entrevista 3, este fator é mesmo destacado (“ter um notebook confiável para executar meu trabalho”).

Relacionado com este facilitador, pela importância que se concluiu assumir para este estilo de vida da revisão de literatura efetuada, durante a entrevista foi também perguntado o que a tecnologia significava para os entrevistados e a palavra que vinha a mente quando se dizia internet. As principais palavras mencionadas foram: Conexão; Comunicação; Trabalho; Informação e Liberdade.

No capítulo 3 referiu-se Santaella (2011) que descreve que existe neste estilo de vida uma conexão contínua, como “uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos” (p.34). Ou seja, os limites de conexão, socialização, compartilhamentos e tudo mais relacionado a tecnologia se expandiu e já não se limita mais a certas fronteiras e barreiras, podendo alcançar assim, muito mais pessoas e outros limites. A entrevistada 3 comentou que realmente quando fala de internet associa sempre: “Conexão. Desde a questão do sinal, Wi-Fi ou dados móveis que possibilitam a execução da mesma (conexão), até os contatos com pessoas, informações e instituições pelo mundo todo que a internet possibilita”. Também o entrevistado 8 refere “Conexão. Em todos os sentidos. De pessoas, acho que é uma forma de se conectar de uma forma que você jamais se conectaria sem a internet”.

Também no capítulo 3 identificaram-se as 8 maiores inovações tecnológicas dos últimos 25 anos e observou-se que têm muita relação com a comunicação e com a maneira que as pessoas se relacionam entre si utilizando esses elementos da tecnologia. O entrevistado 2 comenta sobre a importância dessa comunicação para a sua vida, associada à internet: “Comunicação é que já conheci centenas de pessoas na estrada e que me

ajudam de forma absurda. O poder da comunicação é absurda e não sei como seria sem ela. E manter contato com as pessoas que conheci na viagem também, essa conectividade”.

Para alguns entrevistados, a internet é considerada trabalho. A tecnologia e internet para os nômades digitais é indispensável. Segundo Nash et al (2018) os nômades digitais usam muitas plataformas tecnológicas diferentes para realizar o trabalho digital e produzir seus produtos digitais. Por isso, internet e trabalho estão diretamente relacionados. O entrevistado 1 resume bem esta associação, referindo que “Internet é a minha principal ferramenta para expressar o que quero mostrar e a minha visão do mundo e das coisas que eu vivo através das minhas redes sociais, e também o meu ganha pão relacionado aos clientes que eu atendo. A maioria dos clientes que eu atendo são clientes que buscam se posicionar na internet de alguma maneira. Então a internet hoje significa 90% de mim como profissional”. O entrevistado 18 acrescenta que a internet é “nosso meio de trabalhar e ganhar dinheiro para continuar viajando”.

A internet é, sobretudo, um meio de informações. Possibilita buscar todo tipo de informação, como ressaltou Castells e Cardoso (2005). O entrevistado 2 diz que “conheci muitos locais que jamais imaginei pesquisando na internet. Gosto de destinos incomuns e só foi possível conhecer pela internet”.

Por fim, outro significado que a internet tem para os entrevistados, acima de tudo, é a liberdade. A tecnologia e internet é que possibilitou a existência desse estilo de vida e a continuidade desse trabalho. O entrevistado 13 resume esta associação, referindo a “Liberdade, possibilidade de fazer exatamente o que estamos fazendo aqui” que a internet dá.

c) O planejamento financeiro

Outro facilitador evidenciado pelas entrevistas realizadas para a adoção desse estilo de vida, é o planejamento financeiro, principalmente para quem ainda está começando o trabalho online e ainda não ganha o suficiente para se manter em viagem apenas com o rendimento do trabalho online. A entrevistada 4 referiu que o “planejamento financeiro foi fundamental” em seu caso. O entrevistado 14 explicou como fizeram em relação ao

planejamento financeiro: “temos um apartamento e um sítio alugados e essa renda nos permite viajar com alguma segurança financeira; e temos uma poupança para alguma emergência”. O entrevistado 18 também comentou sobre sua preparação financeira: “Nós planejamos por 11 meses após descobrir este estilo de vida de viajar e trabalhar ao mesmo tempo, decidimos vender nosso apartamento e carro e juntar uma boa grana caso nosso trabalho online não rendesse a grana que precisávamos para nos manter”.

Das entrevistas realizadas, observou-se que muitas vezes o planejamento financeiro demora no tempo e é preciso fazer um esforço acrescido até encontrar a independência financeira online necessária para partir para o nomadismo digital, como foi o caso do entrevistado 11: “Comecei fazendo jornada dupla com trabalho fixo no escritório e trabalho remoto pela internet. Paguei todas minhas dívidas e trabalhei duro para guardar dinheiro e consolidar minhas fontes de renda online antes de, finalmente, me dedicar exclusivamente ao trabalho virtual”.

d) O conhecimento prévio

Conhecer o estilo de vida nômade, procurar referências de pessoas que vivem ou já viveram de acordo com esse estilo, também foi citado nas entrevistas como um facilitador da decisão. Tal como referido por um entrevistado logo quando questionado sobre o porquê de ter adotado o estilo de vida nômade, a entrevistada 4 refere a informação sobre o estilo de vida como um fator facilitador da adoção deste estilo de vida: “Diria que em primeiro lugar conhecimento. Entender que esse estilo de vida existe e é possível, foi o primeiro passo que possibilitou essa mudança”. A entrevistada 11 refere que pesquisou sobre muitas formas de conseguir rendimento online até chegar no trabalho em que está hoje. Conhecer pessoas, se inspirar em histórias parece ser fundamental para o conhecimento necessário antes de partir para esse desafio. O entrevistado 19 refere mesmo que foi através de um curso online que descobriu as possibilidades de trabalhar online: “Fiz um curso online chamado Férias Sem Fim, esse treinamento mudou a minha vida e abriu as portas para o Marketing Digital”.

e) A companhia

Como analisado na secção 5.2.1, 65% dos entrevistados viajam acompanhados por parceiros ou parceiros e filhos e, por isso, não surpreendeu que o facto de existir companhia para “entrar nessa aventura”, tenha sido citado por 2 entrevistados como facilitador para adoção do estilo de vida. O discurso do entrevistado 14 ilustra bem esta constatação, quando refere que ter: “sonhos comuns, o fato de sermos um casal com sonhos e projetos de vida compatíveis” foi decisivo para adotar o estilo de vida atual. O entrevistado 7 também acrescentou que um facilitador da adoção do estilo de vida foi exatamente “ter uma parceira linda que me motiva e sonha comigo”.

Então é possível notar que ter uma companhia que aceita compartilhar esse estilo de vida também é um facilitador para a decisão final.

Em resumo, ter um trabalho que possibilite exercer um trabalho online, ter internet nos locais de viagem, ter os equipamentos necessários para executar as tarefas, ter uma reserva financeira ou uma fonte de renda fixa e ter conhecimento do assunto, bem como entender através da experiência do próximo como agir, dicas e informações contribuem para um melhor resultado na decisão de se tornar um nômade digital.

Principais diferenças deste segmento

Foi possível perceber que a percepção sobre as maiores diferenças entre o estilo de vida nômade com o anterior é que a mudança de vida foi quase que total e essas diferenças eram difíceis de isolar para os entrevistados. Referem todos muitas coisas que faziam antes, já não fazem mais parte de suas vidas, assim como referem que muitas coisas que fazem hoje parte das suas vidas, não caberiam no estilo de vida convencional em que viviam anteriormente.

Uma grande diferença que foi citada recorrentemente foi a rotina de trabalho cansativa que enfrentavam anteriormente e que deixou de existir. Muitas horas de trabalho, muita responsabilidade, muitas perdas de momentos familiares e pouca

recompensa por estar trabalhando. O entrevistado 10 resume esta perspectiva, referindo que “Eu trabalhei 8 anos no mundo corporativo, perdi muito casamento, muita festa de família, eu tinha que trabalhar sábado, domingo e feriado, então eu acabava trabalhando das 7h da manhã às 19h e a gente chega tão cansado que não quer mais pensar em nada. Então você acaba não desenvolvendo outros trabalhos paralelos que você poderia desenvolver para se libertar.”.

A entrevistada 6 destaca que sente uma mudança grande causada pela ausência das tradicionais dinâmicas e relações entre chefe e colegas, que considera serem muitas vezes exaustivas e estressantes: “Cada vez mais, me dou conta que o problema de muitas pessoas não é o trabalho em si, mas as dinâmicas e relações com os chefes e colegas. Todos se queixam do colega que não faz nada, do chefe que não é compreensivo ou das reuniões longas e sem sentido. Trabalhando remoto, isso desapareça. Logo, há menos stress”.

Outra grande diferença citada pelos entrevistados é em relação à rotina. Quando se tem um trabalho convencional é obrigatório que se tenha uma rotina, ao menos para ir e voltar do trabalho. Assim, toda a vida acaba por se moldar ao redor dessa obrigação do trabalho. Com a vida nômade, não há muito essa obrigação de horários, há sim a responsabilidade de cumprir obrigações, mas de um modo mais leve e menos “opressor”. A falta de rotina rígida foi citada pelos entrevistados como uma grande diferença entre os dois estilos de vida, como se pode concluir dos seguintes dois excertos ilustrativos desta ideia:

“Antes eu tinha uma vida mais estruturada, rotina de trabalho, casa, escola, igreja, amigos, família, televisão. Tinha amigos, coisa que não tenho mais. Tinha meus lugares preferidos que eu poderia voltar sempre, como o mercadinho da esquina, o restaurante, a vizinha chata, o pão da padaria, o cinema perfeito, a loja que sempre comprava sapatos etc. Coisas simples que hoje eu dia eu não tenho”. (Entrevistada 15)

“Antes eu tinha uma rotina certinha, horário para acordar, para ir na academia, para trabalhar, para voltar do trabalho, para almoçar, para jantar, para dormir, entre outras coisas”. (Entrevistada 9)

A questão do rendimento também foi referida como uma diferença importante pelos entrevistados. Apesar da rotina cansativa, os entrevistados não negam que ter um rendimento fixo era mais confortável: assumem que saber o que vai receber no final do mês, o quanto pode gastar, planejar futuras compras, todas essas questões ficam mais fáceis de gerir quando se tem um rendimento fixo. O trabalho como nômade digital, muitas vezes, pode não oferecer esse tipo de conforto. Dependendo de qual é o trabalho e, principalmente, se não for um trabalho fixo, é quase impossível saber quanto se vai ganhar ao final do mês. Todos os nômades digitais entrevistados não possuíam nenhum contrato de trabalho e todos trabalhavam por conta própria. Deste modo, foi unânime a questão de não saber o quanto se vai ganhar ao final do mês, destacando-se os seguintes testemunhos sobre esta temática:

“Quando você tem um trabalho fixo, tem um horário para cumprir e tem ideia do seu salário você consegue direcionar mais a sua vida. Eu sei quanto vou ganhar, quanto posso gastar e quando vou ter tempo livre, então você consegue se organizar para as suas viagens, para adquirir os bens materiais e administrar a vida melhor. Quando eu tinha um trabalho fixo era mais fácil eu conseguir me organizar e saber até onde eu podia ir” (Entrevistado 2).

“Eu tinha um salário bem razoável, eu ganhava 10 mil reais por mês, e tive que mudar todo o meu estilo de vida para poder me adaptar” (entrevistado 10).

Apesar de reconhecerem que esta mudança pode provocar alguma insegurança e medo no decorrer do mês, os entrevistados afirmam tentar minimizar esses sentimentos, mantendo sempre uma reserva para algum mês que não corra muito bem.

Além da questão do rendimento, cinco entrevistados destacaram uma mudança associada: a vida minimalista que passaram a ter após a transição de vida. A entrevistada 11 refere que “me preocupo mais com gastos desnecessários, evitando comprar coisas apenas porque estão em promoção ou porque estão na moda”. O entrevistado 18 também acrescentou que “não acumulamos coisas como antes”.

A principal e maior diferença positiva, que parece superar todos os aspectos negativos que também foram identificados, citada por todos os entrevistados é a liberdade no

espaço e a flexibilidade de tempo. Nos capítulos de revisão de literatura, referiu-se que Matos (2016) concluiu que o que os nômades digitais mais questionam é a falta de liberdade e flexibilidade dos empregos atuais, por isso escolhem a vida “nômade” como forma de fugir dessa rotina, que consideram prisão, para viver uma vida mais livre. Também Kamoi (2015) caracterizou os nômades digitais justamente pela liberdade e flexibilidade de horários e dias de trabalho, pela possibilidade de viajar tanto em épocas altas quanto em épocas baixas, por não precisarem estar em um escritório todos os dias e além disso poder viajar e ter a oportunidade de conhecer novos lugares, novas pessoas e culturas diferentes o tempo todo.

No presente estudo, observou-se essa realidade, tendo as entrevistas mostrado que para estes “eternos turistas” não há melhor diferença face ao estilo de vida anterior do que fazer as coisas no dia, na hora e no momento em que quiserem, sem chefe para cobrar, sem horários para cumprir. Terem a liberdade de ir e vir quando quiserem e nisso juntar o que mais amam fazer: viajar, que para eles é o melhor do nomadismo digital, é o grande motivador destas pessoas, como ilustram os excertos de discursos que se seguem:

“Maior flexibilidade de horários e conseqüentemente maior controle sobre a execução das minhas atividades dentro de um prazo que eu mesma preciso considerar. Por vezes não existe um cliente me cobrando uma demanda, somente o meu planejamento defini meus prazos e necessidades”. (Entrevistada 3)

“Minha vida não gira mais em torno do trabalho, o trabalho se adapta ao restante da minha vida. Amo trabalhar, mas trabalho o quanto entendo ser necessário, e não o quanto a sociedade estipula ser necessário (5 dias por semana/8h por dia)”. (Entrevistada 4)

“Eu durmo melhor, quase sempre sem despertador, e tenho possibilidade de viajar sempre que quero. Tive tempo de tirar do papel um projeto antigo de manter um blog de viagens, que hoje é também uma fonte de renda”. (Entrevistada 16)

“Hoje tenho tempo para descansar, me dedico a me alimentar melhor, tenho tempo para atividades físicas, tempo para me dedicar a amigos e família”. (Entrevistada 11)

“Liberdade para fazer o que eu quero na hora que eu quero. Por exemplo trabalhar no final de semana e viajar durante a semana, ou trabalhar 15 dias seguidos e depois ter tempo para fazer outra coisa”. (Entrevistada 5)

“Liberdade! Não temos mais chefe, horário, escritório, rotina... Nada nos prende! Somos livres para tomar qualquer decisão”. (Entrevistado 14)

Os dois lados do nomadismo digital

A vida dos nômades digitais, apesar de todos os aspectos positivos que já foram referidos, não é perfeita e, como também já foi demonstrado pontualmente em alguns dos excertos anteriores, existem alguns aspectos negativos. Deste modo quando questionados sobre o que os entrevistados mais gostam e menos gostam nesse estilo de vida, resumem-se os principais aspectos referidos na Tabela 5.1.

Tabela 5.1 Os dois lados do nomadismo digital

Mais Gostam	Menos Gostam
Flexibilidade de Tempo	Saudade de familiares e amigos
Liberdade	Instabilidade Financeira
Contato com pessoas	Falta de Rotina
Tranquilidade	Falta do Contato social
Ter Novas Experiências	
Conhecer vários Lugares	

Fonte: Elaboração própria

Dos aspectos que mais gostavam, todos os entrevistados voltam a referir a liberdade de trabalhar de qualquer lugar e a flexibilidade de cumprir suas obrigações onde e quando quiser como o que mais gostam neste estilo de vida. No capítulo 2 reviu-se

literatura sobre as novas estruturas de trabalho e Castells, em 2000, já observava que as principais tendências da nova estrutura de trabalho das últimas décadas era a flexibilidade do trabalho. Destacou-se ainda que vários autores (Kamoi, 2015; Marcellin, 2014; Matos, 2016) salientavam também o desejo dos jovens atuais de terem mais equilíbrio entre trabalho e vida pessoal e o desejo e necessidade que tinham de ter uma maior liberdade e flexibilidade no local de trabalho, em termos geográficos e temporais. Os resultados do presente trabalho evidenciam isso mesmo: o entrevistado 2 referiu que o que mais gosta na vida que escolheu é “(...) a liberdade. Liberdade de tempo, de escolhas. Eu ter tempo para focar naquilo que eu acredito que vai dar certo”, a entrevistada 11 diz “gosto da liberdade de trabalhar onde e quando quiser”. O discurso do entrevistado 12 acrescenta que “o que eu mais gosto é a flexibilidade de poder viajar sem esperar pelas férias” e o entrevistado 7 disse que “O que eu mais gosto é a liberdade de ir e fazer o que eu quiser a qualquer momento do dia”.

Muito relacionado com a flexibilidade e liberdade, alguns entrevistados comentaram que as mudanças do dia e uma vida sempre cheia de surpresas também os faz muito felizes (“Gosto da liberdade e da diversidade dos meus dias” – entrevista 4).

Um outro aspecto positivo deste estilo de vida destacado pelos entrevistados é o contato que possibilita com pessoas novas e diferentes, como ilustra o discurso do entrevistado 1: “O que eu mais gosto é poder estar em contato com pessoas diferentes, ter novas amizades e poder trocar experiências com as pessoas”. Nos capítulos de revisão de literatura já se tinha observado que Kamoi (2015), Mouratidis (2018) e Nash et al (2018) concluíam que este estilo de vida dá essa oportunidade de conhecer novos lugares, novas pessoas e culturas o tempo todo, salientando que os nômades digitais não querem apenas experimentar uma cultura estrangeira, querem mergulhar num estilo de vida cheio de cultura, buscam por uma experiência mais pura e vista como “menos turística” dos novos lugares que visitam, valorizando muito o contato com a comunidade desses destinos.

A tranquilidade e leveza em que a vida é levada também foi algo positivo destacado pelos entrevistados. O entrevistado 10 destacou que adora poder viajar despreocupado,

sem pressão e poder fazer as coisas quando quiser. A entrevistada 6 disse dar mais valor e aproveitar mais as oportunidades que surgem. Ela se considera “mais leve”, pois não gasta energia em coisas que não considera ser realmente importantes. Já o entrevistado 13 refere que “Gosto de mudar, experimentar coisas diferentes, situações diferentes. Da paz e tranquilidade que temos comparado com o Brasil, porque é uma vida minimalista, então não temos que nos preocupar com nossas coisas, porque não temos quase nada. Gosto disso, de não ter uma casa, um apartamento, essa leveza de a qualquer momento mudar para qualquer lugar”.

Dos aspectos da vida nômade que menos gostam, a saudade de familiares e amigos foi o mais destacado entre os entrevistados. Os entrevistados afirmaram saber que não se pode ter tudo e que ter esse estilo de vida dificulta o convívio com a família mais alargada (familiares e amigos). O entrevistado 1 resume esta ideia, dizendo que “O que eu menos gosto é o que isso te pede em troca, que é a saudade da família, não está na sua casa sempre e ter um cantinho definido. Eu sou um cara que gosta de estar em casa também. Gosto de tocar violão, estar com os meus amigos, tomar uma cerveja com as pessoas que eu nasci e me criei, mas isso faz parte da minha profissão e da vida que criei e escolhi”.

Neste seguimento, observou-se que ser nômade digital, muitas vezes, significa se sentir sozinho, mesmo com um companheiro de viagem, como destacou a entrevistada 15: “natal e ano novo sozinha, dia dos pais sem pai, dia das mães sem mãe”. Esse é um dos preços que consideram ter que pagar por estarem vivendo essa vida livre pelo mundo.

A instabilidade financeira, como analisado na seção anterior, é um ponto identificado como negativo pela maioria dos entrevistados. A maioria não tem um salário fixo, ou seja, recebem conforme trabalham e nem todos os meses são iguais. De Stefano (2016) destacou que apesar de ser um trabalho dos sonhos pela flexibilidade e liberdade de tempo e espaço, esse tipo de trabalho também traz incertezas, riscos e instabilidade financeira, pois eles não sabem com o que contam ao final do mês. Esse é um problema que se verificou quase geral nas entrevistas realizadas. Os entrevistados que não referiram este aspecto como uma diferença negativa do atual estilo de vida para o anterior (ver seção 5), referiu no momento em que foram questionados sobre os aspectos que menos gostam da

vida de nômade. A entrevistada 11 disse que “Gosto menos da incerteza da renda futura. Não sei quanto vou receber no próximo mês, ou se terei clientes suficientes. Isso gera ansiedade e me força a sempre estar em busca de novos clientes e de economizar para não sofrer com imprevistos”. O entrevistado 8 acrescenta que “O que menos gosto é a questão do dinheiro mesmo, a renda. Um pouco da incerteza, porque apesar de eu estar em um bom nível, a galera me demanda muito, sei lá, vai que surta, eu estou na mão de outras pessoas. Eu ainda dependo de outras pessoas para ganhar meu dinheiro, porque eu ainda não me estabeleci dinheiro, ainda não tenho os meus produtos”.

Apesar de a flexibilidade e falta de rotina rígida serem os aspectos mais positivos identificados pelos entrevistados, a falta de uma rotina pré-estabelecida, mesmo que minimamente, também foi citada como aspecto negativo. Os entrevistados que identificaram este “problema”, explicaram que não ter uma rotina muitas vezes atrapalha, principalmente por trabalhar em casa. A entrevistada 9 afirma que “O que menos gosto é a rotina. Querendo ou não, sinto um pouco de falta disso. Quando vivemos esse estilo de vida, é complicado ter uma rotina estável, cada dia surge uma oportunidade nova para gravar conteúdo, passeios novos, pessoas novas, viagens, visitas familiares, enfim. Não é como quando eu morava no Brasil que fazia tudo igual, todo dia. Acredito que, até pelo fato de estar morando num novo país, influencia, ainda é muita novidade para mim, quero conhecer tudo, explorar cada cantinho e, com isso, a “rotina” acaba ficando sempre para depois. É como se eu me sentisse uma eterna turista viajando”.

Este resultado vai de encontro ao que se referiu no capítulo 2 sobre Matos (2018) identificar esta rotina móvel dos nômades digitais, essa constante mobilidade, como potencial elemento perturbador de algumas tarefas que exigem alguma rotina, como ilustra o excerto da entrevista 4: “não gosto por exemplo de nem sempre ter onde preparar minhas refeições e acabar comendo muito fora por conveniência e de não ter uma rotina de exercícios físicos”.

Um outro aspecto negativo que surgiu foi a falta de um convívio social no trabalho maior. A entrevistada 16 afirmou sentir falta de ter contato social durante o trabalho. Para

amenizar esse aspecto, alguns nômades digitais optam por locais de trabalho com mais “movimento” como cafês e espaços *coworking*. Matos (2018) afirma que esses espaços ajudam pessoas que trabalham de forma independente a terem contato com outras pessoas, até mesmo criarem *networking*, ter contato visual e trocar experiências.

Maiores Dificuldades da Vida Nômade

Das maiores dificuldades citadas pelos entrevistados, e que coincide com o principal aspecto que estes identificaram como que menos gostam, está a instabilidade financeira. A entrevistada 5 refere que “dificuldade no começo é conseguir cliente suficiente para dar uma renda suficiente para se manter. Tem momentos de alguns meses que não é fácil ou você trabalha muitas vezes por fora, ou você tem uma economia para te manter enquanto não consegue se estabelecer. Mas fazendo com planejamento é bem possível”. A incerteza de uma renda suficiente ao final do mês é algo que eles, muitas vezes, têm que lidar: “Minha maior dificuldade é a insegurança. Não tenho a estabilidade financeira de quem tem um emprego fixo, e eu valorizava muito isso antes de mudar. Abri mão da estabilidade para buscar algo que valorizava ainda mais – a liberdade. Entretanto, ainda tenho lapsos de insegurança” (Entrevistada 4).

Outra dificuldade citada, que também já havia sido referida como aspecto que menos gostam no estilo de vida, foi a saudade de familiares e amigos e, algumas vezes, a solidão: “São muitas dificuldades, mas acho que nas viagens é talvez ter que se despedir, mesmo que temporariamente, das pessoas queridas, dos amigos, da família...talvez isso é a maior dificuldade. Como no meu caso eu não tenho coisas grandes, como casa e carro, acho que fica mais fácil. Como agora eu estou solteiro, é a solidão, às vezes. As vezes me sinto muito sozinho” (Entrevistado 8). Lidar com a falta de companhia e, principalmente, com a ausência em datas especiais e o estar longe da família e amigos é umas das maiores dificuldades citadas pelos entrevistados.

Por fim, mencionam um aspecto que até então não haviam mencionado: a qualidade do acesso a internet é uma dificuldade que enfrentam em alguns lugares. Na entrevista 11

esse aspecto é bem sistematizado: “No Brasil, a qualidade da Internet e cobertura de telefonia móvel também são desafios preocupantes”. O entrevistado 18 também destaca que a maior dificuldade que enfrenta é “Com certeza a Internet que é precária em muitos lugares, fazendo que nosso trabalho renda bem menos”. Como concluído na seção sobre os facilitadores da adoção deste estilo de vida (Seção 5) ter um bom acesso à internet é essencial para o nômade digital (Matos, 2016; Matos, 2018; Richards, 2015).

Os entrevistados referiram ainda, pontualmente, outras dificuldades, como “A exposição em climas adversos e alguns perigos por sempre dormir em lugares abertos e desprotegidos” (Entrevistado 7) e também “carregar mala, não ter essa rotina de academia, ansiedade, às vezes não se alimentar tão bem” (Entrevistado 20).

Características essenciais de um nômade digital

Como o estilo de vida tem se expandido e muitas pessoas têm tomado conhecimento, e até pensado na possibilidade de se tornar um, questionaram-se os entrevistados sobre quais eram, na sua opinião, as características essenciais para uma pessoa ser um nômade digital. As respostas foram agrupadas nas seguintes 6 categorias:

- a) Força de vontade/persistência
- b) Espírito aventureiro/coragem
- c) Ser adaptável
- d) Organização/Disciplina
- e) Pró atividade
- f) Desapegado

- a) Força de vontade/persistência

Ter força de vontade, reconhecer que ter esse estilo de vida não é apenas ter coisas boas e estar disposto a persistir apesar das dificuldades, é uma característica identificada

como sendo muito importante para se ter sucesso enquanto nômade digital. O entrevistado 1 diz que é essencial ter “Uma linha de pensamento propícia para encarar as coisas como desafio. Porque tudo é incerto para quem trabalha dessa maneira, nada é preto no branco. A gente nunca sabe o que vai esperar para frente, então tem que ter a cabeça aberta para saber que isso é normal e não enxergar o erro como uma coisa negativa. A principal característica de uma pessoa que quer viver de ser um nômade digital é de ser um autônomo e de certa forma um empreendedor, porque você está vivendo da sua própria força de vontade. Então tem que ter a cabeça condicionada de que tudo é diferente e como funcionam as coisas. Por exemplo quem trabalhou muitos anos fechado em um escritório e tinha o salário certo no final do mês, tem que saber que na vida de nômade digital não funciona assim”. O entrevistado 2 acrescenta que a característica chave é a “Persistência. Persistir com o seu ideal, é saber que é algo que ainda é diferente, não tem muito padrão. Superar essas diferenças de forma mais tranquila”.

b) Espírito aventureiro/coragem

Ter um espírito aventureiro e ter coragem também é uma característica importante para essas pessoas. Largar tudo que têm, conforto de um lar, estabilidade financeira, estar perto da família, entre outras coisas, para se aventurar em um novo estilo de vida mais livre, longe de tudo e incerto, requer muita coragem. A entrevistada 15 refere que como característica essencial “diria coragem. Por que você tem que largar tudo, se quiser ser um nômade digital que viaja enquanto trabalha”. O entrevistado 8 destacou a necessidade de se ter “Um espírito aventureiro, porque você precisa lidar com muitas imprevisibilidades”. Ainda o entrevistado 7 acrescentou “Muita vontade de se aventurar em um mundo fora do padrão”.

Como se observa nos discursos anteriores, ter a coragem de enfrentar um mundo novo, que ainda é pouco explorado, é uma característica vista como essencial para quem escolheu assim viver.

c) Ser adaptável

Ser nômade, como já analisado, é viver se mudando, é ter vários endereços em um curto espaço de tempo. Para viver esse estilo de vida é facilmente dedutível que as pessoas precisam ter uma rápida capacidade adaptação para viver dessa maneira. São muitas cidades, países, pessoas, culturas o tempo todo, e se não for “adaptável” a vida se torna mais difícil. A entrevistada 11 refere essa mesma característica, dizendo que é preciso ter “capacidade de se adaptar às mudanças rapidamente”. A entrevistada 9 ainda acrescentou que “se você não for adaptável a todo tipo de lugar e situação, vai sofrer muito para ser um nômade digital”.

d) Organização/Disciplina

Ter disciplina e organização também é essencial para vida nômade. Apesar de não haver chefes, obrigações de horários como das 09h às 18h, como referiu Kamoi (2015), é essencial ter disciplina e organização dos seus afazeres diários, principalmente profissionais, a fim de não perder a produtividade e acabar por não cumprir o que deveria. A entrevistada 3 diz explica isto mesmo, dizendo que características essenciais são “Organização e proatividade. Em outros tipos de trabalho sem essas características você pode conseguir atuar seguindo apenas ordens ou contando que o trabalho em equipe suprirá essas necessidades. Mas no nomadismo sem um olhar atento as demandas do mercado, sem que você organize sua rotina e sem iniciativa não vejo como eu poderia encarar esse estilo de vida”. A entrevistada 15 acrescenta que o nômade digital “Tem que ser disciplinado, seguir bem as datas de entrega, tem que estar lá a qualquer hora, tem que responder email num domingo, ligação num sábado a noite”.

e) Proatividade

O trabalho nômade requer além de tudo o que já foi citado outra característica, na perspectiva dos entrevistados: proatividade. Não existe chefe, o nômade digital é seu próprio chefe e precisa arcar com todas as consequências de suas ações. Antecipar-se de situações, resolver problemas, é necessário quando se escolhe esse estilo de vida. Como a entrevistada 3 disse, “sem iniciativa não vejo como eu poderia encarar esse estilo de vida”. A entrevistada 15 acrescentou na sua resposta que “Tem que ser pró-ativo, não existe patrão passando por trás da sua mesa e você tendo que fechar a tela do Facebook

quando ele tá chegando, tem que focar! Manter o foco no trabalho quando é hora de trabalhar, se não nada nunca se concretiza”.

f) Desapegado

O desapego é algo que os nômades digitais conhecem bem, como se percebeu na seção sobre as consequências negativas do estilo de vida em relação ao convívio com os familiares e em relação ao estilo de vida minimalista que acaba por estar associado aos nômades digitais (ver seção 5). O nomadismo digital não permite carregar muita coisa consigo, e principalmente, não existe casa e bem duráveis envolvidos. Normalmente estes “eternos turistas” viajam com pouca coisa, seus equipamentos tecnológicos indispensáveis para o trabalho, poucas coisas de valor e itens pessoais. A entrevistada 15 explica que “tem que sacrificar alguns luxos de bens materiais pra viajar no estilo nômade, não dá para carregar a casa toda nas costas”.

Percepção da vida

Barbosa e Viegas (S/D) dizem que os nômades digitais querem é ter mais tempo livre e liberdade para terem uma vida mais feliz e completa. Mas será que eles se veem assim? Na presente investigação, sentiu-se necessidade de perceber como os próprios nômades se viam, como se consideravam, naquele momento de vida, de uma forma geral na sua vida.

As entrevistas permitiram perceber que suas percepções sobre as suas próprias vidas eram as seguintes (por ordem de frequência de menção): feliz, tranquila, com liberdade e agitada. Eles conseguem perceber os prós e contras de viver esse estilo de vida, porém sempre tentam focar naquilo que mais importa no momento: liberdade. Percebe-se que a sensação de liberdade é que provoca a maior parte do sentimento de felicidade que dizem sentir. A entrevistada 9 conta a sua percepção da sua vida referindo que “Descreveria que nunca pensei que pudesse viver assim. Inclusive se me falassem há

1 ano atrás que eu estaria vivendo assim hoje em dia, eu nem consideraria verdade pois achava que não era possível. Hoje posso dizer que tenho a vida que sempre quis por muito tempo”. O entrevistado 18 acrescenta que “Estamos felizes com nosso estilo de vida, satisfeitos profissionalmente, e com certeza transformados a cada viagem que fazemos”.

Mas nem tudo é perfeito, para viver uma vida de viagem, de liberdade, também é necessário sacrifício para viver essa experiência e, muitas vezes abrir mão de coisas que são importantes na vida, como ressaltou a entrevistada 15 referindo que é “Feliz, porém, solitária. Mas aprendi a lidar com isso. Ser nômade é incrível, você vive para seguir seus sonhos. Parece ser até egoísta, confesso, na verdade é um estilo de vida egoísta. Vivemos por nós mesmos, fazendo o que queremos, quando queremos, e acabamos por não tomar em nós os problemas da família, as obrigações de parentes que estão por perto, tudo isso acaba quando você mora fora e longe de todos. Mas é triste demais estar sempre só, é a pior parte. Eu diria que hoje eu tenho uma vida cheia de alegrias, conquistas, mas não tenho em mim uma felicidade duradoura, a verdadeira felicidade que se sente em família, num churrasco que acaba em briga, numa ligação para melhor amiga seguido de um cinema com gargalhada, piadas, amigos”.

O entrevistado 8 também disse adorar sua vida nômade, mas fez questão de ressaltar que não é tudo perfeito: “Minha vida é maravilhosa, claro que qualquer outra tem muitos perrengues, como dinheiro, porque é renda variável, você não sabe quanto vai entrar nesse mês, então tem que produzir muito. A questão da disciplina também porque no mesmo lugar que você trabalha, você descansa. A questão da internet, porque as vezes está lenta então você perde trabalho e conseqüentemente perde dinheiro. Eu sinto muita falta as vezes, de estar num ambiente com outras pessoas incríveis e está num ambiente físico, mas por outro lado nada se comprada a minha liberdade e reconhecimento que em pouco tempo estou tendo. De uma forma geral eu estou muito realizado e eu me sinto como se eu realmente estivesse dentro do meu propósito e da minha missão como eu nunca havia sentido, e estou muito relaxado, e acho que por isso que as coisas estão fluindo bem”. O entrevistado 12 refere que a sua vida “Não é perfeita, o nomadismo digital também tem seus pontos fracos, mas vivo do jeito que sempre sonhei. Vivo a vida que desenhei para mim”.

A vida nômade também pode ser percebida como intensa como refere o entrevistado, dizendo que a sua vida é “Bem maluca e bem corrida. Apesar de ser corrida não tem uma rotina específica, mas existe uma organização atrás de tudo. Acho que seria vida intensa também”.

Estas percepções corroboram o que se constatou no capítulo 2, sobre a liberdade ser a característica mais central no estilo de vida nômade digital (Kamoi, 2015; Matos, 2018; e Richards, 2015). Para os nômades digitais parece não existir nada mais importante e libertador do que poder ir e vir quando quiserem, de cumprir suas obrigações quando quiserem e serem seus próprios patrões. Deste modo, observa-se que percepção sobre suas vidas hoje mais referida pelos entrevistados é, sem dúvida, a de viverem uma vida mais livre, como resumem a entrevistada 5, referindo a “Liberdade para fazer o que eu quero, na hora que eu quero. Por exemplo trabalhar no final de semana e viajar durante a semana, ou trabalhar 15 dias seguidos e depois ter tempo para fazer outra coisa”, a entrevistada 14, destacando “A liberdade de poder estar cada dia em um lugar, decidir por quanto tempo ficar e qual o próximo destino não tem preço.” E a entrevistada 11, assumindo que tem “Uma vida com mais liberdade e flexibilidade, onde cada esforço e sacrificio faz realmente sentido e possui objetivo. Sou uma pessoa mais realizada pessoalmente e profissionalmente”.

Identificação da importância da tecnologia para o estilo de vida

Como foi discutido no capítulo 3, a tecnologia e, principalmente, a internet é essencial nos dias atuais. E para o turismo a tecnologia faz total sentido e é imprescindível. Para Molz (2012) o turismo também está fortemente ligado ao mundo móvel e sem a tecnologia e a internet o turismo não teria todo esse impacto que tem hoje. A tecnologia contribuiu e tem contribuído muito para o crescimento do turismo (Flores, Cavalcante e Raye, 2012) e também para o crescimento do nomadismo digital, pois segundo Nash et al (2018) eles precisam estar sempre conectados e atentos às novas plataformas e ferramentas que vão surgindo, para não se desatualizarem e aproveitar as

novas oportunidades para desenvolverem seu trabalho, atraindo clientes e desempenhando suas funções.

Durante a entrevista foi perguntado o que a tecnologia significava para eles, e a palavra que vinha a mente quando dizia internet. As principais palavras mencionadas foram:

- a) Conexão;
- b) Comunicação;
- c) Trabalho;
- d) Informação
- e) Liberdade.

a) Conexão

No capítulo 2 Santaella (2011, p.34) fala de uma conexão sempre contínua e sempre conectada, como “uma rede móvel de pessoas e de tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos”. Ou seja, os limites de conexão, socialização, compartilhamentos e tudo mais relacionado a tecnologia se expandiu e já não se limita mais a certas fronteiras e barreiras, podendo alcançar assim, muito mais pessoas e outros limites.

A entrevistada 3 comentou:

“Conexão. Desde a questão do sinal, Wi-Fi ou dados móveis que possibilitam a execução da mesma (conexão), até os contatos com pessoas, informações e instituições pelo mundo todo que a internet possibilita”.

Entrevistado 8:

“Conexão. Em todos os sentidos. De pessoas, acho que é uma forma de se conectar de uma forma que você jamais se conectaria sem a internet”.

b) Comunicação

Como mencionado no capítulo 3, as 8 maiores inovações tecnológicas dos últimos 25 anos têm muita relação com a comunicação e com a maneira que as pessoas se relacionam entre si utilizando esses elementos da tecnologia. O entrevistado 2 comenta sobre a importância dessa comunicação para a sua vida.

“Comunicação é que já conheci centenas de pessoas na estrada e que me ajudam de forma absurda. O poder da comunicação é absurda e não sei como seria sem ela. E manter contato com as pessoas que conheci na viagem também, essa conectividade”.

c) Trabalho

A internet para alguns pode significar apenas lazer e entretenimento, mas para muitos é considerado trabalho. A tecnologia e internet para os nômades digitais é indispensável. Segundo Nash et al (2018) os nômades digitais usam muitas plataformas tecnológicas diferentes para realizar o trabalho digital e produzir seus produtos digitais. Por isso internet e trabalho estão diretamente relacionados. O entrevistado 1 diz:

“Internet é a minha principal ferramenta para expressar o que quero mostrar e a minha visão do mundo e das coisas que eu vivo através das minhas redes sociais, e também o meu ganha pão relacionado aos clientes que eu atendo. A maioria dos clientes que eu atendo são clientes que buscam se posicionar na internet de alguma maneira. Então a internet hoje significa 90% de mim como profissional”.

O entrevistado 18 acrescenta que a internet é “nosso meio de trabalhar e ganhar dinheiro para continuar viajando”.

d) Informação

A internet é, sobretudo, um meio de informações. Lá é possível buscar todo tipo de informação como ressaltou Castells e Cardoso (2005). As pessoas desde o início do desenvolvimento da internet consultam a Web em busca de informação, desde informações simples como horários de certas atrações, serviços ou até mesmo informações sobre doenças e outras coisas. O entrevistado 2 diz: “conheci muitos locais

que jamais imaginei pesquisando na internet. Gosto de destinos incomuns e só foi possível conhecer pela internet”.

e) Liberdade

E outro significado que a internet tem para eles, acima de tudo, é a liberdade. A tecnologia e internet é que possibilitou a existência desse estilo de vida e a continuidade desse trabalho. O entrevistado 13 diz: “Liberdade, possibilidade de fazer exatamente o que estamos fazendo aqui”.

5.5 Relação percebida entre o Turismo e o estilo de vida nômade

Spinks (2015) classifica os nômades digitais como trabalhadores autônomos sem fronteiras, que trabalham de forma autônoma e interagem com diversas cidades e países de uma forma diferente de um turista normal, mas cabendo na definição de turista e ainda sem obter o status de residente. Para Spinks (2015) os nômades digitais são diferentes dos turistas normais, pois não viajam apenas para o lazer e sem responsabilidades, a viagem para determinado destino é o motivador da sua vida e o lugar escolhido para exercer o seu trabalho à distância, não sendo remunerados no destino e permanecendo em cada destino períodos inferiores a 1 ano.

Os resultados do presente trabalho mostram que 45% dos entrevistados se identificam como sendo turistas e 55% deles não se consideram turistas. Dos que não se consideram turistas, apresentaram argumentos bem próximos dos de Spinks (2015), como o facto de viverem como um local; passarem mais tempo que um turista normal no destino; não terem gastos típicos de turista; e viajarem com trabalho e não apenas a passeio.

De entre estes, o argumento mais referido é o fato de viverem como uma pessoa local, diferente de um turista que está estritamente a passeio e não faz tanta questão de conhecer pessoas locais. A entrevistada 5 destaca que “o meu foco e atitude é de uma pessoa que está vivendo na cidade e trabalhando. Eu não sou uma pessoa de indo pra

festas, eu saio tanto quanto se eu tivesse na minha cidade. Gosto mais de aproveitar a vida na cidade como um local”. O entrevistado 13 explica que não se considera um turista porque “Eu acho que não nos enquadramos nem de longe no que entendemos ou percebemos que um turista faz. Normalmente visitam lugares, passam pouco tempo, talvez tenham uma visão só de certos aspectos que são projetados para agradar os turistas. No nosso caso é um pouco diferente, porque quando chegamos no lugar queremos passar mais tempo, normalmente a gente está mais preocupado em tentar viver como um local, fazer as coisas que um local faria: restaurante do bairro, café do bairro, fazer amigos na cidade e raramente estamos preocupados em conhecer as atrações turísticas que existem. Algumas vezes vamos, muitas outras não, porque estamos mais focados em tentar viver a experiência da cidade em si”.

Para essas pessoas a vida nômade e a vida de um turista não combinam, eles são diferentes em tudo: nos passeios, nos objetivos, nas expectativas. O entrevistado 7 diz que “Por mais que em alguns momentos eu faça passeios de turista, eu estou em uma modalidade de viajante diferente, a de nômade, o que muda completamente a forma de viajar e de ver o mundo. Eu vivo cada lugar que passo”.

O tempo gasto nos destinos é algo que eles ressaltam ser muito diferente dos turistas normais: “geralmente buscamos ficar mais tempo nos lugares e vivenciar a cidade como um morador” (Entrevistado 18) e “viajamos devagar e vivemos a vida dos locais na maioria das vezes ficando até 1 mês em cada país ou cidade” (Entrevistado 20).

Outro motivo são as diferenças dos gastos de um turista em relação a um nômade digital. A entrevistada 11 diz que “Na verdade, busco viver mais de seis meses nos lugares para realmente me sentir parte da comunidade. Assim, eu conheço muito mais coisas e economizo muito mais”. Ainda o entrevistado 10 diz que “Quando viajamos como nômade, nem sempre temos tanto dinheiro quanto alguém que esteja indo realmente de férias para “turistar”. Então temos que ficar pensando, ver oportunidades, se o passeio está mais barato, essas coisas. Então damos uma volta no final de semana, tentamos ver o que o pessoal está fazendo, tendência de locais, fazemos *free walking tours*. As vezes passamos 1 mês num lugar e não conhecemos tanto quanto quem passou 4 dias. Um turista que

passou 4 dias talvez conheça mais pontos turísticos do que a gente que não tem esse mesmo ritmo. E também acabamos mais observando a rotina do lugar, o turista não tem isso, até porque tem um tempo mais corrido, ele não consegue observar como as pessoas locais se comportam”.

Como mencionado no capítulo 2, Graburn (2002) destaca que os turistas não são os únicos viajantes no mundo de hoje. Os nômades digitais viajam para diversos destinos turísticos, mesmo os mais prováveis, mas são um segmento de turistas distinto, que merece ser analisado em esfera própria, na medida em que buscam recursos financeiros durante a viagem, o que lhes permite realizar trabalhos nômades e viajar ao mesmo tempo, enquanto é menos provável que os turistas convencionais aproveitem esses recursos relacionados ao trabalho enquanto visitam novos lugares (Nash et al, 2018), já que seu objetivo é conhecer locais, culturas, pessoas e descansar do trabalho. Os nômades digitais não tem pressa, pelo contrário, querem aproveitar ao máximo o destino, conhecer bem a cultura e acrescentar algo na sua vida. Mouratidis (2018) aponta que eles não querem apenas experimentar uma cultura estrangeira, mas querem mergulhar em um estilo de vida cheio de cultura, eles buscam por uma experiência mais pura e menos turística. Os nômades digitais também não gostam de fazer parte de aspectos negativos associados ao turismo de massa, por isso, muitas vezes, não gostam de ser associados a turistas, pois tentam de todas as maneiras focar suas experiências e atividades de uma maneira mais significativa e profunda (Mouratidis, 2018).

Apesar de tudo isso, muitos deles se consideram sim turistas. O entrevistado 14 se considera um “turista profissional”, ele diz: “Somos turistas profissionais e a sensação é de estarmos sempre de férias”. O entrevistado 1 se considera turista, pois ele afirma gostar de visitar os locais turísticos, “Porque mesmo quando saio para trabalhar em outro lugar eu saio para conhecer a cidade, eu sou o único na equipe que faz isso. Em todos os lugares faço isso, não importa se é de madrugada, de manhã ou de tarde, sempre que eu tenho um tempinho livre eu saio para conhecer”.

O entrevistado 14 associa a questão de ser turista com estar em constante movimento e conhecendo muitos locais e culturas diferentes, referindo que é turista “Sim!

Sempre! Já viajamos por 66 países dos cinco continentes de carro, trem, moto, avião, bicicleta e a pé, sempre com o espírito de conhecer novas culturas, ver diferentes paisagens, falar novos idiomas e encontrar novos amigos. A sensação é de que sempre estamos levando a nossa alma para passear”.

No capítulo 2 foram mencionados alguns tipos de mobilidades existentes de acordo com Richards (2015) e muitas pessoas fazem essa diferenciação entre turista e viajante. Essa diferenciação é claramente diferente do conceito de turista adotado pela UNWTO⁷ e amplamente utilizado. Para os entrevistados, turista parece ser aquele que faz coisas típicas e rápidas e viajante aquele que sente mais o local e vive mais a cultura. A entrevistada 15 diz que “Sim, tem dias que sou turista, tem dias que sou viajante. Sou turista quando só me importo com os pontos turísticos e faço tudo na correria, quando só penso em *check the box* com os itens que quero ver, sem nem ao menos saber como se fala um Oi, e obrigada na língua local. Sou turista quando vou pro Vietnã e só quero comer no MC Donalds pois tenho receio da comida local. Sou turista quando só ando de táxi, faço tudo com guia turístico, me prendo a um roteiro de 1 dia completo em Paris, por exemplo”.

Estas percepções mostram que o conceito de turista é ainda alvo de muita ambiguidade para pessoas que não trabalham no setor.

Outra questão relevante, quando se analisaram os resultados das entrevistas sobre a temática da relação entre turismo e nomadismo digital, foi as atividades de lazer que os nômades digitais costumam fazer quando chegam a um destino novo. Nota-se que o que eles mais gostam de fazer assim que chegam em um destino nomeadamente são: conhecer os arredores do bairro; conhecer bares e restaurantes; conhecer os principais atrativos e conhecer as pessoas locais. Muitos deles também buscam atividades ao ar livre e contato com a natureza. Observa-se então que as atividades que praticam quando chegam a um novo destino se assemelham ao que um turista comum faria.

⁷ De acordo com a UNWTO, turismo é a atividade do viajante que visita uma localidade fora do seu ambiente habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado (<http://www2.unwto.org/>)

Outro aspecto relacionado com esta relação turismo-nomadismo tem a ver com a escolha do destino. Como já explicado no capítulo 2, os nômades digitais viajam e trabalham durante as viagens. Uma questão mais importante para eles do que para o turista normal é, então, se o local tem internet. A entrevistada 16 diz que “É uma mistura de vontade de conhecer com o custo da viagem. Descarto locais sem acesso à internet” e a entrevistada 6 ainda acrescenta que, “Neste momento, a Internet é o principal critério. Estava muito animada para ir à China, mas como o Facebook e o Google estão banidos, para o meu trabalho, este país não é a melhor opção”. O entrevistado 18 refere que “é essencial que tenha internet”.

Dois fatores adicionais foram mencionados como muito importantes na escolha do destino pelos nômades entrevistados: interesse geral pelo destino e o custo baixo associado à viagem para e ao próprio destino. A entrevistada 5 refere que procura ir “para lugares que eu sempre quis ir ou que tenha alguma coisa que eu queira conhecer. Por exemplo, agora eu estou procurando lugares de praias, porque o frio foi muito intenso, então estou buscando o máximo de praias possíveis. Mas é mais relacionado a curiosidade cultural ou algum espaço urbano que eu sempre quis conhecer ou estar”. O entrevistado 14 explicou como é feita a sua seleção de destino: “Sempre viajamos para fazer grandes expedições, baseados nos nossos sonhos de conhecer determinados lugares. Na primeira expedição, percorremos os cinco continentes como mochileiros; na segunda, viajamos de carro por todos os 26 estados brasileiros (além do DF), de Oiapoque ao Chuí; e, agora, estamos em uma expedição de motorhome pelos extremos da América. A atual viagem começou há 3 anos (em 2015) quando descemos até Ushuaia e agora estamos indo em direção ao Alaska. Para escolher os destinos ao longo da expedição, fazemos uma longa pesquisa sobre os atrativos de cada lugar e elegemos os que têm mais afinidade conosco”.

Pelo fato de estas pessoas trabalharem online e, muitas vezes, receberem em outras moedas, eles preferem destinos em que a moeda que recebem sejam mais valorizadas no destino escolhido. Ganhando mais e gastando menos é a lógica que procuram, como refere a entrevistada 4: “Escolho baseado no meu interesse pelo local e pelo custo de vida. Acabo passando mais tempo nos locais em que vejo um bom custo/benefício e faço

amizadas (ou onde já tenho amigos e familiares)”. A entrevistada 15 também explica que “Descobrimos o destino seguinte baseado na opção de voo mais barato saindo do aeroporto mais próximo. Exemplo, vamos para as Ilhas Maldivas para o próximo destino, e acabamos de comprar os voos para o próximo destino Sri Lanka, pois era um dos voos mais baratos saindo das Maldivas”.

Um nômade digital não tem residência fixa e trabalha remotamente (Matos, 2018) e por esse motivo se hospedam em diversos locais. Relacionado com esta característica destes nômades, outro aspecto relacionado com a relação turismo-nomadismo que necessita ser analisado tem a ver com o alojamento. Verificou-se que o alojamento mais utilizado pelos nômades digitais entrevistados são casas alugadas pelo site Airbnb. O segundo meio de hospedagem mais utilizado são albergues e hotéis e o terceiro *couchsurfing* (um serviço comunitário onde pessoas recebem viajantes em suas casas de forma gratuita). Outros meios foram citados, mas de forma isolada. Segundo os entrevistados, normalmente as reservas são feitas diretamente pelo site do Airbnb ou do Booking. Outros sites também foram citados como: hostelworld, couchsurfing e worldpackers. Uma questão importante sobre esta temática foi sobre o que o alojamento teria que ter para ser elegível por eles. As características mencionadas são: existência de internet, de cozinha, estar bem localizado, ter condições de conforto e segurança.

“A característica principal que procuramos é uma boa conexão com a internet, mas também damos muito valor para acomodações que possuem cozinha e máquina de lavar roupas”, referiu o entrevistado 12, corroborando a importância que a internet assume na vida destes “eternos turistas”.

Já a entrevistada 15 ilustrou a importância dada às condições de conforto e localização, dizendo que “Para casa mensal no airbnb tem que ter boa internet, máquina de lavar roupa, cozinha completa com forno e geladeira grande, tem que ser uma casa limpa e confortável, sem muitos bens materiais nela, um look mais minimalista é o que gostamos. Localização boa, que dá pra andar para os pontos principais”. A entrevistada 4 refere que “Valorizo a localização mais do que qualquer outra coisa quando estou procurando um alojamento (além de critérios básicos como limpeza).”, e a entrevistada 9

destaca que “Tem que ser bem localizado, perto de transporte público (ônibus ou metrô), ter algum mercado perto”, critérios diferentes do entrevistado 1, que revela que “Procuro escolher lugares que sejam mais acessíveis e perto dos pontos de interesse que eu queira visitar.”. Efetivamente estes testemunhos comprovam que, depois da internet, outro critério de escolha principal é a localização do alojamento. Os nômades digitais valorizam locais centrais, perto dos principais atrativos, localizados junto a serviços necessários para o dia a dia como mercados, restaurantes, entre outros. A entrevistada 3 destacou os tipos de conforto que busca: “água quente em chuveiro, parece simples, mas muitos lugares não possuem, por exemplo, em Cuba ou Costa Rica”. Ter cozinha parece ser uma característica importante para eles, ou por ser uma terapia e distração ou, principalmente, para economizar nas refeições, já que comer fora todos os dias pode sair mais caro, como refere a entrevistada 5: “Prefiro Airbnb porque tem cozinha, mesmo que só o quarto, mas que tenha cozinha porque cozinho muito para mim e economiza também”. Ainda, acerca do alojamento, convém destacar que, como é visível nos discursos selecionados anteriormente, não é porque vivem viajando e não tem residência fixa que estes nômades não se importam com o conforto, muito pelo contrário. Se este foi o novo estilo de vida que escolheram, não pode ser pior do que o que tinham antes. De Carvalho e Ciolfi (2014) destacou que o nomadismo pode ter diversas forças motivacionais, seja porque o local oferece mais conforto ou porque o local oferece mais oportunidades na sua área ou por outros motivos. Mas o conforto é algo importante, como refere o entrevistado 13:

“E o que buscamos é ter dentro dele o mesmo nível de conforto que tínhamos no Brasil. Então, uma boa cama, uma boa cozinha que possamos preparar nossas refeições com tranquilidade, internet que seja a melhor possível, se tiver num lugar muito frio que tenha aquecedor, se for num lugar muito quente ar condicionado. Enfim, buscamos lugares que dê uma sensação que estamos em casa de fato, com tudo que a gente teria numa casa normal, para a gente trabalhar, produzir e tocar a vida com bastante tranquilidade”.

Como discutido no capítulo 2, os nômades digitais, apesar das percepções divididas evidenciadas nas entrevistas, enquadram-se sim na definição de turista da UNWTO, sendo que devem ser olhados pelos destinos como um nicho de mercado, com características, expectativas, impactos e necessidades diferentes dos turistas habituais.

5.6 Futuro nômade

Depois de entender quem são os nômades digitais e de como funciona esse estilo de vida, foi perguntado eles aos entrevistados se eles se conseguem imaginar nesse mesmo estilo de vida daqui a 5 anos. Concluiu-se que 85% dos entrevistados se viam ainda com esse estilo de vida e apenas 15% acreditavam que já não estariam vivendo esse estilo de vida. Dos que pensam continuar viajando e trabalhando sem data para terminar, justificam essa perspectiva da seguinte forma:

“Como estou sempre aberta a mudanças, é difícil me imaginar daqui a 5 anos, mas acredito e espero que minha vida seja semelhante a que tenho hoje. Talvez com outros projetos, talvez viajando acompanhada, talvez passando mais tempo em determinados lugares, mas ainda assim com liberdade para seguir viajando.” (Entrevistada 4)

“Eu gostaria que a minha empresa de viagem de experiências para destinos não comuns estivesse mais estruturada e já funcionando da maneira que enxergo que ela pode funcionar, com os objetivos e princípios que acho que são ideias para que ela aconteça. Espero que minha vida esteja ligada a isso, a proporcionar experiências mais profundas para as pessoas. E continuar viajando para buscar novos destinos. Continuar com meus projetos sociais, hoje eu sou dono de um e coordeno outro. Tenho um terreno no Nepal que quero contruir uma casa para receber voluntários, contratar uma família para viver lá, e tenho uma ideia de estender e multiplicar para outros destinos” (Entrevistado 2)

“Eu me vejo essencialmente fazendo a mesma coisa que estamos fazendo hoje em dia, não acho que vá mudar nada”. (Entrevistado 13)

Dos que não se veem mais como nômades digitais daqui por 5 anos, as justificações são as que se seguem:

“Não faço a menor ideia, pra ser bem honesta. Talvez mais um filho, morando em um país que amo, com amigos por perto e talvez família”. (Entrevistada 15)

“Provavelmente vamos continuar explorando novos destinos, porém acredito que iremos parar em uma cidade para nosso filho estudar”. (Entrevistado 18)

“Eu me vejo viajando ocasionalmente. Quero voltar a ter um emprego fixo aqui na Europa para juntar um dinheirinho. Consequentemente sei que terei menos tempo livre, mas espero aproveitar o fato de que tudo aqui na Europa é perto, pra

fazer viagens curtas de fins de semana... (saindo na sexta a tarde e voltando domingo a noite) e também no meu período de férias, claro! Mas nunca quero deixar de viajar! Sempre que eu puder, nos fins de semana, darei uma escapadinha.” (Entrevistada 9)

Dos que pretendem não seguir com a vida nômade, a maioria, tem filhos pequenos, deste modo, nota-se que ter uma estabilidade de vida em um lugar, ter o contato com a família, amigos e escola é algo que os pais pensam e avaliam na decisão de seguir nesse estilo de vida. Apesar disso, a paixão por viajar permanece e não querem deixar de conhecer novos lugares, porém não mais como nômades e sim como “turistas normais”.

5.7 Conclusão

Nesse capítulo foram apresentados e discutidos os resultados das entrevistas efetuadas aos nômades digitais. Concluiu-se que esse é um estilo de vida novo, mas que é percebido como tendo atraído a atenção de muitas pessoas. Nota-se que a maioria dos entrevistados são pessoas da geração Y, ou seja, que cresceu numa geração de mudanças e por ter vivido os dois lados do trabalho convencional optou por seguir um estilo de vida mais livre e sem tantas restrições. São, também, pessoas com altos níveis de estudo, sendo 85% deles com ensino superior. Verifica-se que a maioria dos entrevistados são pessoas que viajam com seus companheiros, alguns com filhos, sendo que todos eles tiveram uma carreira convencional e largaram tudo para se dedicar ao nomadismo digital.

Observou-se que a maioria dos nômades digitais exercem sua profissão de formação e que tiveram que adaptar o trabalho ao estilo de vida nômade digital. O trabalho e o lazer muitas vezes se confundem, sendo difícil para os nômades digitais separarem essas duas áreas da vida. Notou-se que existe uma rotina minimamente controlada acerca do tempo de trabalho, mas por ser um estilo de vida flexível, não existe uma exigência rígida do cumprimento de horário de trabalho. Das características mais citadas acerca da característica do nômade digital, a organização ganhou destaque, já que eles entendem que a organização está diretamente ligada a produtividade, e se não houver produtividade o trabalho fica comprometido e, conseqüentemente, os rendimentos mensais.

Das motivações para o estilo de vida está o amor por viajar e uma vida mais flexível e de liberdade. Sendo que 70% escolheram ter esse estilo de vida e o restante foi levado a ter esse estilo de vida em algum momento de suas vidas.

A tecnologia e a liberdade são duas exigências dessas pessoas, pois liberdade é o motivo principal para querer mudar de vida e a internet é o que possibilitou a existência deste estilo de vida. Deste modo, percebeu-se realmente que toda a vida do nômade digital é moldada ao redor da internet, desde a escolha dos seus destinos, até o local de acomodação. Existem vários aspetos que são importantes para eles durante a viagem, mas nada é mais essencial do que ter uma boa internet para executar seus trabalhos e assim ser possível continuar viajando.

6.CONCLUSÕES

6.1 Introdução

A realização desta dissertação teve como objetivo analisar um novo tipo de turista - os nômades digitais - e, conseqüentemente, seu estilo de vida. Conhecer quem são os nômades digitais, assim como conhecer seu perfil e seu comportamento nas viagens é essencial para o setor do turismo poder adaptar-se e oferecer serviços específicos para esse grupo de pessoas, que tem necessidades e desejos tão particulares.

Para alcançar este objetivo, conduziu-se uma revisão de literatura e um estudo empírico. A revisão de literatura incidiu sobre as alterações que a tecnologia introduziu na organização do trabalho, nas mudanças geracionais, nos estilos de vida e no turismo. Refletiu-se teoricamente também sobre os nômades digitais enquanto novo estilo de vida e segmento turístico. O estudo empírico adotou uma metodologia qualitativa, consistiu em 20 entrevistas a nômades digitais brasileiros. Estas duas fases da investigação permitiram obter várias conclusões e refletir sobre implicações acerca desse grupo de novos turistas, que serão apresentadas na próxima seção do presente capítulo. Neste capítulo apresentam-se também as principais contribuições desta investigação para o turismo e para a compreensão deste estilo de vida. O capítulo termina com a descrição das principais dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento deste trabalho e as limitações inerentes a ele, apresentando-se algumas propostas para futuros trabalhos de investigação.

6.2 Principais conclusões e implicações

A revisão de literatura contribuiu para a construção do quadro teórico desta investigação, possibilitando chegar a conclusão que ainda não existe muita literatura científica disponível acerca do tema dessa dissertação, particularmente na área do turismo. Entretanto, verifica-se uma grande quantidade de blogs e artigos na web sobre o

tema proposto e de pessoas já praticantes do nomadismo digital que escrevem e compartilham suas experiências na internet.

A pergunta de partida que orientou todo este trabalho científico foi: Quem são os nômades digitais e quais são as suas necessidades enquanto segmento turístico? Buscou-se responder essa questão e contextualizar esse estilo de vida e seus adeptos começando por buscar referências acerca das mudanças da sociedade e do trabalho até chegar ao surgimento do nomadismo digital. Procurou-se, também, compreender esse novo estilo de vida pós-moderno e que tem sido aderido por muitas pessoas de diferentes áreas profissionais (Matos, 2016), de modo a ser possível adaptar ofertas que satisfaçam esse específico segmento de turistas.

No capítulo dois apresentou-se um breve resumo da evolução da tecnologia e sua contribuição para o surgimento do nomadismo digital, enquanto estilo de vida. Ao longo do capítulo dois verificou-se que a literatura aponta que a mudança de postura relativamente ao trabalho e a vida social fizeram muita diferença ao longo dos anos e houve muitas transformações em relação à postura sobre o trabalho entre as diferentes gerações atuais (Yu e Miller, 2005; Cavazotte, Lemos e Vian, 2012; Castells, 2000; Jorgensen, 2003; Reisenwitz e Iyer, 2009). Com base na revisão de literatura notou-se que a maneira como o trabalho e a vida social são tratados e encarados pelas pessoas podem influenciar nas suas decisões e comportamentos relacionados ao trabalho e até ao comportamento de viagem. A maneira das pessoas enxergarem os trabalhos vem mudando de geração em geração, e notou-se que nas primeiras gerações analisadas no presente trabalho, ter um bom trabalho e uma posição privilegiada na empresa era uma questão de *status* e algo importante para eles (Veloso; Dutra e Nakata, 2016). Com o passar dos anos, notou-se que as gerações começaram a se importar mais com a vida social e não se focar exclusivamente no trabalho, passaram a não viver para trabalhar, mas trabalhar para viver (Matthewman, 2012) e começaram a mudar a mentalidade e ver a necessidade de ter mais liberdade temporal e espacial. Verificou-se que, em conjunto com esta mudança de perspectivas, o desenvolvimento da internet e a criação de diversas plataformas online, possibilitou que as pessoas não precisassem mais estar presencialmente em um local para realizar certas atividades, e desse modo, algumas

peessoas que já não queriam mais trabalhar fechados em escritórios e ter apenas um mês de férias, decidindo trabalhar remotamente enquanto viajavam pelo mundo.

No terceiro capítulo foi apresentada a relação da tecnologia com o turismo e percebeu-se que o turismo é uma das atividades que mais gera movimentação de pessoas e dinheiro, e o turismo atualmente está muito ligado ao mundo móvel (Molz, 2012). Observou-se que é uma atividade que também tem sofrido alterações em consequência da evolução tecnológica, o que contribui diretamente para o crescimento e reafirmação dos nômades digitais. Neste capítulo foi possível ainda entender os diferentes conceitos apresentados por diversos autores sobre nômades digitais. Constatou-se que o conceito tem sido analisado por diferentes autores, e não existe um consenso exato da sua definição e características (Matos, 2016) destacando-se algumas características fundamentais que são comuns na diferente literatura analisada. Esta contextualização permitiu perceber quais são as características principais dos nômades digitais, assim como compreender a sua visão de mundo e a forma como encaram o trabalho e o lazer. Foi possível identificar, também, que nem todas as pessoas que viajam são nômades digitais e perceber as principais diferenças dos turistas ditos “normais” com os nômades digitais, bem como identificar outros tipos de mobilidades existentes que são diferentes ao estilo de vida nômade digital. Verificou-se que o nômades digitais são pessoas que aproveitam as facilidades da tecnologia para trabalharem de forma remota, sem, necessariamente, ter um local fixo e que precisam basicamente da internet para realizar os seus trabalhos (Richards, 2015). Eles são um tipo de turista com alguns desejos específicos, mas que tem o objetivo central do turismo, conhecer novos destinos e explorar.

O capítulo quatro apresentou detalhadamente a metodologia utilizada, tanto a nível da recolha de dados como a nível de análise dos dados recolhidos, no estudo empírico desenvolvido. Com base na revisão de literatura efetuada, verificou-se que a metodologia qualitativa seria mais indicada para explorar o tema pretendido. Optou-se pela entrevista semiestruturada, tendo-se entrevistado 20 nômades digitais brasileiros, via *Skype*. Optou-se, também, pela análise de conteúdo como técnica para análise dos dados recolhidos.

No quinto capítulo caracterizou-se a amostra do estudo empírico e apresentaram-se os principais resultados deste estudo. Começou-se por caracterizar a amostra em termos sociodemográficos e comportamento geral de viagem. Verificou-se que 55% dos entrevistados eram mulheres, 65% entre 25 e 35 anos, 55% eram casados, e 85% com formação superior. No que diz respeito às viagens, 65% dos entrevistados viajam acompanhados e 65% possuem blogs onde divide informações relevantes sobre viagens e o estilo de vida nômade digital.

Notou-se que a questão de ter uma rotina é algo não muito consensual entre os entrevistados, já que metade dispõe de uma rotina minimamente organizada, enquanto a outra metade acredita que a rotina pode variar de acordo com o trabalho e o dia e não precisa de uma rotina tão rígida. A vida nômade, para os entrevistados, traz muita liberdade e flexibilidade, mas há algumas questões que não são tão fáceis de gerir, como não ter um rendimento fixo no final do mês e lidar com a saudade da família. A tecnologia é o aspeto mais importante para a sua vida, já que por meio dela o estilo de vida é possível de existir. Deste modo, o que eles mais valorizam em um alojamento ou mesmo no destino é uma boa ligação de internet.

Quando questionados sobre o fato de se sentirem ou não turistas, notou-se que metade considerou ser e a outra não. Os que acreditavam serem turistas, apontaram questões como fazer passeios turísticos como o principal motivo. Já os que não se consideram turistas, diziam não ter os mesmos gastos que um turista, não passam pouco tempo em um local, normalmente são mais de uma semana e também têm uma relação mais próxima com a população, local, algo que consideram que o turista não faz tão bem. No entanto, observou-se que no planeamento das suas viagens utilizam ferramentas e critérios muito semelhantes às dos turistas “normais”, como utilizar o Airbnb para reservar alojamento, analisarem a novidade e atividades disponíveis no local de destino. Acresce que passam em cada local destino menos de 12 meses consecutivos e procuram efetivamente conhecer os destinos, de uma forma semelhante ao pretendido por segmentos de mercado alternativos, identificados na literatura (*slow tourists*, por exemplo).

Esses novos turistas podem trazer mais benefícios econômicos e culturais para os destinos, já que, normalmente, passam mais tempo no local e usufruem não apenas dos serviços turísticos, mas também dos serviços locais, sentindo mais ligação ao destino visitado. Nas entrevistas ficou claro que o contato com os locais e o fato de passar mais tempo nos destinos, faz com que se sintam mais próximos da localidade e se preocupem com a sua preservação. Este tipo de comportamento pode efetivamente também trazer uma pressão maior para os destinos. Por esse motivo, as questões relativas ao turismo sustentável, em todas as suas vertentes, devem ser consideradas e a decisão de apostar neste segmento turístico enquanto segmento-alvo de um destino deve ser baseada em maior conhecimento do comportamento e efeitos potenciais nos destinos. Considerando que os nômades digitais têm consumos próximos dos residentes, isso contribui para economia local, já que usufruem de acomodação, alimentação, transportes, etc. Em termos econômicos, apesar de serem turistas, eles não gastam como turistas. Normalmente tem gastos mais conscientes, buscam atrações gratuitas ou mais baratas, fazem a maior parte da sua alimentação em casa para não gastar muito com restaurantes, mas querem conhecer mais (e dispõem de um período de tempo mais longo para o fazer) atrações e características e produtos do destino. Assim, apesar de não terem tantos gastos como os turistas normais, aparentemente, poderão ter um impacto interessante mais continuado no tempo e com padrão de despesa misto de turista e residente. Outra implicação positiva é em relação a manutenção do local, normalmente são turistas mais conscientes e com ideologias mais voltadas para conservação e proteção do local.

Deste modo, conclui-se que os destinos podem beneficiar de tentar oferecer produtos que correspondam às necessidades deste segmento turístico, sendo para isso essencial desenvolver-se mais investigação na área.

6.3 Principais contribuições

Nesta seção pretendem-se destacar as principais contribuições desta investigação para o turismo e para a compreensão do estilo de vida nômade digital.

As contribuições desta investigação centram-se nas áreas de marketing, especificamente o comportamento do consumidor em turismo.

Relativamente ao comportamento do consumidor em turismo acredita-se ter contribuído para a identificação do perfil de uma nova categoria de turista, em termos de padrão de comportamento e de compra, podendo contribuir para a criação de produtos específicos para os nômades digitais. Percebendo quem os nômades digitais são, olhando-os como um novo tipo de turistas, que possuem gostos específicos de viagem, esse estudo contribui para futuro desenvolvimento de serviços e produtos mais direcionados para esse público.

Por fim, pensa-se ter contribuído para o melhor entendimento do estilo de vida nômade digital, bem como de seus praticantes. Notou-se que não existe muita literatura acerca desse estilo de vida, e com o melhor entendimento acerca dos nômades digitais pensa-se ser capaz da indústria de turismo se adaptar e criar produtos específicos para esse grupo, como já citado acima.

6.4 Principais dificuldades e limitações

Como qualquer trabalho de investigação, esta dissertação enfrentou algumas dificuldades durante a sua execução e apresenta limitações. A primeira limitação sentida foi em termos de enquadramento teórico. Não existem muitos estudos científicos que permitam delimitar os conceitos claramente, particularmente estudos feitos na ótica do turismo. Assim, e por se ter verificado existir muito mais produção escrita sobre a temática em *blogs* e *sites* do que estudos acadêmicos, recorreu-se muitas vezes a esse tipo de literatura para completar a contextualização teórico-concetual. Também as opções tomadas, em termos de temáticas a analisar no enquadramento teórico, originaram uma outra limitação desta investigação: a interligação da temática em análise com diferentes áreas temáticas obrigou a que determinadas temáticas não tivessem sido analisadas com o pormenor desejado.

Outra limitação encontrada, foi na realização das entrevistas aos nômades digitais. Apesar da entrevista ter sido realizada por aplicativos da internet, como Skype ou Whatsapp, foi difícil conseguir contactar nômades digitais e, depois do primeiro contacto feito, houve alguma dificuldade em marcar um dia e horário em comum entre a investigadora e os entrevistados para a realização das entrevistas, levando a que a recolha de dados demorasse mais tempo do que o previsto inicialmente. Essas dificuldades estão na origem do número relativamente reduzido de entrevistas. No entanto, tal como referido no capítulo da metodologia, neste tipo de abordagem a quantidade não será tão relevante, pelo que se procurou compensar a ausência de mais respostas com um conteúdo das entrevistas mais rico.

6.5 Sugestões para investigação futura

Considera-se importante que essa dissertação seja complementada com outros projetos de investigação que permitam perceber melhor o estilo de vida nômade digital e as características e comportamento dos praticantes desse estilo, principalmente para que os destinos que os recebem possam estar melhor preparados para captar e reter este segmento de turistas.

Seria interessante replicar o estudo para uma amostra mais variada em termos, por exemplo, de nacionalidades dos entrevistados, entrevistando nômades digitais a nível mundial, e não apenas brasileiros, para que seja possível conhecer de forma mais alargada os diversos tipos de nômades digitais existentes pelo mundo e perceber eventuais diferentes entre nômades digitais de diferentes *backgrounds* culturais.

Verificou-se, também, que por ser um tema novo e pouco estudado, seria interessante aprofundar os estudos sobre o estilo de vida nômade, principalmente na língua portuguesa, e identificar outras características desse grupo, bem como aprofundar estudos relacionando os nômades digitais com o turismo, por exemplo ao nível dos impactes económicos e sociais. Também seria interessante procurar analisar a perspectiva da oferta turística sobre este segmento de mercado e efetuar comparações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arriaga, A. (s/d). Nômades Digitais: O que são e as vantagens de se tornar um. Disponível em: <https://www.mundonomadesdigitais.com.br/nomades-digitais-vantagens/>. Acedido em: 29 de maio de 2018.

Barbosa, J.; Viegas, E. (s/d) Manifesto Nômades Digitais. Disponível em: <https://www.mundonomadesdigitais.com.br/nomades-digitais-vantagens/<http://nomadesdigitais.com/comece-por-aqui>>. Acedido em: 16 de fevereiro de 2018.

Braga, A.; Gastaldo, É. (2012). Variações sobre o uso do Skype na pesquisa empírica em comunicação: apontamentos metodológicos. *Revista Contracampo*, 24 (1), p.4-18.

Castells, M. (2003). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Zahar.

Castells, M.; Cardoso, G. (2005). *Sociedade em Rede. Do Conhecimento à acção Política*. Conferência promovida pelo Presidente da República. Centro Cultural de Belém.

Creswell, J. (2009). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. 3rd Edition. Sage.

De Carvalho, A. (2013). *Technologically-mediated Nomadicity in Academic Settings: Tm-N as a Dynamic and Emergent Process*. (Tese de Doutorado). University of Limerick, Limerick, Irlanda.

De Carvalho, A; Ciolfi, L. 2014. *Work Practices, Nomadicity and the Mediatonal Role of Technology*. *Computer Supported Cooperative Work (CSCW)*. DOI 10.1007/s10606-014-9201-6

Flores, L., Cavalcante, L.; Raye (2012). Marketing turístico: Estudo sobre o uso da tecnologia da informação e comunicação nas agências de viagens e turismo de Balneário Camboriú (SC, Brasil). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. São Paulo,6 (3), pp. 322-339, set./dez.

Gilbert, C. (2013). *A Brief History of the Digital Nomading. Almost Fearless*. Retrieved from: em: <<http://almostfearless.com/a-brief-history-of-digital-nomading>>. Access: 11/02/ 2018

Hannam, K; Butler, G; Paris, C. (2013). *Developments and key issues in tourism mobilities*. Annals of Tourism Research, vol. 44.

Kamoi, P. Nômades Digitais – o que é e como ser. (2015). Disponível em: <http://jornadakamoi.com/nomade-digital-o-que-e-e-como-ser/>. Acedido em: 12/02/2018

Kannisto, P. (2016). *Extreme mobilities: Challenging the concept of 'travel'*. Tilburg University, The Netherlands. Annals of Tourism Research, vol 57.

Kastenholz, E.; Lima, J. & Sousa, A.J. (2012). A metodologia qualitativa no estudo da experiência turística em contexto rural: o caso do Projeto ORTE, GOVCOPP Tourism Working Paper No.1/2012

Lemos, A. (2004) Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma "cultura copyleft"? Contemporânea. *Revista de Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 9-22. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporanea-poscom/article/view/3416/2486>>. Acedido em: 06/06/2018

Lima, J. (2015). Turismo em família: a importância do turismo para famílias economicamente carenciadas. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro. Não publicada. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/14779>.

Marcellin, F. (2014). *Age of the digital nomad: The plan to abandon cities in favour of freelance freedom – Factor*. Disponível em: <http://factor-tech.com/connected-world/9431-age-of-the-digital-nomad-the-plan-to-abandon-cities-in-favour-of-freelance-freedom/>. Acedido em: 09 de maio de 2018.

Matos, R.(2016) *Nômades digitais: perfis, motivações e viabilidade* (Dissertação de mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa.

Matos, P. (2018). Nômadas digitais e a era dos sujeitos móveis: questões de mobilidade, comunicação e trabalho num estilo de vida *location independent*. E. Araújo, R. Ribeiro, P. Andrade & R. Costa (Eds.), *Viver em mobilidade: rumo a novas culturas de tempo, espaço e distância*. Livro de atas (pp. 36-48). Braga: CECS.

Matthewman, J. (2012). *Os novos nômades globais*: tradução de Henrique Amat Rêgo Monteiro – São Paulo; Clio Editora.

Melo, L. (2016) 5 empresas que concedem férias ilimitadas aos funcionários. *Revista Exame*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/5-empresas-que-concedem-ferias-ilimitadas-aos-funcionarios/>

Miranda, R. (2009). *Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental?: um estudo no 1º Ciclo*, dissertação apresentada à Universidade de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Educação,

na Área de Especialização de Didática das Ciências, [Web log post]. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5489>

MORAES, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32.

Nascimento, N. (2015). *Nomadismo digital e Comunicação na Web 2.0: Uma análise do blog Nômades Digitais*. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pofeld, Elaine . (2016). *Freelancers Now Make Up 35% Of U.S. Workforce*. Forbes. Retrieved from: <https://www.forbes.com/sites/elainepofeldt/2016/10/06/new-survey-freelance-economy-shows-rapid-growth/#209b7c437c3f>. Acedido em: 10 de maio de 2018

Prensky, M. *Digital natives, digital immigrants*. (2001). On the Horizon NCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6. Retrieved from: <<http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital%20Natives%20%20Digital%20Immigrants.pdf>>. Acedido em: 10 de junho de 2018

Primo, Alex. (2007). O aspecto relacional das interações na web 2.0. *E-Compós*, Brasília, n. 9. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/153/154>>. Acedido em: 01/06/2018

Prodanov, C e Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico. Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico- Feevale*, 2 ed.

Reichenberger, I. (2017): *Digital nomads – a quest for holistic freedom in work and leisure, Annals of Leisure Research*. Retrieved from: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/11745398.2017.1358098>. Acedido em: 16 de agosto de 2018.

Ribeiro, E. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência*, n. 4, p. 129-148.

Santaella, L . (2011). A tecnocultura atual e suas tendências futuras. *Signo pensam*, v. 31, n. 60, p. 30-43. Disponível em: revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/article/view/2408/1692. Acedido em: 30/05/2018

Souza, M; Alves, A. (2015). *Mediação Digital: A Sociologia e as novas tecnologias. GT5 – Educação, Comunicação e Tecnologias. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. Vol. 8. Disponível em: https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1759*

Spinks, R. (2016) *Meet the 'digital Nomads' Who Travel the World in Search of Fast Wi-Fi.* The Guardian. *Guardian News and Media*, June 2015. <https://www.theguardian.com/cities/2015/jun/16/digital-nomads-travel-world-search-fast-wi-fi>

Tigar, L. (2018). *Fast Company. Advice On Living The Dream From Digital Nomads Who Make Over Six Figures.* Retrieved from: <https://www.fastcompany.com/40517739/advice-on-living-the-dream-from-digital-nomads-who-make-over-six-figures>. Acedido em: 11 fev.2018

Trivinos, A. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo, Atlas.

Veal, A. (2006). *Research methods for leisure and tourism: a practical guide.* Harlow, 3rd edition.

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate aberto. *Revista de pós-graduandos em ciências sociais da Unicamp. Temáticas*, 22. Pags 203-220. *Temáticas*, Campinas, 22, (44): 203-220.

Apêndice I - Guião de Entrevista realizado aos nômades digitais

Trabalho

- Qual a sua profissão? Exerce atualmente essa profissão? Se não, o que faz profissionalmente hoje em dia?
- No seu tempo de trabalho onde costuma trabalhar?
- Como você costuma dividir seu tempo de trabalho e lazer?

Vida Nômade

- Você possui alguma rotina? Poderia falar como seria um dia normal da sua vida?
- Por que você escolheu esse estilo de vida?
- O que te possibilitou ter esse estilo de vida?
- Qual a maior diferença do seu estilo de vida antes com o de agora?
- Como você descreveria a sua vida hoje?
- O que você mais gosta e menos gosta nesse estilo de vida?
- Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta tendo esse estilo de vida?
- O que é mais importante ter para ser um nômade digital?

Tecnologia

- Quando eu falo internet, o que vem a sua mente?

Turismo

- Você se considera um turista? Por quê?

- No seu tempo de lazer, o que normalmente você faz?
- Quais atividades de lazer você procura fazer no destino, principalmente quando chega a um novo destino?
- Como você escolhe os locais para viajar e trabalhar? Baseado em quê?
- Acerca do alojamento, onde normalmente você se hospeda? Quais fontes de informações usadas para reservar? Quais características procura num alojamento?
- Você possui algum blog onde divide informações sobre os destinos com os leitores?
- Como você se vê daqui a 5 anos?
- Você viaja sozinho ou acompanhado?

Informações Sociodemográficas

- Sexo:
- Idade:
- Estado civil:
- Habilitações literárias:
- Agregado familiar (indicar nº de filhos e idades):

Apêndice II – Exemplo de transcrição de entrevistas

P: Qual a sua profissão? Exerce atualmente essa profissão? Se não, o que faz profissionalmente hoje em dia?

R: Eu sou formado em administração e Marketing. Mas hoje eu trabalho 100% online, com serviços relacionados a viagem online. Tenho representação de um seguro de viagem e hoje meu foco principal e a a minha principal fonte de renda para 2019 será isso: estou estruturando um projeto de viagens de experiências. Então vou montar grupos de viagens e vou acompanhar essas pessoas a lugares que são vistos como incomuns.

P: No seu tempo de trabalho onde costuma trabalhar?

R: Quando eu passo mais tempo na minha cidade e na casa dos meus pais, eu tento alterar os cômodos: as vezes trabalho no quarto, as vezes na sala, as vezes no escritório ou no quarto dos meus pais. Mas quando estou em viagem eu dou preferência para cafés, pois é um local que me sinto bem, eu gosto da energia, as pessoas concentradas. O ambiente é importante para que eu produza mais.

P: Como você costuma dividir seu tempo de trabalho e lazer?

R: Sempre que aparece algo eu respondo de forma imediata. Quando surge a demanda eu paro o que estou fazendo e vou responder, isso na parte do atendimento. Mas na parte do planejamento do trabalho eu tento ver por semana qual trabalho ou ideia tenho e tento estruturar como vai ser a semana, tento tirar 1 ou 2 horas por dia até estruturar a minha ideia. E durante o dia eu faço coisas que me deixem bem.

P: Você possui alguma rotina? Poderia falar como seria um dia normal da sua vida?

R: É de acordo com a minha vontade. Eu tento otimizar o meu dia, enquanto tem luz, para trabalhar quando possível, para responder o máximo de demanda de trabalho, mas eu priorizo muito aproveitar o meu dia para fazer algo que me deixe bem. Eu sempre encontro viajantes do *couchsurfing*, estou sempre fazendo coisas diferentes, sempre voltado para os projetos sociais. Eu tento aproveitar o dia com coisas que eu sei que é êxito. E em termos de rotina eu produzo muito mais a noite. Então normalmente eu uso das 21h às 3.0h para trabalhar. Durante o dia eu tenho um caderno que vou anotando ideias e anoite eu sento para tentar executar.

P: Por que você escolheu esse estilo de vida?

R: Então na verdade eu não escolhi esse estilo de vida, eu saí da Irlanda em maio de 2015, e se naquela época você me falasse que em 3 anos eu estaria nessa vida eu não acreditaria. Na verdade, as coisas foram se adaptando e eu fui tendo experiências de vida e comparando com o que eu tinha antes. Então eu ia vendo: isso eu quero, isso eu não quero.

P: O que te possibilitou ter esse estilo de vida?

R: A liberdade. A não conexão com o trabalho, com relacionamento sério no meu caso, a não conexão com bens materiais. Essa liberdade me dá a liberdade de tentar várias coisas.

P: Qual a maior diferença do seu estilo de vida antes com o de agora?

R: Quando você tem um trabalho fixo, tem um horário para cumprir e tem ideia do seu salário você consegue direcionar mais a sua vida. Eu sei quanto vou ganhar, quanto posso gastar e quando vou ter tempo livre, então você consegue se organizar para as suas viagens, para adquirir os bens materiais e administrar a vida melhor. Quando eu tinha um trabalho fixo era mais fácil eu conseguir me organizar e saber até onde eu podia ir. Hoje como estou numa fase de transição eu ainda não me sinto 100% livre financeiramente. Mas eu sei que isso é uma fase e é preciso focar nos objetivos para alcançar os resultados lá na frente.

P: Como você descreveria a sua vida hoje?

R: Profissionalmente eu tenho certeza que estou no caminho que deveria estar, to muito tranquilo, dando passos lentos. Não estou onde quero estra, mas acredito que dentro de um ano estarei lá. É uma superação constante. É entender que sou mesmo diferente em relação aos amigos mais próximos e família e eu fico mais tranquilo. Já passei da fase de não estar bem e agora estou focando mais na parte do autoconhecimento, do conhecimento espiritual, identificar meus problemas e resolver da raíz.

P: O que você mais gosta e menos gosta nesse estilo de vida?

R: Gosto da liberdade. Liberdade de tempo, de escolhas. Eu ter tempo para focar naquilo que eu acredito que vai dar certo.

O que menos gosto desse estilo de vida é a maneira como ainda é visto. Não existe, principalmente no Brasil, algo definido em relação a isso. É muito difícil para as pessoas e para a sociedade aceitar da maneira de viver dessa forma, de que isso é algo que esta crescendo, é um estilo de vida, que ele precisa ser entendido e dado o devido valor, até como uma profissão realmente. Existe uma barreira de entendimento das pessoas de que isso é novo e é diferente do que existia há 10 ou 15 anos atrás.

P: Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta tendo esse estilo de vida?

Não tando por mim, mas vejo por outras pessoas que estão começando nesse estilo de vida que é: por onde começar, qual caminho seguir. O que vejo é que as pessoas identificam que não querem seguir o fluxo da sociedade, elas querem sair daquilo, elas buscam algo. O difícil de viver de forma nômade é de entender qual o negócio que vai te trazer a felicidade de estar trabalhando e vai te trazer também proporcionalmente a felicidade um retorno financeiro. Encontrar isso é a maior barreira, porque depois que você identifica aquilo que você quer, você vai dedicar toda a sua força, todo o seu tempo e energia naquilo.

R: O que é mais importante ter para ser um nômade digital?

Persistência. Persistir com o seu ideal, é saber que é algo que ainda é diferente, não tem muito padrão. Superar essas diferenças de forma mais tranquila.

P: Quando eu falo internet, o que vem a sua mente?

R: Informação, comunicação. Informação porque conheci muitos locais que jamais imaginei pesquisando na internet. Gosto de destinos incomuns e só foi possível conhecer pela internet. Comunicação é que já conheci centenas de pessoas na estrada e que me ajudam de forma absurda. O poder da comunicação é absurda e não sei como seria sem ela. E manter contato com as pessoas que conheci na viagem também, essa conectividade.

P: Você se considera um turista? Por quê?

R: Sou um turista. Porque a principal motivação é conhecimento, não apenas conhecimento cultural. Tem vários lugares que passei, que parei de forma estratégica porque queria criar conexão com pessoas. Quando fiz a transiberiana, por exemplo, eu parei em certas cidades porque que queria conhecer pessoas e ter amigos da Sibéria, por exemplo.

Eu gosto de viver a experiência a 100%, ter a minha visão.

P: No seu tempo de lazer, o que normalmente você faz?

R: O principal para mim é a conexão com pessoas. Eu tento ao máximo conhecer pessoas locais. Normalmente não procuro o que fazer, mas quem conhecer. Minha experiência vai ser muito maior e melhor. Uso site como *couchsurfing* e outros para conhecer pessoas, porque as pessoas mostram as suas visões, suas experiências, preferências e vai passar para mim. Eu priorizo ao extremo conhecer pessoas, então no meu tempo livre procuro conhecer pessoas sempre.

P: Quais atividades de lazer você procura fazer no destino, principalmente quando chega a um novo destino?

R: Sempre prefiro conhecer locais ou pessoas que moram na cidade para me levar e mostrar o que a cidade tem, porque acredito que assim a minha experiência será muito mais rica.

P: Como você escolhe os locais para viajar e trabalhar? Baseado em quê?

R: Baseado em pesquisas aleatórias. Eu conheço pessoas, converso sobre locais e cidades e se eu nunca ouvi sobre aquele lugar começo a pesquisar tudo. Onde fica, qual região, o que tem próximo, quantos dias ficar etc. Aí isso fica armazenado e quando surgir alguma oportunidade de passar por aquele país, por exemplo, vejo as possibilidades que tenho de passar na cidade a ou y que eu já havia pesquisado antes. Baseado em pesquisas aleatórias eu vou montando os roteiros.

P: Acerca do alojamento, onde normalmente você se hospeda? Quais fontes de informações usadas para reservar? Quais características procura num alojamento?

R: Eu não sigo um padrão. Depende do feeling e do que eu acho que vou ter de experiência naquele local. Tem cidades que eu penso que para mim vai ser melhor hostel. Normalmente eu vou no hostelworld analiso qual hostel tem melhor avaliação e vou ao booking e faço a reserva por lá. Normalmente eu faço assim quando sei quanto tempo vou ficar lá, sei quando chego e quando vou embora. Mas se por exemplo vou ficar 30 dias numa região e sei que vou para uma cidade específica, mas não sei quando, eu não reservo nada. Faço a mesma pesquisa no hostelworld, anoto alguns hosteis e guardo comigo, vejo a localização no mapa, vejo se tem disponibilidade e não reservo nada. Quando chegar eu vou no hostel e analiso em qual fico.

Quando tenho mais tempo nunca reservo mais de um dia, pergunto se tem a disponibilidade de ir adicionando por dia, porque assim tenho mais liberdade.

Algumas cidades nem vejo hostel, vou direto no couchsurfing. Crio um padrão dizendo quem eu sou, e o que estou fazendo e porque eu vou pra lá e envio para mais ou menos 30 ou 40 pessoas. Leio o perfil, normalmente mando para mulheres

e casais e pergunto se pode me hospedar ou se tem disponibilidade para sair, tomar um café. Faço isso em quase todas as cidades. Normalmente 10% me respondem, então se mando para 40 pelo menos 4 eu tenho para me mostrar a cidade etc.

P: Você possui algum blog onde divide informações sobre os destinos com os leitores?

R: Tenho canal no youtube, blog e Facebook que se chama Próxima Parada. O instagram to mais focando no meu pessoal.

P: Você viaja sozinho ou acompanhado?

R: Sozinho.

P: Como você se vê daqui a 5 anos?

R: Eu gostaria que a minha empresa de viagem de experiências para destinos não comuns estivesse mais estruturada e já funcionando da maneira que enxergo que ela pode funcionar, com os objetivos e princípios que acho que são ideias para que ela aconteça. Espero que minha vida esteja ligada a isso, a proporcionar experiências mais profundas para as pessoas. E continuar viajando para buscar novos destinos. Continuar com meus projetos sociais, hoje eu sou dono de um e coordeno outro. Tenho um terreno no Nepal que quero contruir uma casa para receber voluntários, contratar uma família para viver lá, e tenho uma ideia de estender e multiplicar para outros destinos.

P: Qual a sua idade:

R: 32

P: Qual o seu estado civil?

R: Solteiro

P: Quais são suas habilitações literárias:

R- Graduação e pós

P: Tem filhos?

R: nenhum

P: Essas foram as perguntas da entrevista, muito obrigada.

R: Nada. Obrigado.

- **Apêndice III – Codificação em árvore**

Nômades Digitais

Emitido por gomesnathalia



Códigos Árvore

Nome	Fontes	Refs
Profissão	0	0
De formação	0	0
Exercida	0	0
Local de Trabalho	0	0
Em casa	0	0
Co-Working	0	0
Divisão de Lazer e Trabalho	0	0
Há divisão	0	0
Não há divisão	0	0
Rotinas	0	0
Trabalho	0	0
Lazer	0	0
Escolha do Estilo de vida Nômade	0	0
Escolhido	0	0
Não escolhido	0	0
O que possibilitou ter o estilo de vida	0	0
O tipo de Trabalho	0	0
A internet	0	0
A liberdade	0	0
Diferenças da vida nômade X vida não nômade	0	0
Vida nômade	0	0
Vida não nômade	0	0
Como é a vida hoje	0	0
Nomadismo Digital	0	0
MAIS gostam	0	0
MENOS gostam	0	0
Maiores Dificuldades	0	0
Não Há	0	0
Renda Fixa	0	0
Saudade	0	0
O que TER para ser um nômade digital?	0	0
Força de Vontade	0	0
Persistência	0	0
INTERNET	0	0

Gerado a: 02/09/2018 00:25:31

Página: 1 de 2

Comunicação	0	0
Conexão	0	0
Se considera TURISTA?	0	0
SIM	0	0
NÃO	0	0
O que faz Assim que chegar	0	0
Conhecer os arredores do bairro	0	0
Conhecer os bares e restaurantes	0	0
Onde se HOSPEDAM	0	0
AIRBNB	0	0
Hotéis	0	0
Hostéis/Albergues	0	0
Principais características de um alojamento	0	0
Ter internet	0	0
Ter cozinha	0	0
Ter banheiro/casa de banho privativa	0	0
Como escolhem o destino	0	0
Mais Barato	0	0
O que mais os interessam	0	0
Como se vê daqui a 5 anos?	0	0